UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA - USS

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

IDEOLOGIA DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO E SUA ATUAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CARATINGA ENTRE 1979 E 1990

DANIEL GUSTAVO DA SILVA E SOUZA

Vassouras – RJ. 2008.

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA - USS

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

IDEOLOGIA DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO E SUA ATUAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CARATINGA ENTRE 1979 E 1990

DANIEL GUSTAVO DA SILVA E SOUZA

Vassouras – RJ. 2008.

UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA - USS

DANIEL GUSTAVO DA SILVA E SOUZA

IDEOLOGIA DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO E SUA ATUAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CARATINGA ENTRE 1979 E 1990

Dissertação de Mestrado apresentada para o programa de Mestrado em História Social da Universidade Severino Sombra de Vassouras – RJ, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação da Prof. Dr. Eduardo Scheidt.

Área de Concentração: História Social
Linha de Pesquisa: História Política

Orientador: Eduardo Scheidt

Vassouras – RJ. 2008.

DANIEL GUSTAVO DA SILVA E SOUZA

IDEOLOGIA DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO E SUA ATUAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CARATINGA ENTRE 1979 E 1990

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado da Universidade Severino Sombra, como requisito para obtenção de Grau de Mestre em História Social.

Aprovado em ____de _____de_____

_____

_____

_____

Vassouras – RJ. 2008.

DEDICATÓRIA

Para a minha família, pela paciência e apoio nestes dois anos e meio de luta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço todas as pessoas que contribuíram diretamente com a minha dissertação. Agradeço também ao professor Cláudio Leitão por gentilmente ter concedido entrevistas enriquecedoras, ao professor Fernando Campos pelas horas dedicas a correção da dissertação, ao professor José Ailton de Mattos pelos livros que me forneceu de sua biblioteca; ao Professor Msc. Flávio Mateus dos Santos pela força fornecida nos momentos da formatação do trabalho.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Dr. Eduardo Scheidt, que me acompanhou em todos os momentos, oferecendo-me de forma competente as orientações para o meu trabalho.

“Só pode haver revolução onde há consciência.”
(Jean Jaurés, Político Francês)

RESUMO

O MR-8, inicialmente chamado de Dissidência da Guanabara - DI-GB, teve seu principal triunfo no momento em que a esquerda brasileira estava "mergulhada" na luta armada. Trata-se seqüestro do embaixador Norte-Americano Charles Burke Elbrik, acontecimento bastante propagado pela imprensa da época. A organização participou também de vários atos na clandestinidade juntamente com outras organizações. Reorganizada novamente quando os seus principais militantes se encontravam em exílio político no Chile, a organização abandonou a luta armada para estabelecer um programa socialista. É este novo MR-8 que nos propusemos a estudar. Baseando-nos documentos políticos do II Congresso de 1979 e do III Congresso de 1982, material que balizou a "vida" da organização no transcurso da década de 80, analisamos as estratégias políticas, suas orientações para a prática de intervenção nos sindicatos, nos movimentos sociais e na política partidária através do PMDB. Por último, focalizamos sobre a atuação do MR-8 na cidade de Caratinga.

ABSTRACT

O MR-8, movement, inicialy called Guanabara Dissidência, has as its main triunph, in a moment when brazilian left wing was sunk in the armed fight, the North American Anbassador kidnapping of Charles Burke Elbirik, a fact wich was widely spead by that time press.The organization also took part in many other acts in clandestiny joined with other organizations. Reorganized when their main militants were in the political banishment in Chile, the organization abandoned the armad fight to join and establish a socialist program.

Our purpose is to study this new MR-8 movement, based on political documents from 1979 2º Congress and 1982 3º Congress, material wich supported the organization's life throug 80 decade, we analized politic strategies, its rules to the intervation practice on syndicates, on social movements and party politic though PMDB. Finally, we focused on MR-8 activation in Caratinga city.

LISTA DE FIGURAS

Figura - 01: Símbolo do MR–8 adotado a partir da segunda metade da década de 1980.....85

Figura – 02: O Resultado das eleições de 1982.....106

Figura – 03: Zeca Diabo.....107

Figura – 04: Fabinho.....107

Figura – 05: Secretário Regional do MR–8 e Presidente do PMDB Jovem de Caratinga, Prof. Cláudio de Almeida Leitão.....116

Figura – 06: O Título desse jornal expressa o sentimento do MR– 8 diante daquele momento histórico do País.....122

SUMÁRIO

Introdução.....13

Capítulo 01

DITADURA E A ESQUERDA

1.1 Ditadura Militar: Como começou.....20

1.2 A Esquerda no Brasil.....30

1.3 Lutas Armadas e Lutas Democráticas.....39

Capítulo 02

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO

2.1 MR – 8 na luta armada.....50

2.2 Revolução Socialista e Revolução Nacional Democrática.....59

2.3 PMDB: A Frente Democrática.....68

2.4 "Guiar o PMDB"..... .72

2.5 MR–8 No Pluripartidarismo.....73

2.6 Camarada Stálin.....76

2.7 Situação Nacional e Internacional.....79

2.8 Que Fazer.....82

Capítulo 03

MR–8 E SUA PRÁTICA POLÍTICA EM CARATINGA

3.1 A Cidade de Caratinga e seus aspectos políticos nas décadas de 1970 e 1980...86

3.2 PMDB: a Frente cresce em Caratinga.....95

3.3 1982 – O ano da virada política.....99

3.4 Governo do PMDB ou Governo do Fabinho?.....106

3.5 O MR–8 e a Militância.....114

3.6 No essencial foi positivo.....119

3.7 O desencanto.....134

Conclusão.....137

Fontes.....140

Referências bibliográficas.....129

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto o discurso e a prática do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) entre os anos de 1979 e 1990. Pretendemos apresentar a ideologia, bem com a sua forma de intervenção na política e nos movimentos sociais.

Tal período corresponde a um importante momento da história política do país. No ano de 1979, temos a volta do pluripartidarismo, processo de reabertura política que incentivou o MR-8 a ampliar a sua forma de atuação no interior do PMDB. A periodização, por sua vez, representa uma cronologia não necessariamente rígida. Tivemos primeiro que fazer uma breve análise dos fatores envolvendo a implantação da ditadura e do governo militar.

Esse mesmo ano, 1979, foi também o ano em que teve início a participação da organização na política da cidade de Caratinga. Ao analisarmos a atuação do MR – 8 de Caratinga, tivemos que levar em conta o cenário político e social o seu conjunto de particularidades e especificidades.

O ano de 1990 corresponde a um estágio em que deflagra um reordenamento da esquerda brasileira face ao contexto político e econômico do país. Mais especificamente, o MR-8 perde, no início da década de 90, grande parte de sua militância, e, em Caratinga, a organização participava pela última vez da luta política local, como esforço para avançar em sua estratégia de transformar o PMDB em um "partido popular".

Portanto, é um estudo de caso que visou analisar os discursos e práticas do MR-8, observando o seu projeto de interesse nacional, o qual estava contido em suas diretrizes e pode ser percebido através de sua intervenção na política partidária do PMDB, tendo a cidade de Caratinga como exemplo da atuação dessa organização orientado pelo "centralismo Democrático"[1]. O centralismo nos possibilita vislumbrar

[1] O MR – 8, como organização leninista, sempre esmerou-se por funcionar regido pelos princípios do centralismo democrático. A justificativa para o sistema do centralismo democrático é que o comando central é escolhido (no Congresso) para ser o centro formulador do partido. Funciona recolhendo todas as experiências das bases, Comitês Zonais e Regionais que compõem o Partido, imprimindo assim, sua unidade de Ação. CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) *Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado*) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994 A esquerda e o Golpe de 64. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989, p. 116.

como era a forma de atuar do MR-8 em outras partes do país onde a organização estava presente.

O nosso trabalho se vincula à história política, uma vez que "[...]é o lugar onde se articulam o social e sua representação, a matriz simbólica onde a experiência coletiva se enraíza e se reflete ao mesmo tempo[2]. Como diz René Remond, " [...]é um modo claro da prática social".[3]

A história política,[4] está presente em vários aspectos da nossa realidade. É o seu objetivo, compreender o todo social, desde a história do Estado enquanto arena de disputa de poder e de conquista, a história das relações estabelecidas na vida política, como o processo eleitoral, partidário, até estudos "[...] trabalhados porém em uma nova perspectiva, seja através da análise de novos objetos, como a opinião pública, a mídia ou o discurso"[5].

Damos ao conceito de ideologia o seguinte tratamento:

> O conceito de ideologia tem como objetivo revelar algo da relação entre uma enunciação e suas condições materiais de possibilidade, quando essas condições de possibilidades são vistas à luz de certas lutas de poder centrais para a reprodução ou, para algumas teorias, a contestação de toda uma forma da vida social.[6]

Buscamos neste trabalho contribuir para o entendimento da história política da esquerda, destacando o papel do MR-8 no que diz respeito às particularidades identificadas no contexto da redemocratização nacional. Para isto, analisarmos as estratégias de ação do MR-8 enquanto instituição clandestina no interior do PMDB, revelando as implicações e os limites que condicionam essa "aliança". A partir da estratégia de "formação da massa organizada", procuramos analisar a efetivação desse projeto nos espaços sociais pré-estabelecidos, procurando entender as suas formas de organização. Um outro objetivo que norteou o presente texto foi comparar o material e

---

[2] ROSANVALLON, Pierre: *Por uma História conceitual do político*. São Paulo: Revista Brasileira de História, V-15, nº 30. 1995

[3] RÉMOND, René, *Por uma história política*. Rio de Janeiro – RJ: Editora FGV, 2003, p.45

[4] O inventário sumário, construído pelas seqüências dos capítulos deste livro, das principais direções que a história política vem seguindo há algumas décadas, mostrará que praticamente não há hoje muitas realidades da nossa sociedade que a história política não tenha começado a explorar, desde as classes sociais até as crenças religiosas, passando pelos grandes meios de comunicação ou as relações internacionais. RÉMOND, René. Op. Cit. p 36

[5] Idem, ibidem, p.06

[6] EAGLETON, TERRY. *Ideologia.* São Paulo: Boitempo editorial, 1997. p.195.

as diretrizes nacionais distribuídos pelo Comitê Central com as ações práticas no contexto local, reconstituindo assim participação do MR-8 de Caratinga em face de acontecimentos políticos de âmbito local e nacional.

A concretização de tais objetivos só nos foi possível após analisarmos os documentos da organização em consonância outras fontes, como jornais e depoimentos de ex-militantes da organização que tiveram atuação na política de Caratinga.

Utilizamos, dois periódicos de Caratinga: o jornal *A Semana* e o Jornal *O Caratinga*. O conteúdo dos jornais é semelhante: reportagens, entrevistas sobre economia, política, cultura, vida social e esportes.

Percebe-se que o jornal *A Semana* reunia pessoas de notoriedade no meio cultural e intelectual da cidade, enquanto o *jornal O Caratinga* era basicamente produzido pelo seu editor, Humberto Luiz, homem que transitava com facilidade no meio político da cidade, e, portanto, era um porta-voz dos interesses políticos do grupo que se encontrava no poder.

> As ambigüidades e hesitações que marcaram os órgãos da grande imprensa, suas ligações cotidianas com diferentes poderes, a venalidade sempre denunciada, o peso dos interesses publicitários e dos poderosos do momento também podem ser apreendidos a partir de determinadas conjunturas[7].

Utilizamos os documentos do II Congresso e do III Congresso do MR-8. Trata-se do seu discurso oficial. Esclarecemos que o documento do III Congresso, achado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, se encontra fragmentado e com algumas partes apagadas. Os documentos tiveram uma função *sine qua non* para entendermos o "pensamento do MR-8".

Encontramos também no Arquivo Público alguns processos formulados pela Polícia Federal do Rio de Janeiro. Esses documentos nos ajudaram a estabelecer a difícil relação entre o MR-8 e o PMDB, quando esse se encontrava na clandestinidade.

Ainda nos utilizamos de fontes orais, depoimentos que serviram para construirmos os significados do passado. Dessa forma, a pesquisa oral permite: "revelar sua visão dos acontecimentos e de sua própria história de vida acerca do tema, de sua geração, de seu grupo, das formas possíveis de conceber o mundo."[8]

---

[7] LUCA, Tânia Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 130.

[8] ALBERTI, Verena. "Histórias dentro da história". In: PINSKY, Carla Bassanezi , op. cit, p. 185.

Dessa forma, relacionamos os depoimentos do professor Cláudio de Almeida Leitão (secretário do PMDB e secretário do MR-8 de Minas Gerais, responsável pela organização em Caratinga) com o discurso dos documentos e jornais da época para construção do trabalho.

Entrevistamos também o – ex-militante da organização Salatiel Ferreira Lúcio, membro que atuou até 1985. Seu depoimento foi importante para a análise da participação do MR-8 na política partidária.

Os depoimentos do professor José Ailton de Matos e Hélio Amaral foram utilizados para entendermos o contexto político nas décadas de 70 e 80 da cidade de Caratinga. Já a entrevista com José Carlos Cerqueira foi importante para percebermos como era a relação da organização junto ao PMDB, a partir da visão de um comunicólogo, que prestou serviços à prefeitura Municipal quando foi administrada pelo prefeito Anselmo Bonifácio, vulgo "Dr. Fabinho."

Do ponto de vista da reconstituição, as entrevistas, foram uma vertente da pesquisa. A relação inicial das pessoas a serem contactadas foi montada com base na criação da pesquisa, de modo a permitir pelo menos dois membros do MR – 8 de Caratinga, Professor Cláudio César de Almeida Leitão e Salatiel Ferreira Lúcio, tivessem prestado seus depoimentos e apresentados suas versões sobre os acontecimentos. Simultaneamente, despreendemos esforço para verificar os depoimentos de modo a confirmá-los, comparando-os a outras fontes. Destacamos as entrevistas por oferecerem uma rica e estimulante fonte de informações dos fatos daquela época.

Observamos que não existem estudos sobre a organização na cidade, como também faltam trabalhos mais detalhados sobre a própria política de Caratinga no período de atuação do MR-8.

Estudar o MR-8 em Caratinga visa a contribuir para a análise histórica desse grupo de esquerda que emergiu no fim da ditadura militar no país, tornado-se necessário reconstruir a sua história no momento em que os seus membros estavam engajados na política partidária da cidade, ressaltando a inexistência de estudos relacionados à história política desta organização.

O trabalho permitirá uma melhor compreensão da história política no período de reabertura democrática no país e, sobretudo, lançar um novo olhar sobre as dificuldades

políticas e ideológicas que as esquerdas depararam na tentativa de realizar a revolução socialista no país.

Outro aspecto que torna esse trabalho relevante, ainda sem estudos, é a presença do MR-8, como organização de esquerda, participando da política partidária na esfera municipal, estadual e federal. Cabe aqui informar que o MR–8 foi a primeira organização de esquerda de Caratinga.

Debruçamo-nos também no levantamento bibliográfico, selecionando obras de alguns historiadores que escreveram sobre o MR-8 em seus livros, como: Antônio Ozaí, Daniel Arão Reis Filho, Jacob Gorender, Marcelo Camurça, Denis de Moraes.[9]

A tese de Marcelo Camurça foi de suma importância para desenvolvermos a nossa pesquisa, na medida em que nos esclareceu sobre o significado de regras, códigos, "linhas políticas", táticas e estratégias " do esquema dado e os objetivos da linguagem política da esquerda, revelando-os enquanto ritos: de iniciação, de passagem, etc., marcas (tótens) identitárias distintas do grupo."[10]

Não foi encontrado nenhum outro livro ou material que falasse, exclusivamente sobre o MR-8. No entanto, muitas obras continham textos sobre a organização. Destacamos o livro *História das Tendências,* obra que analisa a trajetória da esquerda brasileira, identificando os grupos que se formaram ao longo do Brasil república. Outro livro muito utilizado em nossa pesquisa é do historiador Daniel Arão Reis, *Imagens da Revolução,* que contém documentos de várias organizações comunistas que estiveram na luta armada. Neste livro encontramos um documento pertencente ao MR-8, "Linha Política e Orientação para a prática (abril, 1969, e janeiro de 1971)". Outras obras do mesmo autor, como *A Revolução Faltou ao Encontro, o Golpe e a Ditadura Militar, Revolução e Democracia (1964-...)* foram utilizados para entendermos o papel da esquerda brasileira naquele contexto.

No sentido de identificar o contexto político que possibilitou o surgimento da esquerda clandestina, produzimos o primeiro capítulo "A ditadura e a esquerda". Nele pontuamos os fatores que conduziram à ditadura militar.

---

[9] OZAÍ, Antônio da Silva. História das tendências no Brasil, São Paulo: Proposta, 1987. FILHO, Daniel Aarão Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990. MORAES, Denis de. A esquerda e o Golpe de 64. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989. CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) *Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado*) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

[10] Idem, Ibidem, p.7

No primeiro capítulo, analisamos o processo político, econômico e social que propiciou a implantação da ditadura militar, bem como o aparecimento das organizações clandestinas, fruto da repressão política implantada na época.

Analisamos no segundo capítulo a relação dos documentos oficiais da organização, relacionando-as aos contextos políticos daquele período, vislumbrando a forma como o MR-8 era organizado, no que acreditava e como lutava.

No terceiro capítulo, mostramos a experiência da organização na política e nos movimentos sociais na cidade de Caratinga – Minas Gerais, com o objetivo de trazer à luz da historiografia os acontecimentos envolvendo o MR-8 no interior do PMDB.

Buscamos identificar e entender as concepções ideológicas e práticas do MR-8 em um dado momento histórico, sem nos ater a tentativas de provar se suas formulações políticas são eficazes ou verdadeiras em relação às de outras organizações.

O interesse central desse trabalho reside na discussão de mostrar como o MR–8, em um determinado momento histórico se organizou estratégica e ideologicamente para trabalhar sua ação política, de modo a atingir os seus objetivos.

CAPÍTULO 01

1 DITADURA E A ESQUERDA

INTRODUÇÃO

O Brasil, país de abundantes riquezas naturais e uma potência no plano econômico, onde crescia a popularidade das esquerdas e surgiram os anúncios das reformas sociais do governo João Gourlart, tornou-se um dos principais alvos da intenção dos norte-americanos. A intromissão dos EUA no Brasil e nos demais países da América Latina ultrapassou os interesses econômicos. Era também sua ambição garantir o controle político e ideológico do sistema capitalista nessa região. A relação entre a elite brasileira e os EUA intensifica-se a partir dos anos 50, quando o capital internacional ganha espaço no plano econômico brasileiro através da industrialização. Desde então, cresceu e estabeleceu-se no país sob, as diversificados setores econômicos, a influência das empresas multinacionais aliadas ao poder econômico e político local, em torno de interesses de formar diretrizes políticas que possibilitassem o domínio do mercado e destruísse a estrutura econômica de estado, no qual os embates entre interesses das classes dominantes e subordinadas estavam mais latentes no governo de Jânio Quadros. Para o historiador Jacob Gorender, o populismo deteriorou quando do "ponto de vista da burguesia, o sedativo havia perdido eficácia para o mal específico da luta de classes".[11]

Explicamos também o envolvimento das diversas tendências da esquerda contra o regime militar, o que teve origem a partir das discussões internas no Partido Comunista Brasileiro – PCB, eclodindo nos rachas ou dissidências de vários grupos e facções que partiram para a luta armada.

Neste contexto, surgem várias organizações de esquerda como oposição ao sistema: Comando de Libertação Nacional – COLINA, Aliança Nacional Libertadora – ALN, Movimento de Ação Revolucionário – MAR, Movimento Revolucionário 8 de Outubro – MR-8, Vanguarda Armada Revolucionária – Palmares, VAR – Palmares, Vanguarda Popular Revolucionária – VPR, entre outros grupos. E é exatamente uma dessas organizações que pretendemos estudar: o MR-8, mais especificamente, o aparelho da organização na cidade de Caratinga[12]- Minas Gerais.

1.1 DITADURA MILITAR: COMO COMEÇOU

[11] GORENDER, Jacob. Combate nas trevas. São Paulo: Ática, 1990, p. 16.

[12] A cidade de Caratinga está inserida na região Leste de Minas Gerais e é cortada pela rodovia BR -116 (Rio- Bahia), ocupando uma área de cerca de 1258, 69 km. No campo político, o MR-8 tem a peculiaridade de ser o primeiro grupo de esquerda formado na cidade a participar da política partidária

É necessária, nessa etapa inicial do trabalho, a reflexão sobre a conjuntura anterior ao fatídico mês de março de 1964, data em que foi instaurada a ditadura militar e período marcado na história do país pelo autoritarismo, cassação dos direitos constitucionais, perseguição policial e militar, prisão e tortura dos opositores ao regime, e pela intervenção de censura prévia nos meios de comunicação.

Numa perspectiva mais ampla, a partir da II Guerra Mundial, com as potências européias enfraquecidas, duas superpotências nascem resultantes desse conflito, os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS. Essas potências defendiam o fim do império colonial, paradoxalmente, pela lógica dessa bipolaridade objetivavam manter sob o domínio geopolítico em várias partes do mundo, contrariando o principio da autonomia.

Na luta pela supremacia, os EUA preocupavam-se com a perda do domínio em vários países do mundo em que o socialismo estava vivo e tendia a lutar por um projeto que entrava em confronto com o modelo capitalista. A ameaça iminente ao *status quo* do sistema econômico, político e ideológico levou os EUA a intervir, em vários países como forma de submetê-los aos ditames que lhes interessavam, espantando assim a "ameaça vermelha" dos seus interesses imperialistas. Eric Hobsbawm, em a *Era dos Extremos*, destaca esse momento da história:

> Quase desde o inicio da Guerra Fria, os EUA partiram para combater esse perigo por todos os meios, desde a ajuda econômica e a propaganda ideológica até a guerra maior, passando pela subversão militar oficial e não oficial; de preferência em aliança com um regime local amigo ou comprado, mas, se necessário, sem apoio local.[13]

Fica latente após 1945 o temor dos Estados Unidos. Os países do leste europeu Polônia, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Romênia, Bulgária e Albânia passam a integrar o bloco socialista, como também parte da enfraquecida Alemanha que saíra derrotada da guerra, dando origem ,em 1954, à República Democrática Alemã.

No extremo Oriente, China (1949), Coréia do Norte (1945) e Vietnã, Loas e Camboja transferiram seus regimes para o sistema comunista. No hemisfério Ocidental Cuba (1959) representa o "bloco vermelho". Até a década de 70 o setor socialista praticamente possuía uma configuração expressiva no globo.

---

[13] HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.422.

> Essa era a parte do mundo cujos sistemas sociais em determinada altura da década de 1960 vieram a ser chamadas, na terminologia da ideologia soviética, de países de " socialismo realmente existente". Um termo ambíguo que implicava, ou sugeria, que podia haver outros e melhores tipos de socialismos, mas na prática esse era o único que funcionava de fato.[14]

Esses países que acompanhavam o bloco socialista, com menor medida no Partido Comunista Chinês, alinhavavam-se ao modelo soviético. Eram compostos por sistemas políticas uni - partidários e governos centralizados com líderes personificados. Suas economias eram planejadas pelo estado.

No mesmo período de efervescência socialista, naquela região, vários países europeus do bloco capitalista se recuperavam da guerra, conseguindo na década de 60 alcançar certa prosperidade. Segundo o historiador Eric Hobsbowm, "o clube de economias industriais capitalistas avançadas, a OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico), reviu para cima suas previsões de crescimento à medida que os 60 avançaram"[15] e apresentaram crescimento mais rápido que o norte -americano entre o período de 1953 e 1973, porém insuficiente para alcançar a pujança desse país.

O mundo ficou polarizado diante dessas duas forças. A URSS controlava parte do globo ou tinha influência sobre ela, e os EUA regia o resto do mundo capitalista. Confrontos que seriam chamados de Guerra Fria resultaram em uma forte presença dos EUA nas decisões internas de países da América Latina, patrocinado regimes militares direitistas.

> No Brasil, a história se repetiria: no dia 30 de setembro o departamento de Estado esboçara uma proposta de política de curto prazo para o Brasil na qual se incluía um programa clandestino de penetração no meio militar e desde logo se recomendara o apóio e imediato reconhecimento de qualquer regime que os brasileiros para substituir Goulart.[16]

Em alguns países como o Chile, a desestabilização e derrubada do presidente socialista Salvador Allende, em 1973, teve a participação direta dos EUA.

Esta rápida introdução nos permite contextualizarmos o quadro geopolítico em que o mundo se encontrava quando a ditadura assume o Estado. Em face dessa prerrogativa, torna-se necessário fazer uma conjectura das questões internas que propiciaram tal acontecimento.

---

[14] Idem, ibidem, p.362.
[15] Idem, ibidem, p.255.
[16] GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.48.

A emergente classe burguesa oriunda dos setores industriais, que se concentravam principalmente nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, passou a fazer parte da configuração no campo político e econômico, a partir da década de 30 no país. A concentração das empresas no sudeste do país estabelecem a mudança, também, do poder econômico para esta região, afirma René Armand Dreifuss " Essas mudanças econômicas forçaram um deslocamento do poder agrário e comercial do nordeste para a região sudeste do país e das tradicionais elites agrárias para novos grupos urbanos"[17]

O aparecimento dessa nova classe como forma de reorganização da política e do sistema econômico brasileiro foi viabilizado pela crise da economia oligárquica agravada em decorrência da crise do sistema capitalista de 1929.

Sob a presidência de Getúlio Vargas, o Brasil enveredou por caminhos que constituíram uma nova forma de governo para atender demandas que precisaram ser acomodadas. Segundo René Dreifuss (1981), através do populismo[18], o Executivo procurava "estabelecer um esquema de limitada mobilização política nacional das massas urbanas, baseada em uma estrutura sindical contratada pelo Estado e no apoio institucional do PSD e PTB" [19].

A política nacional-estatista e desenvolvimentista do sistema capitalista no país, sob a égide do Estado Novo, 1937 – 1945 deu início ao primeiro estágio de nacionalização da economia com a criação de empresas estatais e o desenvolvimento das indústrias privadas. A concentração da riqueza gerada a partir do desenvolvimento industrial por noções militares de ordem nacional e de progresso legitimou no país as

[17] DREIFUSS. René Armand. *1964: A Conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1981, p.21.
[18] Para efeito da presente análise, será considerado o populismo como o bloco histórico constituído pelas classes dominantes dentro das condições particulares do Brasil, isto é, a integração e articulação de diferentes classes sociais sob a liderança de um bloco de poder oligárquico-industrial. Mesmo sendo a forma que tenta encobrir a supremacia de classe desse bloco de poder, o populismo permitiu a existência de um espaço político no qual as classes trabalhadoras foram capazes de expressar algumas de suas reivindicações e de desenvolver formas organizacionais que tentaram quebrar a camisa de força ideológica e política populista. Idem, ibidem,p. 43.
[19] Idem, ibidem,p. 27.

bases do bloco histórico burguês.[20] Do ponto de vista marxista, significa a dominação da classe dominante sobre a superestrutura nos países capitalistas.

> A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe também dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. Os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes; elas são essas relações materiais dominantes consideradas sob forma de idéias, portanto a expressão das relações que fazem uma classe a classe dominante, em outras idéias, são as idéias de dominação.[21]

Com o fim do Estado Novo após a 2º Guerra Mundial, o General Eurico Gaspar Dutra do PSD vence as eleições apoiado por Getúlio Vargas, Marechal Eurico Gaspar Dutra da uma nova orientação no plano econômico, atraindo para o mercado interno o capital internacional em condições favoráveis e regredindo no processo de estatização.

Nesse governo o Partido Comunista do Brasil (PCB) demonstrou forças nas eleições estaduais, tornando-se o terceiro partido com mais votos no Estado de São Paulo, além de emplacar vários de seus representantes na Câmara Municipal da capital federal. O crescimento do PCB nas eleições, além das pressões internas e externas decorrentes da guerra fria levaram o governo à declaração de ilegalidade do partido.

O que nos interessa mostrar é que nesse momento o processo de concentração de capital nacional desenvolver-se-ia paralelamente com o capital internacional. Inaugura-se a participação de uma nova forma do capital externo no arranjo político e econômico do país.

Vemos que no governo de Juscelino Kubtschek (1956 a 1961), com a realização de seu Plano de Metas (novo plano de desenvolvimento)[22] estabeleceu condições " para

[20] René Dreifuss utiliza o conceito de bloco histórico desenvolvido por Gramsci: O conceito de bloco histórico empregado como a articulação interna de uma dada situação histórica, isto é, a integração e incorporação (articulação) de diferentes classes sociais (opostas) e categorias sociais (distantes) sob a liderança de uma classe dominante em bloco de frações. Essa classe dominante ou bloco de poder sugere assegurar o consenso e o consentimento das classes e grupos subordinados e subalternos em decorrência de sua capacidade de definir e manter as normas de exclusão social e política. Assim, a tradução política da noção de bloco histórico é de hegemonia. No entanto, não se deve entender hegemonia como uma mera legitimação ou aquiescência a um conjunto de valores, pois ela envolve o exercício de diferentes formas de coerção na própria definição das básicas relações classistas de força. Idem ibidem, p. 43.

[21] MARX, Karl. *A ideologia alemã*, São Paulo – SP: Martins Fontes, 1998, p.48.

[22] Tomado em conjunto, o Plano de Metas visava aprofundar o processo de industrialização. Incentivo, por um lado, os investimentos privados de capital nacional e estrangeiro, propunha ampliar o parque industrial. Por outro lado, atacava os pontos de estrangulamento da economia, isto é, os problemas estruturais que impediam o incremento industrial, prevendo grandes investimentos estatais na infra-estrutura. FERREIRA, Jorge e ALMEIDA, Lúcia Neves Delgado. *O Brasil Republicano, o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*, Rio de Janeiro – RJ: Civilização Vrasileira, 2003.

a proeminência econômica do capital oligopolista multinacional e associado"[23]. Essas condições foram apresentadas por Dreifuss.

> Os interesses multinacionais e associados tiveram de procurar outros fatores para produzir diretrizes que levassem à sua consolidação econômica. Juscelino Kubtscheck proporcionou essa estrutura apropiadora com efeito, com implantação de seu plano de metas, e como pré- requesito para a sua realização, foi criada uma ampla gama de organismos de planejamento e consultoria e comissões de trabalho, aos grupos Executivos. Eles formavam uma administração paralela coexistindo com o Executivo tradicional e duplicando e substituindo burocracias velhas e inúteis. Essa administração paralela, composta de diretores de empresas privadas e empresários com qualificação profissionais, os chamados técnicos, e por oficiais militares, permitia que os interesses multinacionais e associados assegurassem os canais tradicionais de formulação de diretrizes políticas e os centros de tomadas de decisão, contornando assim as estruturas de representação do regime populista[24].

As condições cedidas pelo país à entrada do capital internacional reordenaram o mercado econômico, que por sua vez orientou as decisões política do país. No aspecto econômico houve uma "crescente concentração econômica e centralização do capital com a predominância de grandes indústrias e financeiras integradas, e um processo de controle oligopolista do mercado."[25]

Em suma, as grandes multinacionais dominavam e ditavam o rumo da economia brasileira. As bases (ou infra-estrutura) do grande capital estavam se consolidando e influenciando as decisões políticas do país.

Para expressarem os seus interesses financeiros no mercado interno brasileiro, fazia parte da estratégia do capital transnacional não apenas a imposição de regras econômicas, mas, sobretudo, assegurar as decisões políticas favoráveis em nível de Estado nacional.

Neste estágio da economia do país, entra em cena a figura dos agentes sociais[26] que iriam intervir nas decisões política. Profissionais e empresários que "acumulavam também cargos de diretoria em diferentes companhias multinacionais e

[23] DREIFUSS. René Armand. *1964: A Conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 34.
[24] Idem, ibidem, p. 35.
[25] Idem, ibidem, p.145.
[26] Esses agentes sociais modernizantes-conservadores, todos eles verdadeiros intelectuais orgânicos do novo bloco em formação, eram: A) diretores de corporações multinacionais e diretores e proprietários de interesses associados. Muitos deles com qualificação profissional. B) Administradores de empresas privadas, técnicos e executivos estatais que faziam parte da tecno-burocracia; e oficiais militares.

associados, o que os torna capazes de exercer considerável pressão econômica na administração de Juscelino Kubitschec e Jânio Quadros."[27]

Juscelino Kubitschec foi o último presidente que conseguiu manter certa estabilidade entre os interesses do grande capital e o dos trabalhadores. "Tal ´conciliação' múltipla de interesses e pressões diversificados, como a que foi alicerce e expressão da administração de JK, não se repetiria após seu governo."[28]

Esta relação entre a elite dominante com os trabalhadores, iniciado no governo de Getúlio Vargas, buscava a estabilidade econômica e política do Estado. Este[29] tinha a dupla atividade de promover o desenvolvimento do sistema capitalista, ao passo que contemplasse as bandeiras do populismo.

> Sob vários aspectos, o populismo latino-americano parece corresponder a uma etapa específica na evolução das contradições entre a sociedade nacional e a economia dependente. A natureza do governo populista (que é onde se exprime mais concretamente o caráter do populismo) está na busca de uma nova combinação entre tendências do sistema social e as determinações da dependência econômica. Nesse contexto, as massas assalariadas aparecem como um elemento político dinâmico e criador. As massas populares (por sua ações, tanto quanto na forma pela qual são manipuladas) possibilitam a reelaboração da estrutura e atribuições do Estado. Segundo as determinações das próprias relações sociais e econômicas, na época do populismo, o Estado revela uma nova combinação dos grupos e classes sociais, em âmbito nacional e nas relações externas.[30].

Jânio Quadros, eleito em 1960 através de uma articulação de forças composta de empresários, oligarquias liberais, classes médias, recebeu um legado de problemas, a " inflação que se tornou incontrolável, a estagnação agrária, dificuldades nos balanços de pagamentos, bem como a exaustão do mercado de consumo de bens que beneficiava a classe média alta."[31]

A conciliação de interesses entre grupos antagônicos nas relações de produção capitalista, logo iriam entrar em choque. Os objetivos do grande capital necessitavam de medidas políticas para alavancar o crescimento do mercado, sem o entrave que se apresentava com os grupos antagônicos.

---

[27]DREIFUSS. René Armand. *1964: A Conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1981, p.72

[28] Idem, ibidem, p.125.

[29] A presença de um aparato administrativo com a função de prover à prestação de serviços públicos e o monopólio legítimo de forças. BOBBIO, Norberto. *Estado Governo e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 69.

[30] IANNI, OCTAVIO. *A formação do Estado populista na América Latina*. São Paulo: editora Ática, 1989, p.9.

[31] DREIFUSS. René Armand. *1964: A Conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1981, p.28.

> Os interesses multinacionais e associados tornaram–se cientes da impossibilidade de conseguirem o necessário reajuste extensivo da economia e da administração dentro de uma sociedade "pluralista" e de um sistema político eleitoral. Tal sistema, apesar de restrito, era aberto aos interesses e pressões conflitantes que, segundo a política comum do populismo, deviam ser parcialmente conciliados. [32]

Após a renúncia do governo Jânio Quadros, assume a presidência João Goulart, depois de ser quase impedido por uma manobra militar mal sucedida, promovida por ministros militares[33].

Ateremo-nos em uma análise com mais detalhes sobre o governo de Jango, para destacar algumas características de seu governo que serviram de pretexto para os golpistas de 1964.

> A questão democrática não estava na agenda da direita e da esquerda. A primeira estava disposta a romper com tais regras, utilizando-os para defender os seus interesses. A segunda, por sua vez, lutava pelas reformas a qualquer preço, inclusive com o sacrifício da democracia.[34]

Com a posse de João Goulart tornou-se possível a realização de certa continuidade do projeto nacional-estatista. Embora, o feito do desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschec abalasse o seu fundamento, permaneceria ainda a estrutura política brasileira.

Medidas tomadas por João Goulart atingiram fortemente os interesses das multinacionais no país, dentre elas, a reforma do estatuto do capital estrangeiro, que visam disciplinar e regular os investimentos estrangeiros no país e as remessas de lucros para o exterior, ou seja, as multinacionais deveriam reinvestir boa parte dos seus lucros no Brasil.

> A partir dessas cláusulas, o capital estrangeiro e o capital nacional seriam tratados em igualdade de condições. O capital estrangeiro foi definido como os bens, maquinário e equipamentos que entrassem no Brasil, destinados à produção de bens ou serviços, sem as despesas iniciais de cobertura cambial, bem como os investimentos com dinheiro em espécie introduzidos para atividades econômicas. [35]

---

[32] Idem, ibidem, p. 129.

[33] Os ministros militares eram o brigadeiro Gabrile Grum Moss (Aeronáutica), o general Oclídio Denis (Guerra) e o almirante Silvio Heck (Marinha). Idem ibidem, p.17.

[34] FERREIRA, Jorge e ALMEIDA, Lúcia Neves Delgado. *O Brasil Republicano, o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*, Rio de Janeiro – RJ: Civilização Brasileira, 2007. p 400.

[35] Idem ibidem, p.131.

Os outros itens que compunham o programa da reforma de base abarcavam quase todos os aspectos do governo. A reforma agrária, com o objetivo de expropriar as terras inexploradas para distribuí-las a uma numerosa classe de pequenos agricultores recebia o apoio de contingente expressivo de trabalhadores rurais.[36] A Reforma Agrária seria o carro chefe das mudanças sociais e políticas do país. Implicaria, sobretudo, em mudanças nas estruturas que foram construídas para manutenção do latifúndio dos coronéis, o qual era caracterizado pelo "clientelismo, mandonismo"[37] e os currais eleitorais. Ainda cedo, João Goulart enfrentaria a resistência de forças conservadoras que não desejavam às mudanças, porque elas afetavam os seus interesses. Manifestações contrárias à reforma também foram realizadas.

> Desde essa época, entidades ruralistas, setores da Igreja Católica, partidos liberais conservadores (UDN e setores majoritários do Partido Social Democrático - PSD), grande imprensa, etc. – radicalmente à revisão – constitucional fizeram campanha nacional contra a chamada reforma agrária " radical do governo"[38]

O bloco populista, que no passado fazia parte de uma estratégia de manipulação, articulação e consentimento no governo de João Goulart passou para uma forma de participação, ensejando forte luta de classes. As idéias das reformas de base contemplariam os anseios das massas trabalhadoras e de vários setores das camadas médias e do setor nacionalista da burguesia. Desta maneira, o setor ligado às multinacionais, técnicos, empresários e aos militares brasileiros articularam alternativas que barrassem as reformas de base e o crescimento desse bloco populista.

Neste sentido, organizações como o Instituto de pesquisa e Estudos Sociais – IPES e Instituto Brasileiro de Ação Democrática – IBAD representaram os setores

---

[36] Na luta pela Reforma Agrária, as ligas associaram às demais organizações políticas progressistas do país, participando - tal como ocorre hoje com o movimento dos trabalhadores Sem – Terra – MST, de comícios, passeatas, manifestações no congresso em defesa de base, em particular da reforma agrária. TOLEDO, Caio Navarro de. 1964 – O golpe contra a reforma e a democracia. In: FILHO, Daniel A. Reis. RIDENTE, Marcelo. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O Golpe e a Ditadura Militar: Quarenta anos depois (1964 – 2004*) São Paulo: EDUSC, 2004, p 72.

[37] O Termo clientelismo, segundo José Murilo de Carvalho, foi sempre empregado de maneira indefinida. De modo geral, indica um tipo de relação entre atores políticos que envolve concessão de benefícios públicos, na forma de empregos, benefícios fiscais, isenções, em troca de apoio político, sobretudo na forma de voto. In: Dados revista de ciências sociais, Rio de Janeiro, v.40, Nº 2, 1997. Disponível em: CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo. Uma discussão conceitual. Disponível em: <http// www.sociologia.ufsc.br/ Mandonismo Coronelismo, Clientelismo. Uma discussão conceitual >acesso em 16/10/2007.

[38] FILHO, Daniel A. Reis. RIDENTE, Marcelo. MOTTA, Rodrigo Patto Sá *O Golpe e a Ditadura Militar: Quarenta anos depois (1964 – 2004*) São Paulo: EDUSC, 2004, p.73.

empresariais, "cujo objetivo era agir contra o governo nacional – reformista de João Goulart contra o alinhamento de forças sociais que apoiavam a sua administração".[39]

> A história do complexo IPES/ IBAD relata o modo pelo qual a elite orgânica da burguesia multinacional e associado envolveu de um limitado golpe de pressão para uma organização de classe capaz de uma ação política sofisticada, bem como o modo pelo qual ela evoluiu da fase de projetar uma reforma para o estágio de articular o golpe de Estado.[40]

A Escola Superior de Guerra – ESG, criada em 1949, a partir de 1963 " transformou-se na célula pensante aglutinadora das forças que deram o golpe". [41] A ESG cultivava a ideologia de segurança nacional, sendo identificadas pelos civis como a instituição que agia "politicamente correto," e que defendia os interesses nacionais. Contudo, a sua participação na vida política brasileira foi estreitamente ligada às estratégias da elite econômica.

> Seguindo à risca os preceitos da Doutrina de Segurança Nacional, na qualidade de força dirigente, as Forças Armadas assumiram a função de partido da burguesia, manobrando a sociedade civil, através da censura, da repressão e do terrorismo estatal, para promover os interesses da elite dominante, assegurando-lhe condições de supremacia em face do social.[42]

A Igreja Católica era outra frente que deu apoio ao golpe. A idéia de que o materialismo ateu, em especial o exemplo da União Soviética, "ameaçava" a civilização ocidental cristã, invadiu as consciências dos religiosos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, levando-os a tomar posições conservadoras.

Diante do temor que as reformas de base, uma vez implantadas, poderiam representar para o sistema político e ao mercado econômico que era regido sob influência da elite, levou os complexos IPES/IBAD a promover estratégias para desestabilizar o governo.

> [...] um verdadeiro movimento civil, expresso em encontros, comícios e nas famosas Marchas da Família com Deus e pela liberdade que reunia milhões

[39] DREIFUSS. René Armand. *1964: A Conquista do Estado. Petrópolis*: Vozes, 1981, p.161.
[40] Idem, ibidem, p.162.
[41] CHIAVENATO, Júlio José. *O Golpe de 64 e a Ditadura militar*. São Paulo: Moderna, 1984, p 68.
[42]FERREIRA, Jorge e ALMEIDA, Lúcia Neves Delgado. *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimento sociais em fins do século XX* Rio de Janeiro – RJ: Civilização Brasileira, 2007, p.21.

> de pessoas em todo o país, fundamentais para legitimar as posições favoráveis à intervenção militar golpista.[43]

O golpe foi fruto desse processo de ações contra o governo de João Goulart, articulado pelas instituições civil e militar. A imprensa, a classe média e a Igreja Católica, foram setores importantes que os golpistas conquistaram para viabilizar a destituição de João Goulart. As iminentes "ameaças" que as reformas trariam aos privilégios da classe dominante foram interpretadas pela classe média, entendimento inculcado através de estratégias da elite, como ameaça aos seus interesses. O objetivo principal das elites foi atingido, propagar entre esses setores as suas idéias que correspondiam às idéias de toda a sociedade, combatendo o discurso comunista de que na sociedade tem vários grupos sociais que, de um lado, possuem os modos de produção e ,portanto, dominam e dirigem a vida econômica[44] e social e, de outro, que existe aqueles que estão subordinados.

O desfecho do golpe de 31 de março veio de Minas Gerais, comandado pelo general Olímpio Mourão Filho, com a solidariedade de políticos e militares de todas as partes do país. A esquerda não ofereceu resistência. A derrocada do projeto reformista "enterrava" o último governo populista do país e cedia lugar aos anos que viriam a ser chamados de " anos de chumbo."

> Mais apropriado seria afirmar que 1964 significou um golpe contra as reformas sociais e políticas, uma ação repressiva contra a politização das organizações dos trabalhadores (no campo e nas cidades); um golpe contra o amplo e rico debate ideológico e cultural que estava em curso no país. Em síntese, as classes dominantes e seus aparelhos ideológicos e o políticos, no pré – 64, apenas enxergaram baderna, anarquia, subversão e comunização do país diante de legítimas iniciativas dos operários, camponeses, estudantes, soldados e praças, etc.[45]

---

[43]FILHO, Daniel A. Ditadura e Sociedade: As reconstruções da memória. In: FILHO, Daniel A. Reis. RIDENTE, Marcelo. MOTTA, Rodrigo Patto Sá *O Golpe e a Ditadura Militar: Quarenta anos depois (1964 – 2004*) São Paulo: EDUSC, 2004, p. 39.

[44] A história de todas as sociedades que já existiram é a história de luta de classes. Karl Marx e Friederch Engels, *O manifesto Comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998 p.38.

[45] TOLEDO, Caio Navarro de. 1964 – O golpe contra a reforma e a democracia. In: FILHO, Daniel A. Reis. RIDENTE, Marcelo. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O Golpe e a Ditadura Militar: Quarenta anos depois (1964 – 2004*) São Paulo: EDUSC, 2004, p.68.

Era objetivo da elite dominante[46] estabelecer um governo que reordenasse o sistema capitalista brasileiro em torno de um projeto multinacional e liberal, centrado na abertura da economia para o mercado internacional, incentivando o capital privado, nacional e estrangeiro, numa concepção de Estado mais regulador e intervencionista.

Como fator estratégico para alcançar o objetivo, Minas Gerais seria o estado fundamental para depor o presidente João Goulart. A localização geográfica, a influência na política do país, bem como a forte identidade mineira, estão presentes na história[47], apresentando-se nos momentos de transições no país sob a forma de conciliação nacional, fazendo de Minas o ponto de convergências de interesses das elites do eixo São Paulo – Rio de Janeiro, conforme escreve Heloísa Murgel Starling:

> Em primeiro lugar, devido ao papel desempenhado por Minas a nível nacional, ao alto grau de prestígio político alcançado por suas elites e o peso de suas influências na administração Federal, seja na articulação de lutas políticas, seja na preservação da identidade regional e do consenso tácito estabelecido internamente entre as elites mineiras, sobrepondo-se a eventuais disputas internas possibilitava jogar um papel decisivo no quadro estratégico do IPES a nível nacional. Ao mesmo tempo, a posição geográfica de Minas dentro do território brasileiro, como um dos pontos do triângulo formado por Rio e por São Paulo, definia não só uma importância política como também sua importância do ponto de vista empresarial, delimitando a principal área de concentração industrial do país[48].

1.2 A ESQUERDA NO BRASIL

Entre 1961 e 1971-72, surgiram e foram desmantelada no país as organizações radicalizadas de esquerda, isto é, aquelas que romperam com a idéia de revolução por

[46] O que unificava, no entanto, em suas relações econômicas multinacionais e associados, o seu posicionamento e a sua ambição de readequar e reformular o Estado. DREIFUSS. René Armand. *1964: A Conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 163.

[47] A inconfidência Mineira transformou-se no grande momento da história política do Estado de Minas Gerais. Na realidade, a sedição de 1789, independente do que tinha significado em termos de seu momento histórico específicos, passou a representar em Minas Gerais a cristalização ideológica de resistência à opressão em geral (...) Nesse sentido a Inconfidência Mineira e a figura de Tiradentes formam partes das tradições populares, isto é, o conjunto de interpelações que expressem a contradição povo/bloco de poder como distinta de uma contradição de classe. Isso esclarece porque a Inconfidência Mineira pode ser evocada por discurso e movimentos políticos os mais divergentes. Por outro lado, ao se apropriarem ideologicamente da Inconfidência Mineira, os conspiradores de 1964 estão buscando sua legitimidade em um movimento que passou a ser identificado com a essência mesma do que se convencionou designar como o espírito mineiro. STARLING, Heloísa Maria Murgel. *Os senhores das Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1986, p.87.

[48] STARLING, Heloísa Maria Murgel. *Os senhores das Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1986, p.47.

etapas[49], defendida pelo PCB. Este período deu início ao "primeiro elo de uma longa corrente que, desde então, não mais cessaria, quebrando o monopólio de representação política a que pretendia o PCB em 1922".

> O surgimento destas organizações recuperava os princípios marxistas – lennistas: é a inevitabilidade da revolução. O partido era a vanguarda, um grupo reduzido de militantes, de elite, capaz de guiar massas, legitimado pela ciência, pela teoria que elevaria o nível das massas, caracterizando-os, despertando a classe operária para o papel que historicamente lhe era destinada. Algumas já se auto-definiam como partido, outros como um " partido em construção; outros como uma organização com uma estrutura não burocratizada e mais adequada à luta revolucionária, evitando conhecido vícios.[50]

Surge em 1961 a POLOP (Organização Revolucionária Marxista Política Operária) a partir de alguns ex-militantes do PCB. Esta organização ficou restrita ao meio intelectual e à produção teórica, sem conseguirem penetração nos movimentos de massa. Foi caracterizado pela crítica à política reformista que dominava o PCB e o governo de Jango.

Em 1962 os ex-membros do PCB, expulsos pelos revisionistas[51], criaram ou "reorganizaram" o Partido Comunista do Brasil. O PCdoB se alinhou ao Partido Comunista da China e apresentou como plano de luta política a concepção de revolução em duas etapas, semelhantes à do PCB. Tinha como objetivo principal a "conquista de um governo popular revolucionário – fórmula emprestada à Aliança Nacional Libertadora, de 1935 – e repeliu a luta pelas reformas de base"[52].

Ainda em 1953, nasce o Partido Operário Revolucionário – POR, adversário do etapismo defendido pelo PCB e PC do B. Ele congregava em sua fileiras jovens, intelectuais e estudantes. Esta organização de linha trotskista, que inicialmente

---

[49] O partido definia a sua estratégia assim: a primeira etapa em curso seria a da revolução nacional e democrática, de conteúdo antiimperialista da revolução nacional e democrática. Após a vitória dela é que se passaria à segunda etapa – a da revolução socialista. GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990, p.30.

[50] FERREIRA, Jorge e ALMEIDA, Lúcia Neves Delgado *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimento sociais em fins do século XX* Rio de Janeiro – RJ: Civilização Brasileira, 2007, p. 58.

[51] [...] ao invés de solidificar a relativa unidade dentro do partido, provoca o acirramento da luta interna mostrando a fragilidade desta. Agora temos duas posições dentro do partido. Os que passariam a ser chamados pela corrente divergente de "revisionistas", os quais colocavam a URSS e o PCUS e suas orientações acima de qualquer denúncia ou erro; e os que podemos chamar de Stalinistas que renunciavam à política de Stálin, nem ao seu nome, vendo-o como a continuidade da tradição revolucionária de Marx e Lênin.

[52] GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990, p. 34 .

propunha trabalhar com os operários e camponeses, partiu "para uma extremação de posições, que o deixavam afastados dos movimentos de massa." [53]

Também na década de 60 surge um movimento oriundo de militantes da Juventude Universitária Católica (JUC) e da Juventude Estudantil Católica (JEC), chamada de Ação Popular – AP. A AP é uma organização da juventude Católica que buscava no socialismo razões para transformação da sociedade capitalista.

Até o ano de 1964 a esquerda brasileira, que em boa parte do tempo esteve na ilegalidade, não foi capaz de se organizar enquanto força representativa para promover a revolução. A diversidade de organizações nos revelou até o momento duas importantes análises. A primeira é a de que o Brasil possuía campo fértil para o crescimento da esquerda, fato comprovado nas eleições estaduais de 1945, em São Paulo, e a forte presença nos meios universitários. Em segundo, com a mesma rapidez que a esquerda arregimentava pessoas para as suas fileiras, também tinha a capacidade de promover rachas e divisões. Embora a revolução fosse o congruente de toda a esquerda, o meio que os conduziria tomava direções divergentes.

O crescimento da esquerda no início da década de 60 coincidia com a nova fase o Brasil nos aspectos cultural, artístico, educacional e de organização de movimento de massa, como sindicatos de operários e ligas camponesas.

> A poletização das massas se tornou o terreno fértil sobre o qual fortificaram iniciativas de cultura popular como nunca havia acontecido em épocas anteriores. Partiram da UNE os centros populares de cultura, pródigos no âmbito do teatro, da poesia, do cinema. Com apoio de setores progressistas da igreja católica, expandiu-se o movimento de Educação de Base, atuantes nos bairros pobres. O método de alfabetização de adultos do educador Paulo Freire teve aplicação em Pernambuco e daí se difundiu pelo país. Um sopro de entusiasmo renovador percorria a música popular, o teatro e a literatura. Éa fase de ouro na bossa nova, do cinema, do teatro de arena, da arquitetura de Brasília. Sem dúvida com certa marca de populismo e de otimismo ingênuo, um impressionante impulso intelectual acompanhou o movimento de massas da história brasileira[54].

Após o golpe de 1964, tem - se o início da reorganização da esquerda brasileira. A "Nova Esquerda" era formada por partidos e organizações clandestinas que nasceram com alternativa a letargia do PCB, que propunham as lutas sociais e políticas no sentido de acabar com a injustiça, a desigualdade social e a exploração do capital financeiro.

---

[53] Idem, ibidem, p.35.
[54] Idem, ibidem, p.49.

Com base no livro *Imagens da Revolução,*[55] relacionamos em ordem cronológica, as principais organizações de esquerda-armada no período entre 1966 e 1970. Ala Vermelha do Partido Comunista do Brasil – PCdoB- AV (1966), Dissidência Comunista Revolucionária da Guanabara – DI-GB (desde 1969, assumiria o nome de Movimento Revolucionário 8 de Outubro – MR-8) (1966), Partido Comunista Revolucionário (1966), Comando de Libertação Nacional – COLINA (1967), Ação Libertadora Nacional – ALN (1967), Vanguarda Popular Revolucionária – VPR (1968), Partido Comunista Brasileiro – PCBR (1968), Partido Operário Comunista – POC (1964), Vanguarda Armada Revolucionária – Palmares – VAR Palmares (1969).

O MR-8 é única organização que não vamos trabalhar neste tópico, uma vez que, sendo o nosso objeto de pesquisa, merecerá uma discussão com mais profundidade.

A Nova Esquerda inaugura uma fase da esquerda brasileira: a radicalização de organizações como forma de luta para derrubar a ditadura. Uma rápida análise sobre essas principais organizações clandestinas mostrará a diversidade estratégica desses grupos.

O Partido Comunista do Brasil – PC do B apresenta, no seu documento Manifesto – Programa (fevereiro, 1962), a razão dos problemas sociais do Brasil como fruto da espoliação do país pelo imperialismo, em particular o norte-americano, do monopólio da terra e da crescente concentração de riqueza nas mão de uma minoria de grandes capitalistas.[56]

Como viés para sair dessa situação, o partido apregoa a instauração de um novo regime que objetivava o socialismo e o comunismo como forma de governo: um governo popular[57], revolucionário, antiimperialista, anti-latifundiário e anti-monopolista. O documento foi redigido antes do golpe e, portanto, ainda vigorava a liberdade política no país. Neste estágio da política, o partido atribuía as eleições e a formação de movimentos populares como caminho para avançar a revolução. O texto não faz menção à luta armada.

> As ações por conquistas parciais contribuem para reforçar a organização e a unidade do povo. As campanhas eleitorais são importantes forma de

[55] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
[56] Idem, ibidem, p.26.
[57] Regime que expresse as forças sociais em ascensão no país, os anseios dos operários e camponeses, da intelectualidade, da pequena burguesia urbana, dos pequenos e médios industriais e comerciantes e de outros elementos progressistas. Idem, ibidem, p. 31.

> atividade política e uma aceitada participação nas eleições permite esclarecer as massas, divulgar o programa revolucionário e eleger candidatos que defendiam as causas populares. Todos os movimentos democráticos e patrióticos devem ajudar a alcançar a grande meta – a conquista de um novo poder político, principal objetivo do povo. Mas só as lutas decididas e enérgicas, as ações revolucionárias, de envergadura, darão o poder ao povo.[58]

Com o golpe militar, o partido evidencia a luta armada como forma principal para derrubar o regime militar, decisão tomada na VI conferência realizada em junho de 1966[59]. Divergências internas em torno das propostas aprovadas nesse congresso resultaram na expulsão dos militantes, e, como conseqüência, foram criados dois grupos, denominados de Ala Vermelha – AV e PCR. Da AV saiu outro grupo, o Movimento Revolucionário Tiradentes – MRT, que logo foi dizimada pela repressão.

O documento preparado pelo Comitê Central do partido serviu de base para as discussões do sexto congresso, intitulado de "União dos brasileiros para livrar o país da crise, da ditadura e da ameaça neocolonialista." Intensifica-se à crítica aos Estados Unidos e propõe a luta armada através da guerra popular.

> A concepção de guerra popular pressupõe intenso trabalho político e de organização entre as massas. Implica a necessidade de organizar as forças armadas do povo, a partir de pequenos núcleos de combatentes, no amplo emprego da tática de guerrilhas e na criação de bases de apoio no campo. Envolve a compreensão de que os camponeses pobres e assalariados agrícolas constitui o grosso das forças armadas populares, que o cenário principal do choque armado é o interior do país e que a luta será dura e prolongada. [60]

O PCR (1966) foi organizado basicamente na região da Zona da Mata nordestina, de Alagoas à Paraíba. " Dedicou-se ao incêndio de canaviais e a outras ações com vistas à desorganização da produção açucareira da Zona da Mata."[61] O documento[62] é o mais importante produzido pelo grupo.

A Ala Vermelha (1966) aprofunda a sua divergência com o PC do B após a publicação do texto de "crítica ao oportunismo e ao subjetivismo do documento "União dos brasileiros para livrar o país da crise, da ditadura e da ameaça neocolonialista." [63]

---

[58] Idem, ibidem, p.33.
[59] OZAÍ, Antônio da Silva. *História das tendências no Brasil*, São Paulo: Proposta, 1987.
[60] Idem, ibidem, p. 73.
[61] GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990, p. 109.
[62] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p. 48.
[63] Idem ibidem, p. 117.

> Ao não utilizar o método marxista-lennista, os redatores do Documento. No VI conferência elaboraram seu programa, sua estratégia e sua tática de uma forma que não apenas carecer de coerência interna, com também resulta inteiramente desligada da realidade. Isto é, por não aplicarem o materialismo dialético, conceberam uma tática que não depende nem se relaciona com sua estratégia e seu programa, além de não ser adequado às condições em que se desenvolve o processo revolucionário brasileiro.[64]

É formada em 1961 a organização Revolucionária Marxista-Política Operária (ORM – POLOP), a partir de militantes que saíram do PCB. Em 1968 tranformou-se no Partido Operário Comunista – POC. Mais tarde perderia membros em cisões internas que fundariam a Vanguarda Popular Revolucionária – VPR, e o Comando de Libertação Nacional – COLINA. Um dos documentos básicos da organização é o Programa Socialista para o Brasil. Neste documento a análise aponta para o "grande vilão", os Estados Unidos. O documento enfatiza o imperialismo norte-americano como sendo o responsável pela dominação do sistema capitalista que castra a capacidade de crescimento dos países pobres.

> Quando o imperialismo tomou conta das regiões mais atrasadas do globo e as integrou no mundo capitalista na qualidade de regiões dependentes, ao mesmo tempo suas possibilidades ele repetir o processo de desenvolvimento trilhado pelas nações capitalistas avançadas.[65]

Enfraquecida após as cisões que deram origem à COLINA e à Vanguarda Popular Revolucionária – VPR, a POLOP se funde com a dissidência Leninista do Rio Grande do Sul, dando origem, em 1968, ao Partido Operário Comunista (POC). Esta posição toma sentindo contrário ao foquismo (ação formado por pequenos grupos, dispensando a conquista da adesão das massas) optando por trabalhar com a formação de bases entre os operários.

As divergências políticas dos quadros[66] da organização não demoraram a aparecer na organização. "Formam-se então duas tendências do POC: a primeira defende um recuo na luta armada, em direção a uma prática estreitamente ligada ao movimento operário; a outra insiste na continuação da luta armada, mesmo admitindo a prática de um trabalho de base sindical"[67] .

---

[64] Idem, ibidem, p.119.
[65] Idem, ibidem, p.103.
[66] Termo usado para designar militantes de esquerda no período militar.
[67] OZAÍ, Antônio da Silva. *História das tendências no Brasil*, São Paulo: Proposta, 1987, p. 124.

O Comando de Libertação Nacional – COLINA (1968) tem como texto básico a " Concepção da luta revolucionário", de abril de1968. O texto deixa clara a ação política da organização:

> A ditadura militar implantada em 1964, pelo seu significado histórico, implica em que a luta armada é a única forma conseqüente de dar continuidade à luta política do povo brasileiro, no nível que ela atingiu hoje no Brasil. Não porque chegamos à etapa final da luta e devemos partir, agora, para a insurreição --- golpe final ao poder destruído, a fim de instalar um novo poder, que ainda não existe. E sim porque devemos construí-lo. A etapa que a luta atingiu, ao mesmo tempo que a exige, indica o único método capaz de criá-lo, pois extravasa os limites da política burguesa e coloca a necessidade de uma organização independente, fora das marcas do regime.[68]

O Partido Comunista Brasileiro Revolucionário – PCBR (1968), formado por ex-membros do PCB de várias partes do país, elaborou o programa da organização partindo da " caracterização do Brasil com o país capitalista dependente, subordinado ao sistema capitalista mundial"[69]. Portanto, reza o documento do partido que a revolução para derrubar a ditadura haveria de ser realizada através da luta popular. [70]

> A guerra revolucionária no Brasil será uma guerra do povo e para ela é necessário mobilizar amplas massas populares. As condições concretas do Brasil indicam que a guerra de guerrilheiros é o meio mais adequado para começar a desenvolver a luta armada popular e criar o núcleo inicial do exército revolucionário[71].

As cisões internas que deram origem a diversas siglas clandestinas não podem ser somadas apenas em quantidade. O partido perdeu muito com a saída de membros atuantes, que historicamente tinham contribuído para o seu crescimento na política partidária brasileira.

A Ação Libertadora Nacional – ALN (1968) é identificado por Jacob Gorender como a organização clandestina mais importante. Carlos Mariguelhela, um dos fundadores da organização, criticou o partido, então liderado por Luis Carlos Prestes, pela sua "quietude" ou falta de "compreensão teórica" para interpretar o contexto político do país. Marighella via na luta de guerrilha a única forma, naquele momento, de enfrentar a ditadura.

---

[68] Idem, ibidem, 138.
[69] Idem, ibidem, p. 103.
[70] Idem, ibidem, p. 103.
[71] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p.171.

Em agosto de 1967 Carlos Marighela vai até a Cuba de Fidel para participar da 1º Conferência de OLAS, Organização Latino-Americana de Solidariedade. Relata -se que o PCB enviou uma carta ao PC cubano, dizendo que Marighella "não representava o partido e podia ser expulso ao retornar para o Brasil". Ao retornar, Prestes pediu a sua expulsão do partido, momento em que Marighella fundaria a Ação Libertadora Nacional – ALN, um dos grupos mais combativos na luta armada.

> Uma direção pesada como é, com pouca ou nenhuma mobilidade, corroída pela ideologia burguesa, nada pode fazer pela revolução. Eu não posso continuar pertencendo a esta espécie de academia de letras, cuja única função consiste em se reunir. [...] Em minha condição de comunista, à qual jamais renunciarei, que não pode ser dada nem retirada pelo Comitê Central, pois o Partido comunista e o marxismo-leninismo não têm donos e não são monopólios de ninguém, prosseguirei pelo caminho da luta armada, reafirmando minha atitude de revolucionário e rompendo definitivamente com vocês[72]

A ALN, composta por 70% de seus membros oriundos das classes estudantis, destacou-se pela prática armada. Suas ações foram postas em prática. "A organização da ALN se rege pela democracia revolucionária onde o que vale é a ação, o que se leva em conta é o interesse da revolução, onde a iniciativa concreta é o dever fundamental."[73] Trataremos melhor desta questão da luta armada no próximo tópico deste capítulo.

Oriunda da fusão entre membros da ORM- POLOP de Osasco – São Paulo e do Movimento Nacionalista Revolucionário - MNR[74] nasce a Vanguarda Revolucionária (VPR), em 1968. O documento "A vanguarda armada e as massas na primeira fase da revolução"[75] (julho, 1969) define o perfil da organização e a contextualiza no momento histórico do país.

> A eficácia política da organização armada como instrumento de luta de primeira fase, somente pode ser demonstrado ao resolvermos corretamente o problema da relação entre a vanguarda e as massas na primeira fase da revolução (por primeira fase entendemos a fase em que a vanguarda ainda é numericamente muito pequena e politicamente pouco presente no processo

[72] MARIGHELLA, Carlos In: CHIAVENATO, Júlio José. *O Golpe de 64 e a Ditadura militar*. São Paulo: Moderna, 1984 p. 169.
[73] OZAÍ, Antônio da Silva. História das tendências no Brasil, São Paulo: Proposta, 1987, p. 105.
[74] Da junção de Brizola com os ex-sargentos e sub-oficiais, nasce o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). Mas, a tentativa fracassada da guerrilha de Caparaó e a própria evolução de Brizola, marcam o declíneo do MNR –seus militantes constituem ativos no Brasil, em busca de uma alternativa. Idem ibidem, p.114.
[75] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p.123.

> político nacional. O desafio é fundamentalmente político e não militar, mas se faz pelas armas). [76]

A manutenção de uma linha política ofensiva, política e militar causaria danos à organização. "Homens da ditadura infiltrados e perdas de quadros em ações armadas desarticularam o grupo." [77]

A reorganização da VPR[78] se daria através da união com a COLINA, organização que enfrentava à mesma situação de perdas de quadros e tinham em comum a origem, dissidentes da POLOP e do MNR. A união realizada em 1º de julho de 1969, na cidade de Mangagua,[79] deu origem a uma nova organização, a Vanguarda Revolucionária – Palmares – ou VAR – Palmares (nome alusivo ao maior quilombo no período de escravidão do país).

As concepções diferentes que tinham colocadas em segundo plano quando uniram-se, não tardaram para manifestar[80]. A rápida trajetória do VAR-Palmares reproduzia à sua análise na sociedade brasileira e suas estratégias de luta armada no documento "PROGRAMA" (setembro de 1969).

A exemplo das demais organizações, a VAR- Palmares, a teoria da dependência era o foco central de debate. O primeiro parágrafo do documento diz:

"O Brasil é um país capitalista atrasado e dependente do imperialismo. O caráter de sua estrutura econômica é definido pelas formas assumidas por sua incorporação e participação no sistema capitalista internacional." [81]

As pesadas investidas da repressão às esquerdas armadas nos primeiros anos da década de 70 contra as organizações clandestinas desmantelaram e forçaram a esquerda armada fazer uma autocrítica quanto às suas estratégias de luta. O viés armado daria lugar para a análise da realidade, sendo propostos "[...] novos caminhos, inaugurando uma nova fase, caracterizada pela busca de formas legais de luta e pela admissão da

---

[76] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p.223.
[77] GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990, p. 135.
[78] A organização viria a ser reconstituída dois meses depois de criação da VAR-PALMARES. "O pequeno núcleo do VPR reconstituída tem rápida expansão, porque prometia, preto no branco, a intensificação da luta armada e a guerrilha rural, Idem, ibidem, p.137.
[79] Idem, ibidem, p.135.
[80] Com apenas dois meses de existência, vieram à tona as dissidências latentes. A opinião majoritária do congresso recuperou antigas posições da POLOP, que priorizava o proletariado e as massas e atenuavam a inclinação militarista. Idem ibidem, p.136.
[81] Idem ibidem p. 137.

situação de defensiva em que se encontraram o movimento popular e as organizações e partidos da esquerda no Brasil." [82]

A terceira fase da esquerda é inaugurada a partir de 1979 com a extinção da ARENA e do MDB e o retorno ao pluripartidarismo. Enquanto a experiência da União Soviética chegava ao fim na metade da década de 80, iniciava-se no Brasil uma nova esquerda: nascia o partido de massas, o Partido dos Trabalhadores, o PT. Esse partido reunia os mesmos grupos sócios - econômicos as esquerdas do país, grande número de intelectuais, profissionais liberais, trabalhadores fabris, classe média assalariada, sindicalistas, estudantes e poucos trabalhadores rurais.

"Retorno dos trabalhadores foi marcado, também, pelo aparecimento do que se convencionam chamar de novo sindicalismo', supostamente caracterizado por práticas que indicariam sua novidade na recente história sindical brasileira." [83]

1.3 LUTAS ARMADAS E LUTAS DEMOCRÁTICAS

A esquerda clandestina radicalizada passou por duas fases distintas no período da ditadura militar. A primeira fase foi o combate através das armas, período em que quase todos os grupos na clandestinidade aderiram a essa prática de luta. Podemos datar essa primeira fase entre os anos de 1968 a 1972. No entanto, há vários registros de ações isolados de algumas organizações, como assaltos a bancos, por exemplo, que foram praticados antes de 1968[84]. Fato é que no final do ano de 68 o "capítulo das lutas de massas estava encerrado," [85] passando-se para o capítulo das lutas armadas.

A segunda fase inaugura-se entre 1972 e 1973, marcando o processo em que as esquerdas praticamente desarticuladas e sem forças para continuarem sustentando as lutas armadas fazem uma auto crítica e vêem que o caminho seria através das lutas por

---

[82] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p 12.

[83] FERREIRA, Jorge e ALMEIDA, Lúcia Neves Delgado.*O Brasil Republicano, o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*, Rio de Janeiro – RJ: Civilização Brasileira, 2007. p 289.

[84] A opção pela luta armada já estava presente em parte da esquerda brasileira, ainda no período do governo constitucional de João Goulart, quando as ligas camponesas receberam apoio de Cuba para manter campos de treinamentos guerrilheiros no Brasil visando à preparação de militantes para o confronto armado. FERREIRA, Jorge e ALMEIDA, Lúcia Neves Delgado.*O Brasil Republicano, o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*, Rio de Janeiro – RJ: Civilização Brasileira, 2007. p 67.

[85] GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990, p.153.

vias democráticas. Neste período os grupos que não foram totalmente eliminados voltam ao trabalho com as massas.

Neste tópico da dissertação mostraremos como as principais organizações mergulharam nas lutas armadas. Para tal análise, recorremos ao livro "*Imagens da Revolução,*"[86] no qual se encontram os documentos dessas organizações, cujos conteúdos publiciza as estratégias da luta armada. Num segundo momento, faremos uma reflexão sobre a segunda fase, analisando a nova estratégia da esquerda, e estabelecendo um paralelo com a conjuntura política naquela época.

O golpe final a qualquer forma de manifestação veio com a instauração do AI-5, promulgado no final do ano de 1968. O poder delegado ao presidente da República subverteu os resquícios do Estado de direito democrático, conduzindo o país às mais truculentas penas do regime ditatorial. Neste estágio da política, a esquerda brasileira não enxergava outra saída que não fosse a luta armada. O AI-5 fechou o congresso indeterminadamente e, ao contrário dos outros atos, não tinha prazo; a ditadura assumia-se eterna. No rastro repressivo, mais 69 deputados foram cassados, nem mesmo o governador Carlos Lacerda escapou, que já conspirava contra o regime. O AI-5 dava tantos poderes ao presidente, que qualquer oposição real tornou-se impossível. A partir daí, só houve um caminho: a luta clandestina.

> Baixada o AI-5, partiu-se para a ignorância com o congresso fechado, a imprensa controlada e a classe média de joelhos pelas travessuras de 1968, o bifurcou a sua ação política. Desde 1964, a máquina de repressão exigia liberdade de ação. Com o AI-5, ela a teve e foi à caça. [87]

À exceção da maioria dos membros do Comitê Central do PCB, a esquerda considerou irreversível qualquer forma de luta ou manifestação pacífica no estágio político em que o país se encontrava. Assim, entre os anos de 1968 e 1972 desdobram – se em ações espetaculares de guerrilha urbana: seqüestros, expropriação de armamentos e dinheiro e ataques a quartéis.

Em vários países da América Latina, como Colômbia, Venezuela, Guatemala, Nicarágua, Argentina e Peru, focos guerrilheiros já travavam combates com o poder dominante.

---

[86] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
[87] GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p.346.

No Vietnã, vietcongs lutavam pela liberdade nacional de seu país contra a maior potência mundial, os EUA. Esta luta serviria de inspiração, indicando que tudo era possível, desde que houvesse disposição para lutar.

As experiências internacionais de luta armada, em especial a cubana[88] e chinesa[89] foram fundamentais para estimular as esquerdas do Brasil. O exemplo cubano desencadeado a partir do foco guerrilheiro encorajou os grupos a partirem para a ação. O "foquismo," teoria estratégica da Revolução cubana, parte da idéia de que pequenos grupos guerrilheiros iniciariam a luta armada, conquistando posteriormente o apoio das massas.

Os documentos das organizações clandestinas contidos no livro *Imagens da Revolução* têm informações sobre a luta armada, o que nos permite uma melhor análise das decisões estratégicas de lutas que formularam a partir desse contexto que descrevemos.

Carlos Marighela, fundador da Ação Libertadora Nacional – ALN, Apud GORENDER justifica os atos de terrorismos da organização clandestina:

> Todo ato terrorista revolucionário é uma operação tática tendo por objetivo a desmoralização das autoridades o cerco das forças repressivas, a intercepção de suas comunicações, o dano às propriedades do Estado, dos grandes capitalistas e latifundiários. Os atos terroristas revolucionários e a sabotagem não visam a inquietar, amedrontar ou matar gente do povo. Eles devem ser utilizados como tática para combater a ditadura que lança contra o povo as organizações de extrema direita, tais como CCC (Comando de Caça aos Comunistas) e o MAC (Movimento Anticomunicsta). Implacável e impiedosa, a ditadura recorreu à violência brutal. [90]

Em seu documento publicado em maio de 1969, "O papel da Ação Libertadora na organização"[91] a ALN, destaca o imperialismo norte-americano como o seu principal inimigo. No entanto, a luta também seria contra os grandes capitalistas e

[88] Nenhuma revolução poderia ter sido mais bem projetada para atrair a esquerda do hemisférios ocidental e dos países desenvolvidos no fim de uma década de conservadorismo global; ou para dar à estratégia da guerrilha melhor publicidade. A revolução cubana era tudo: romance, heroísmo nas montanhas, ex-líderes estudantis com a desprendida generosidade de sua juventude - os mais velhos mal tinham passado dos trinta – um povo exultante, num paraíso turístico tropica pulsando com os ritmos de rumba. E o que era mais: podia ser sonhado por toda a esquerda revolucionária. HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 427.

[89] A experiência da guerra revolucionária chinesa resumida nos escritos militares de Mao Zedog também inspiraria a contestação às direções tradicionais da esquerda . FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p.15.

[90] GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990, p. 97.

[91] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p.209.

latifundiários brasileiros, uma vez que estes estavam submetidos aos interesses imperialistas. Quanto à luta armada, seria esta a única saída, fundamentalmente a guerrilha urbana[92], como fica evidente no texto:

> Expropriando o governo e os grandes capitalistas nacionais e estrangeiros, capturando armas e explosivos, prejudicando as iniciativas e a propaganda da ditadura, como no caso de sabotagem por bomba à exposição anti – subversiva do Exército em São Paulo, atacando os bens e a propriedade dos imperialistas norte-americanos, participando em operações conjuntas para a punição dos espiões dos EUA, pusemos em prática, de fato e não por palavras, um plano concreto de combate ao inimigo[93]

O PC do B, em seu documento "União dos Brasileiros para livrar o país da crise, da ditadura e da ameaça neo-colonilista, junho de 1966," [94] define a luta armada com a perspectiva estratégica de guerra popular,[95] recomendando um trabalho de conscientização das massas.

Com essa direção o partido começou, em 1966[96], a preparação da guerrilha do Araguaia, que se iniciaria em 1972 na região que vai de Xambioá (Norte de Goiás) a Marabá (sul do Pará). As sucessivas investidas do exército destruíram a resistência dos guerrilheiros, ma estes não se entregaram ao inimigo, mesmo sendo numericamente inferiores e com recursos logísticos reduzidos.

A tática de conduzir a luta prolongada e popular segundo o modelo maoísta de guerrilha foi paradoxalmente a reprodução da tática foquista, ou seja: "nenhum trabalho político prévio, início da luta por um núcleo guerrilheiro com autonomia de guerrilheiro." [97]

A POLOP – Política Operária publica em 1967 o documento Programa Socialista para o Brasil,[98] contendo a proposta de governo revolucionária dos

---

[92] Esses grupos de "guerrilha urbana, ou terroristas", achavam mais fácil produzir dramáticos golpes publicitários e assassinatos espetaculares para não falar de ataques para levantar fundos, do que revolucionar seus países. HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 428.

[93] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 197*1. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p.209.

[94] Idem, ibidem, p. 54.

[95] Idem ibidem, p. 172.

[96] Estes militantes que chegavam à região em 1966 iniciam um processo de fixação, passando a conviver com os próprios camponeses – de acordo com a teoria maoísta – para assim ganharem a confiança dos mesmos, criando condições para desenvolver um trabalho de politização e de resistência aos ataques das forças do governo. OZAÍ, Antônio da Silva. *História das tendências no Brasil*, São Paulo: Proposta, 1987 p.138.

[97] GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990, p.211.

[98] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p.90.

trabalhadores como forma de transição para a ditadura do proletariado, todavia, o processo que conduziria a tomada do Estado teria origem na luta de guerrilha "travada no campo."[99]

Em 1968, um novo documento é elaborado, diferenciando se do anterior pela acentuação do militarismo de esquerda[100] e deixando em segundo plano as lutas com as massas.

A Ala Vermelha iniciou ações contra a ditadura no final de 1968, com assaltos a bancos e confiscos de dinamite de uma pedreira. [101]A luta armada já era a sua principal forma de luta. "A eclosão da luta armada necessita da existência de uma força armada regular no campo, clandestina, que possa iniciar o choque aberto com o inimigo"[102]

O Comando de Libertação Nacional – COLINA, em seu documento "Concepção da luta revolucionária (abril, 1968)" [103] canaliza as suas estratégias na luta armada de guerrilha que conduziria à vitória sobre o governo vigente. A exemplo da ALN, o COLINA assume em seu documento a prática do terrorismo. Diz o texto:

> O terrorismo, como execução (nas cidades e nos campos) de esbirros da reação, deverá obedecer a um rígido critério político. Primeiro deve ser considerada significação, para as massas, de determinado execução. Segundo, deve ser vista a possibilidade ou não de se perpetrar a execução sem uma perda exagerada, pouco compensadora de quadros revolucionários.[104]

O documento "linha – política"[105] propôs o único caminho para a Revolução brasileira, a luta armada como parte da estratégia. "A tarefa imediata e fundamental do movimento revolucionário no Brasil consiste, portanto, em organizar, iniciar, desenvolver e culminar a luta armada, a partir da guerra de guerrilha."[106]

O documento da Vanguarda Popular Revolucionaria VPR, "A Vanguarda Armada e as massas na primeira fase da revolução 9 junho, 1969)" define o perfil e as concepções dessa organização. Duas formas de luta foram apresentadas para o desenvolvimento da guerrilha tática: a guerrilha tática irregular e a guerrilha tática regular.

---

[99] Idem ibidem, p. 115.
[100] Organizações esquerdistas militaristas eram aquelas que adotaram formas de luta e de propaganda armada e desprezavam as formas de luta de massas. GORENDER, Jacob. Combate nas trevas. São Paulo: Ática, 1990, p. 183.
[101] Idem ibidem, p.129.
[102] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p.161.
[103] Idem ibidem, p. 135.
[104] Idem, ibidem, p.159.
[105] Idem, ibidem, p.161.
[106] Idem, ibidem, p.172.

A primeira é trabalhada no campo, quando o guerrilheiro tem o apoio da comunidade local para agir em pequenas ações armadas e depois retoma a sua atividade legal. Portanto, ele "é aquele que não é permanentemente guerrilheiro, mas toma as armas em determinados momentos, voltando em seguida à sua atividade legal".[107]

Já na guerrilha tática regular, os guerrilheiros são permanentes e se dedicam à causa promovendo constantes ações de sabotagens econômicas e militares,[108]com o objetivo de atingir diretamente a força inimiga.

A Vanguarda Armada Revolucionária – Palmares – VAR, aprovou em 1969 o documento Programa, que combinava, em caráter prioritário, a guerrilha no campo com a "construção do partido de vanguarda do proletariado, indispensável à sua hegemonia de classe no processo revolucionário." [109] Destaca-se, então, o trabalho das massas no processo de lutas em todas as frentes e a importância do trabalho político. Quanto à sua estratégia para luta armada, o texto diz:

> A luta armada nas cidades encontra limites objetivos sua consecução pela forma de exercício do poder da burguesia. A guerrilha urbana coexiste com aparelho repressivo, uma atuando na superfície `a sobrevivência da luta urbana, impede a atuação contínua, ao contrário do que ocorre no campo. Onde existem condições para a criação de destacamento político-militar,, atuando contínua e abertamente. É no campo que se cumpre, primeiramente, o objetivo principal de guerra de guerrilhas, que é o de levar às massas a participar da luta armada. É no campo, portanto, que se altera em primeiro lugar a relação de forças entre a revolução e a contra-revolução.[110]

O PCB e a Ação Popular – AP, duas importantes organizações, não participaram desse momento de confronto armado. O PCB manteve sua com a postura crítica a essa via da esquerda radicalizada, e a AP, embora tivesse sido organizada para esta via, não logrou êxito, ficando com os objetivos apenas na teoria.

> Mas organizações clandestinas de peso, como a AP e o PCB mantiveram-se críticos à alternativa armada naquela circunstancias, ao passo que a AP buscava organizar uma revolução armada que, por requerer apoio consistente de massa, não chegou a ser posta em prática[111].

---

[107] Idem, ibidem, p. 230.
[108] Idem, ibidem, p. 281.
[109] GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990, p.137.
[110] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p. 273.
[111] RIDENTE, Marcelo. Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura. In FILHO, Daniel A. Reis. RIDENTE, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O Golpe e a Ditadura Militar: Quarenta anos depois (1964 – 2004*) São Paulo: EDUSC, 2004, p. 58.

Sob a influência do foquismo da Revolução Cubana e da teoria maoísta da "guerra popular prolongada", a esquerda armada passou a realizar ações militaristas na cidade e tentativas de organizar guerrilhas no campo, formadas por estudantes,[112] tendo uma menor parcela formada por médicos, intelectuais e ex-militares conseguindo um pequeno apoio de operários e camponeses no processo de luta armada.

Fatores como o isolamento político e social causados pela prática militarista[113], somado a propaganda nos veículos de comunicação contra os terroristas, "chegando a usar os próprios militantes de esquerda – que presos e torturados – se arrependiam publicamente na televisão, com a promessa de que não seriam mais torturados"[114], minaram a resistência da esquerda. O fim do período da luta armada foi assim descrito:

> Foram massacrados, tentando despertar as lutas sociais nas fábricas, nas escolas, nas áreas rurais. Nas casas e apartamentos onde se escondiam. No foco guerrilheiro do Araguaia e, principalmente, nos sofisticados salas de tortura da Marinha, do Exército e da Aeronáutica.[115]

O historiador Jacob Gorender aponta o aspecto significativo que marcou a luta armada. Tal aspecto está relacionado ao momento em que se estabeleceu o confronto armado. O ano de 1964 era o momento no qual "as condições históricas determinavam" a luta a armada. A derrota se explicaria nesse erro. A conjuntura era revolucionária, o golpe foi preventivo para evitar a revolução.[116]

> A meu ver, teve a significação de violência retardado. Não travada em março ou abril de 1964 contra o golpe militar direitista, a luta armada começa a ser tentada pela esquerda em 1965 e desfechada em definitivo a partir de 1968, quando o adversário dominava o poder do Estado, dispondo de pleno apoio nas fileiras das forças armadas e destrocara os principais movimentos de massas organizadas.[117] Em condições desfavoráveis, cada vez mais distanciada da classe operária do campesinato e das camadas médias urbanas, a esquerda radical não podia deixar de adotar a concepção da violência incondicionada para justificar armada imediata [...] Cometeram erros variados no processo, mas o erro fundamental consistia em não se prepararem a si mesmos, nem os movimentos de massas não organizados,

[112] OZAÍ, Antônio da Silva. *História das tendências no Brasil*, São Paulo: Proposta, 1987, p. 143.
[113] A luta armada foi derrotada, uma que não houve uma relação de identidade entre o seu projeto revolucionário e os movimentos sociais. Nem sequer as propostas de greves operárias e manifestações de massas, encontravam ressonância nas classes sociais. FERREIRA, Jorge e ALMEIDA, Lúcia Neves Delgado *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimento sociais em fins do século XX* Rio de Janeiro – RJ: Civilização Brasileira, 2007, p 52 , 53.
[114] Idem, ibidem, p.143.
[115] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p.21.
[116] GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990, p.250.
[117] Idem, ibidem, p. 249.

> para o combate armado contra o bloco de forças sociais de há muito visava ao golpe de Estado e a articulou de maneira planejada.[118]

Após a derrubada política e militar da experiência armada, as esquerdas brasileiras se organizam em torno de uma proposta de luta pelas liberdades democráticas, formando e liderando uma ampla frente contra o regime militar.

Na década de 70, duas conjunturas da política brasileira explicaram o processo de reabertura da ditadura: o processo de reabertura iniciado pelo então presidente Ernesto Geisel, a chamada "abertura lenta e gradual", a qual, sendo lenta e gradual, poderia ser possível também de ser segura, isto é "evitar que os trabalhadores aprofundem a idéia de formação de organizações independentes, sem esperar nada dos de cima"[119]. O outro aspecto está ligado ao fortalecimento da oposição, representado legalmente pelo MDB e tendo uma forte presença dos partidos e organizações que na clandestinidade sustentavam uma das frentes contra a ditadura.

> O processo de reabertura, assim elaborado, deveria claramente comportar garantias básicas para o regime: evitar o retorno de pessoas, instituições e partidos anteriores a 1964; proceder-se em um longo tempo - seu caráter lento, de mais ao menos dez anos, o que implicaria a escolha ainda segura do sucessor do próprio Geisel e a incorporação a uma nova constituição que não deveria de maneira alguma ser fruto de uma constituinte para manter no futuro uma determinada ordem, sem o recurso à quebra da constitucionalidade. Podemos assim, perceber claramente que o projeto de abertura representa uma volta ao estado de Direito, a reconstitucionalização do regime, mas não exatamente a redemocratização do país.[120]

O processo de abertura não foi inicialmente proposto por razão da pressão das forças populares, mas em decorrência do modelo econômico desgastado e corroído pelos problemas intrínsecos do chamado "milagre econômico"[121], atingindo a estrutura militar.

Era de interesse da ditadura preservar o controle sobre as forças produtivas e as regras que asseguravam os interesses da elite dominante. Portanto, a abertura deveria ser uma operação meticulosa, articulada, cujo objetivo era fazer "covessões na forma, conservando-se o conteúdo intacto."[122]

---

[118] GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990, p. 250.
[119] OZAÍ, Antônio da Silva. *História das tendências no Brasil,* São Paulo: Proposta, 1987, p. 150.
[120] GASPARI, ELIO. *A Ditadura Derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p..263.
[121] "Entre 1968 e 1971 as despesas com pessoal militar aumentaram 63,76, enquanto o pessoal civil sofrera uma contração de 13%". GASPARI, ELIO. *A Ditadura Derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.281.
[122] SODRÉ, Nelson Werneck. *Vida e Morte da Ditadura. 20 Anos de autoritarismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984, p.133.

Diante deste contexto, a autocrítica feita pela esquerda aproximou as organizações e partidos, aglutinando-as em torno de um objetivo comum: criar um amplo campo político que possibilitasse o confronto por liberdades democráticas. Diferenças que distinguiriam o modo de conceber a luta democrática entre as esquerdas, mas não impediu que essas organizações liderasse o movimento civil contra a ditadura militar que começava ganhar expressão em meados da década de 70. Embora as prisões e as mortes de militantes de esquerda não parassem como foi a do jornalista Vladimir Herzog e do líder sindical Manoel Filho, um novo cenário político estava sendo construído pelos partidos e organizações de esquerda, fortalecendo a oposição.

O MDB, partido que congregava as várias tendências de esquerda e outros setores que faziam oposição a ditadura, alcançou expressiva vitória nas eleições de 1974, demonstrando a força da oposição. Diante dessa "ameaça", o governo redefiniu a estratégia da política partidária, permitindo, em 1978, a volta do pluripartidarismo, uma estratégia que visava à desestruturação da frente que arregimentava forças nas eleições e nos movimentos sindicais. Os estrategistas da ditadura sabiam que o MDB era uma representação de diversas organizações doutrinárias e ideológicas distintas, mas que eram superadas em torno do objetivo de derrubar o governo. A volta do pluripartidarismo em 1979 representou a fragmentação da oposição, ao passo que o governo se manteve unido, não sendo, no entanto, capaz de barrar o processo de redemocratização do país.

Nelson Wernek Sodré analisa essa estratégia do governo dizendo:

> O propósito era evidente: dividir as forças de oposição, mantendo unidos os que estavam comprometidas como regime. As regras do jogo estabelecido de foram de tal sorte que surgiram partidos artificiais, que não desfizesse limites da opinião pública senão de forma rudimentar e muitas vezes falso. O quadro se tornou muito confuso, com figuras evidentemente deslocadas em seus partidos, apregoando aquilo que não acreditam, enquanto outros ficam enquadrados em organizações com os quais carecem de afinidade. Essa confusão não foi uma coincidência, não resultou do acaso, naturalmente. É que as normas foram baixadas dentro do mesmo espírito ditatorial, que quase vinte anos havia endurecido. [123]

É com o discurso de manter as forças de oposição unidas em torno do Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB, que o MR–8, organização sobre a égide da clandestinidade (a clandestinidade foi até 1985 para os partidos e as organizações de

[123] Idem, ibidem, p.131.

esquerda), e ao longo dos anos de 1980 colocaria as suas estratégias políticas em prática.

CAPÍTULO 02

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO

INTRODUÇÃO

No segundo capítulo, mostramos as três fases que o MR-8 seguiu, desde sua origem até o início da década de 90: "[...]inicialmente, um trabalho de base junto aos estudantes; decisão pela à luta armada; e a estratégia das lutas pelas liberdades democráticas"[124]

[124] OZAÍ, Antônio da Silva. *História das tendências no Brasil*, São Paulo: Proposta, 1987, p.112.

No entanto, o recorte temporal delimitou o nosso trabalho ao período em que a organização tinha como objetivo a Revolução Nacional Democrática.[125] Uma revolução tecida de alianças com a burguesia nacional, marcada por contradições aos interesses dos EUA, segundo a visão do MR-8.

Pontuamos neste capítulo as diferenças de ponto de vista sobre a Revolução Socialista defendidas na década de 70 e abordamos a Revolução Nacional Democrática, concepção política adotada ao longo da década de 80 que usava o imperialismo Norte-Americano e a dívida externa do país, como os grandes entraves para o desenvolvimento econômico e social.

Mostramos ainda o posicionamento ideológico em relação à política nacional e internacional do MR-8 e explicamos o modo pelo qual a organização participou dos movimentos sociais no país, intervindo em sindicatos de trabalhadores, nos movimentos estudantis. Apresentamos também um panorama de sua política partidária e as ações políticas no interior do PMDB.

Quanto à política internacional, fazemos uma análise de conjuntura, sob o enfoque político-social da perspectiva conceitual marxista contida nas resoluções política da organização. Neste capítulo trabalhamos com fontes primárias: os documentos do MR-8

2.1 MR-8 NA LUTA ARMADA

O Movimento Revolucionário 8 de Outubro – MR-8, a exemplo das organizações PCBR e ALN, surge como fruto do processo de crise do PCB na década de 60. O descontentamento do Comitê Universitário Carioca com o Comitê Central do partido se acentuou após o golpe. Formado em 1964 com o nome de Dissidência – Guanabara – DI-GB, a organização iria romper com o partido apenas em 1966[126], quando nas eleições parlamentares propuseram o voto nulo, contrariando o PCB, que apoiou o MDB.

---

[125] De sorte que, no seu III Congresso o MR-8, centrando seu processo identitário na tradição comunista do período Staliniano, assume que o caráter da revolução será Nacional e Democrática. A partir do III Congresso, a análise do MR-8 sobre o processo histórico e a revolução procurará esquematizar e medir meticulosamente, segundo os pressupostos da dinâmica das forças produtivas com as relações de produção, o grau de envolvimento do capitalismo nacional, da articulação com o capitalismo central. E precisar as etapas e política de alianças da Revolução Nacional. CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) *Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado*) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.p. 61

[126] "O racha se dá nas eleições parlamentares de 1966, onde os dissidentes de Guanabara irão recomendar o voto nulo; em contraposição ao partido". OZAÍ, Antônio da Silva. *História das tendências no Brasil*, São Paulo: Proposta, 1987, p.108.

Três linhas políticas foram seguidas pela organização: "Inicialmente um trabalho de base junto aos estudantes, decisão à luta armada, e a estratégia das lutas pelas liberdades democráticas." [127] Cada linha representa uma estratégia de luta dentro do contexto político da época.

No período entre 1966 e 1968 recrudesce o movimento estudantil no país, resultando em vários manifestações, com milhares de pessoas, sendo a maior a de 1968, a "passeata dos 100 mil". "As lutas radicalizaram – se ao mesmo tempo em vários centros: greves, ocupação de faculdades, manifestações, concentrações. Os estudantes reclamavam definições e exigiam diálogos." [128]

A DI-GB semelhantemente as outras organizações clandestinas, era intimamente vinculada ao movimento estudantil[129]. A composição social dos seus membros, oriundos do meio universitário do Rio de Janeiro, daria a dinâmica dos confrontos não armados contra a ditadura até o princípio de 69, data em que se dá início às primeiras ações armadas do "Oito".

Em contrapartida a promulgação do AI-5 em 1968, a maioria das organizações clandestinas aderem à luta armada. O confronto armado inaugura a fase do DI-GB. Esta transição do MR-8 é relatado por Antônio Ozaí:

> Em princípios de 1969, a Dissidência da Guanabara realiza sua conferência, passando à defesa de uma política de proletarização: seus militantes são deslocados para os subúrbios, realizam-se panfletagens nas portas das fábricas e procura-se organizar grupos clandestinos de operários, geralmente para dar apoio às ações de vanguarda, os quais se opõem aos sindicatos. Após essa conferência, depura-se a organização dos militantes " frouxos" e acontece à luta armada.[130] 109

A mudança de nome acontece nessa fase. A DI-GB adotaria o nome de MR-8[131] após a repressão anunciar o desmantelamento da organização. No seqüestro do embaixador norte-americano, no ano de 1969, em conjunto com a ALN, a organização

---

[127] Idem, ibidem, p. 112.
[128] FILHO, Daniel Aarão Reis. MORAES, Pedro de. *1968: A paixão de uma Utopia*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1998, p.16.
[129] Idem, ibidem, p. 25.
[130] OZAÍ, Antônio da Silva. *História das tendências no Brasil*, São Paulo: Proposta, 1987, p.109.
[131] Quanto ao nome MR-8, Jacob Gorender traz a seguinte explicação. "O pequeno grupo tinha editado um jornal intitulado Movimento revolucionário 8 de Outubro, data da morte de Che Guevara. Talvez com o propósito de inflar o êxito repressivo, os órgãos policiais apelidaram os foquistas fluminenses de MR-8. A Dissidência – Guanabara aproveitou a dica e adotou a sigla afim de demonstrar que a organização supostamente esquerdista continuava bem vivo. Idem, ibidem, p. 167.

assumiria o nome de MR-8.[132]Esta ação perpretada em conjunto pelo MR-8 e pela ALN contra a ditadura " foi a primeira operação do gênero, no mundo, na história da guerrilha urbana"[133].

Após o sucesso conseguido através do seqüestro, a repressão se intensificou, aumentando seus atos repressivos, conseguindo desta forma prender e matar importantes quadros do MR-8 (e de toda a esquerda). No entanto, o trabalho do MR-8 não parou; trabalhos estabelecendo contatos com operários de fábricas e áreas rurais foram realizados em 1970, "mas nas discussões teóricas, o Oito estava abandonando a tese da luta armada urbana".[134]

No penúltimo ano, 1971, já na segunda fase da organização, se demonstravam vivos e organizados ao publicar o documento: "Linha Política e Orientação para a Prática, (abril, 1969 e janeiro de 1971).[135]

LINHA POLÍTICA E ORIENTAÇÃO PARA A PRÁTICA

A "situação internacional"é analisada no primeiro tópico deste documento, envolvendo questões alusivas à dependência[136] do Brasil ao imperialismo norte-americano. No quarto parágrafo, o documento diz:

> Integrado no bloco submetido à hegemonia do imperialismo norte-americano, encontram-se os países de economia capitalista dependente. As classes e os setores sociais explorados destes países representam a vanguarda da revolução mundial e ilustram o aspecto principal da contradição principal.[137]

Ainda no primeiro tópico, a organização assume o seu objetivo de promover a revolução socialista através da luta armada,[138] que seria conduzido até o fim total do

---

[132] Este fato tem ainda, um significado particular e especial: pela primeira vez a Dissidência da Guanabara adota publicamente o nome de Movimento Revolucionário 8 de Outubro. Idem, ibidem, p. 110.
[133] GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990, p 168.
[134] GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.p 382.
[135] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p.341.
[136] O exame dos documentos pragmáticos de algumas das organizações da esquerda brasileira – VAR – Palmares, VPR, MR-8, PRT, POC – revela que integração e dependência são os conceitos chaves mais repetidos na caracterização sócio-econômico do Brasil. Derivação comum da teoria da dependência demasiada flagrante. GORENDER, Jacob. Combate nas trevas. São Paulo: Ática, 1990, p. 76.
[137] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p. 341.
[138] Ao mesmo tempo devemos reafirmar o princípio de base do materialismo histórico, segundo o qual a luta armada é o caminho essencial para liquidação final de exploração do trabalho do homem pelo homem [...]. Idem, ibidem, p. 342.

capitalismo e do imperialismo. Fica claro no texto que a radicalização da esquerda deveria ser realizada a partir da mobilização e politização constantes de setores sociais.

A organização apresenta no segundo tópico "a etapa e as forças estratégicas da revolução brasileira". O país é caracterizado pela dependência ao capital internacional, o que gerou uma burguesia nacional aliada aos interesses do imperialismo. Portanto, é estratégico romper com o imperialismo para destruir a burguesia local.[139]Até na contradição das lutas de classes, a organização direcionava suas críticas ao imperialismo, como um dos fatores preponderantes de dominação. A força que conduziria ao processo de destruição do sistema capitalista deveria ser representada pelos proletariados. [140] As razões, a saber:

> A) conserva a sua posição no setor estratégico da economia do país; B) É a única classe, enquanto conjunto, cuja vitória corresponde ao interesse objetivo das outras classes exploradas da sociedade. A satisfação dos interesses objetivos da classe operária não poder ser conseguido no quadro do capitalismo dependente; C) enfim, o capitalismo dependente não cessa de desenvolver o processo social de produção em contradição com a apropriação privada dos frutos desta produção ao mesmo tempo em que, no processo de produção, e cada vez mais, o capitalismo coloca os operários para trabalhar de uma forma organizada, disciplinada e coercitiva, características que criam as condições para a organização do proletariado, desenvolvendo nele as qualidades essenciais para o novo modo de produção e de apropriação sociais. [141]

O caráter socialista da revolução na constituição de um governo deveria ser regido através da ditadura do proletariado, embora, segundo Norberto Bobbio, Marx queria "falar de ditadura do proletariado no sentido de domínio de classe e não de um comitê e muito menos de um partido, e, portanto no sentido tradicional de forma típica de exercício do poder." [142] As mudanças que esse novo governo operaria na realidade social, política e econômica obedeceriam às seguintes medidas:

> Nacionalização dos grandes monopólios nos setores rurais e urbanos e do comércio externo. Destruição das instituições burguesas que são a base e a expressão do capitalismo dependente; Destruição do exército burguês e do conjunto de aparelhos de repressão

[139] Idem, ibidem, p.344.
[140] Os proletariados são representados pelos operários. Outros grupos sociais também são também citados como forças importantes: " Os pequenos camponeses, o semi - proletariado rural, os setores assalariados empobrecidos das camadas médias da população". " Enfim, um outro grupo social que, por suas características próprias, merece atenção especial por parte dos revolucionários, -é constituído pelos estudantes secundaristas e universitários, assim como pelos intelectuais : jornalistas, escritores, artistas... etc. Idem, ibidem, p.345.
[141] Idem, ibidem, p 344.
[142] BOBBIO, Norberto. *Estado Governo e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p.165.

> existente – distribuição de armas ao conjunto das classes exploradas; Economia planificada.[143]

No penúltimo tópico, sobre as "estratégias da guerra revolucionária," [144] mostra como efetuaria o desenvolvimento das lutas armadas e não armadas para tomar o poder. Tal objetivo, depois de uma análise da conjuntura estrutural do sistema capitalista brasileiro, justificaria "a necessidade de uma guerra de longa duração pela tomada do poder pelas classes exploradas".[145]

Duas frentes[146] de luta seriam organizadas, uma no campo e a outra na cidade. Essas frentes são chamadas de exército revolucionário, o qual entraria nos embates armados e não armados contra a ditadura, após a realização de um diagnóstico do momento e do lugar.

No período em que este texto era produzido, o regime militar ocultaria as mazelas sociais através da propagação dos altos índices de crescimento econômico nos meios de comunicação. "Na fase de apogeu do regime, entre 1968, quando foi baixado o AI-5 e o início da fase da decadência, em 1974, quando os sintomas de crise apareceram com clareza, as mazelas foram disfarçadas com a enumeração dos altos índices alcançados."[147]

No último tópico do documento, 'A situação atual – nossa tática,' a organização faz uma avaliação das condições econômicas e sociais do país. Diz o documento que a crise conjuntural vivida pelo Brasil é resultado da política da ditadura que privilegiaria a classe dominante. Desta forma a política da ditadura foi caracterizada através de três formas:

> Tentativa de desenvolvimento econômico do país no interior do quadro já descrito; propaganda em torno de suas realizações e de seus chefes,

---

[143] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985 p.346.

[144] A guerra revolucionária deve ser compreendida como um processo político e não como uma explicitação militar da luta política. A guerra não revolucionária é assim o conjunto das formas de luta, inseridas num contexto de processo armado; a combinação das forças armadas e não-armadas de luta manifesta no decorrer do processo, embora as formas - não armadas permaneçam submetidos em sua dinâmica à direção e ao sentido da preparação ou da prática das formas armadas de luta. Idem, ibidem, p. 347.

[145] Idem, ibidem, p. 347

[146] A) No campo: 1 – As guerrilhas táticas e regulares – permanentes e irregulares – cujos combatentes estão integrados na produção. 2 – As guerrilhas estratégicas, colunas permanentes que se distinguem dos grupos de guerrilhas táticas por sua capacidade de incorporar novas forças. B) Na cidade: os grupos político –militares que agruparão quadros de vanguarda e frações mais conscientes das classes exploradas

[147] SODRÉ, Nelson Werneck. *Vida e Morte da Ditadura. 20 Anos de autoritarismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984, p.105.

> procurando controlar a opinião pública com auxílio de uma forte censura à imprensa; carta branca aos órgãos de repressão no combate à guerra revolucionária[148].

Quanto à tática que a organização deveria assumir, duas formas foram apresentadas: "tentar organizar a massa ou limitar-se aos quadros das organizações armadas"[149]. A importância de não abandonar as massas está, sobretudo, na experiência política adquirida nos anos que antecederam o golpe. O desafio do MR-8 ou das esquerdas que entendiam que as massas não poderiam ficar de fora do processo de luta, era organizar e articular os sindicatos que haviam sidos fechados pelos sucessivos atos institucionais, em especial o AI-5. "É preciso, porém, que o trabalho revolucionário preocupe-se sempre com as massas para melhorar de forma eficaz seu nível e criar as condições que levem a organização e a sua nas fases sucessivas de luta." [150]

Quatro pontos políticos 'básicos' foram apontados com o objetivo de trazer as massas para a frente de luta:

- Derrubada da ditadura e liberdade de expressão e de organização garantida pelo povo armado;
- Estatização das empresas estrangeiras e nacionais que colaboram com o imperialismo;
- Terra a quem trabalha;
- Direito ao trabalho garantido a todos. Fim de desemprego[151].

Neste estágio de radicalização das esquerdas, a organização critica o MDB como partido supostamente de "oposição" ao regime, incapaz de convencer quem quer que seja. Portanto, a frente de luta armada deveria ser fortalecida através da aproximação de outras organizações clandestinas que tinham o mesmo plano de lutas. Diz o texto: "Independentemente disto, pensamos que outras frentes devem ser criadas, seja com outras organizações de esquerda, seja com quaisquer forças de oposição à ditadura, sempre em torno de princípios políticos e de objetivos bem definidos".[152]

---

[148] FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p.351.
[149] Idem, ibidem, p. 353.
[150] Idem, ibidem, p.354 .
[151] Idem, ibidem, p. 355.
[152] Idem, ibidem, p.356.

Percebe-se que o documento é também uma autocrítica à prática espontaneísta[153] de luta armada que o grupo adotaria anteriormente. O documento mostra que a análise do ambiente em que a organização efetuará uma ação armada era a parte inicial para a realização estratégica de luta armada e não armada.

Essa estratégia conseguiu atrair importantes membros de outras organizações para o MR-8. O capitão Carlos Lamarca foi um importante quadro que aderiu ao "Oito" após discordar das estratégias do grupo ao qual pertencia, a VPR. "Lamarca vê no MR-8 um espaço maior para trabalhar com as massas e a possibilidade de desencadear a guerrilha rural." [154]

Com a morte do capitão Lamarca,[155] a repressão aumenta a sua investida sobre os quadros da organização.[156] Com a organização quase que totalmente sem condições de reação, os militantes que resistiram à repressão no Brasil, formularam, juntamente com as organizações exiladas que se encontravam no Chile, um processo de reorganização.

> A partir de 1974 o MR-8 iniciou um processo de reintrodução de quadros no Brasil para recontar os setores remanescentes da organização e dar início a um trabalho em novas áreas , como São Paulo, Minas Gerais entre outros estados.[157]

Foi no Chile que a organização iniciou, em 1972, o processo de autocrítica, desenvolvendo a sua estratégia de luta pelas liberdades democráticas, como informa Antônio Ozaí:

> É através de escritos, assinados por dirigentes do MR-8 que se pode verificar o processo de modificação de linha política que a organização iniciou como Pleno de 1972 no Chile. No número 9 do Brasil Socialista (revista), Daniel Terra assina artigo "socialismo e liberdades democráticas", onde se percebe claramente a virada de sua linha política.[158]

---

[153] Superar o espontaneísmo significa ter uma planificação global da distribuição de nossas forças, tendo em vista as necessidades gerais da revolução brasileira e a situação concreta atual da esquerda. Devemos saber onde, como e com quem nossas forças vão agir, superando a falta de sistemática que reinava na prática de conjunto da esquerda. Idem, ibidem, p. 352.

[154] OZAÍ, Antônio da Silva. *História das tendências no Brasil,* São Paulo: Proposta, 1987, p. 110.

[155] Ainda naquela época, o episódio marcante foi o da morte de Carlos Lamarca, o ex-capitão que deixaria o exército para organizar as guerrilhas, ficamos arrasados com a notícia, pois era um importante símbolo de oposição ao governo militar. Quando morreu, Lamarca estava no MR-8, que era a organização mais forte da esquerda. Vivíamos um crescimento autofágico, baseado nos destroços de outros partidos de esquerda. GABEIRA, Fernando. O Crepúsculo do Macho: depoimento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1982, p. 90.

[156] Outros militantes do MR-8 são assassinados, presos ou deixam o país. Idem, ibidem, p.111.

[157] *PERFIL DOS ATINGIDOS (Projeto Brasil: Nunca mais):* Petrópolis: Vozes, 1998, Vol. IV, p.56.

[158] OZAÍ, Antônio da Silva. *História das tendências no Brasil*, São Paulo: Proposta, 1987, p. 112.

A revista Brasil Socialista era um veículo clandestino produzido na França que reunia as organizações Ação Popular Marxista Leninista (APML), MR-8 e POLOP. Ele entrava clandestinamente no Brasil, sendo distribuído para essas organizações e militantes de esquerda e nos movimentos estudantis[159] dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e Recife.[160]

A revista teve um importante papel na reflexão política sobre a atuação da esquerda, contribuindo para o reordenamento do movimento em favor da luta pelas liberdades democráticas.

> A revista teve papel essencial: impulsionou o processo de autocrítica da luta armada; ajudou a redefinir a luta pelas liberdades democráticas para todo um conjunto de organizações que compunham um campo próprio e ajudou a reconfigurar o quadro de alianças e articulações dentro da esquerda.[161]

A decisão do MR-8 pela luta democrática já estava consolidada desde 1972, passando então, a ser a principal bandeira política daquele momento[162]. A revista passou a ser o seu principal meio de crítica à POLOP, que ainda não tinha concordado com a luta democrática.

Em 1975, o dirigente do MR-8 Daniel Terra publicou um texto na revista, sob o título de "Contra o doutrinarismo e o economicismo: por uma tática predatória de combate à ditadura'[163]. No texto, Daniel Terra faz duras críticas ao posicionamento da POLOP em permanecer com o objetivo de luta pela via armada.

> O que está por trás de toda está retórica terrivelmente "radical", de todo este azedume contra a democracia sempre necessariamente burguesa e contra os democratas, é que PO (abreviatura de POLOP, Política Operária) totalmente enredada no seu doutrinarismo nos seus preceitos antidemocráticos, são sabe separar o joio do trigo, como faze uma crítica concreta e pertinente da democracia não proletária que leve ao isolamento da ditadura e não ao (isolamento) do proletariado. Por isso, pretendo demonstrar fidelidade a sua 'Estratégia proletária', verberando contra todo e qualquer: movimento democrático. E conclui: Neste sentido, o centro tático político capaz de expressar os objetivos táticos para o momento coloca-se nas lutas democráticas, anti ditadura e anti - imperialista. [164]

[159] ARAÚJO, Maria Paula Nascimento de. Aluta democrática contra o regime militar na década de 1970. In: FILHO, Daniel A. Reis. RIDENTI, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O Golpe e a Ditadura Militar: Quarenta anos depois (1964 – 2004*) São Paulo: EDUSC, 2004, p.162.
[160] Idem, ibidem, p.162.
[161]Idem ibidem, p.164.
[162] Idem, ibidem, p.165.
[163] Idem, ibidem, p.164.
[164] Idem, ibidem, p.165.

No ano de 1977[165]o MR-8 realiza o seu primeiro congresso no país, aprovando a resolução política que confirmaria a luta democrática como o primeiro passo para promover a revolução socialista. Portanto, a primeira etapa da revolução seria a democracia, semelhantemente às convicções do PCB, que defendia a revolução por etapas, concepção defendida também pelo PC do B. A primeira etapa da revolução seria a consolidação da democracia, mediante o fortalecimento da burguesia nacional ou revolução "nacional democrática – burguesa, na visão do MR-8"[166].

As estratégias definidas pelo MR-8 na segunda metade da década de 70, implicaram também na mudança em relação à resistência que tinha em apoiar o MDB. Fazia parte dessa nova estratégia aglutinar forças contra o regime militar e avançar a luta democrática; por isso tornava- se essencial fortalecer o MDB como a frente que conduziria o processo de reabertura e, assim, garantir uma constituição que contemplasse as bandeiras levantadas pela organização.

Essa mudança também aproximaria o MR-8 e o PCB em relação ao apoio aos setores políticos contra a ditadura. O PCB, a partir das eleições parlamentares de 1974, avança "contra" a ditadura, formando a "Frente Patriótica Contra o Fascismo." Dentro dessa visão, os comunistas apoiariam pacificamente, e com todas as suas forças, o MDB. Era necessário, para avançar no sentido da luta liberdade democrática, aliar-se a setores da sociedade ideologicamente contrários.

> Neste período, toda a política do PCB se baseia na luta pela democracia e pelas liberdades democráticas, política esta que, como já vimos, levará o partido a propor aliança até com setores arenistas ou das forças armadas. Isto significa que para o PCB o movimento sindical deve ser um item a mais nesta frente. Isto é, os trabalhadores – em nome da luta pela democracia --- devem estar dispostos a fazer alianças com a burguesia ou com qualquer força de oposição ao regime. [167]

Em relação ao II Congresso no final do ano de 1979, basicamente não houve alteração da linha política defendida no congresso anterior. Do período da realização dos primeiros congressos até o III Congresso realizado em 1982, a organização buscou projetar as suas forças como estratégia de luta, procurando intervir nos movimentos

---

[165] O MR-8 realizou, em 1977, o seu I primeiro Congresso, onde referendou e aprimorou --- segundo os mesmos --- a linha política que iria se iniciar com a realização do Pleno do Chile em 1972 as teses defendidas por Daniel Terra no documento "O socialismo e as liberdades democráticas", os quais passaram da luta armada à priorização da luta por liberdades democráticas.

[166] Idem. Ibidem, p. 155.

[167] Idem, ibidem, p.153.

sindicais. Em Minas Gerais, o MR-8 esteve presente nos movimentos operários, com importante atuação nas cidades de Betim e Contagem, região com forte pólo industrial, configurando-se a única organização que "aparecia abertamente no movimento operário"[168] do estado de Minas até 1979.

O congresso realizado em 1982 redefine a linha política do "Oito". A organização apresenta uma outra formulação para a "revolução" brasileira, que tem como centro uma visão da questão nacional em que, na luta pela independência nacional, ficam diluídos os interesses e contradições de classe.

> O III Congresso realizado em 1982, onde é aprovado o projeto democrático -- atrair militares e empresários para a luta democrática – e redefine sua linha política fazendo uma inversão das bandeiras de lutas prioritárias: agora a questão central não é a luta pela democracia (resolução democrática nacional), mas sim a questão nacional, isto é, a luta é nacional e anti-imperialista, o que leva a defender com unhas de dentes uma pretensa burguesia nacional.[169]

A partir dessa posição, o MR-8 começa a priorizar o trabalho de articulação política de 'frente', um trabalho eminentemente de cúpula, com a prioridade de alinhavar uma aliança com uma burguesia nacional, a qual apresentaria suposta contradição antagônica com o imperialismo e os grandes interesses monopolistas internacionais no país. Assim, abandona gradativamente o trabalho de massas, assim como o trabalho de elevar –se ao nível de organização voltada para a educação política da classe operária e das massas populares.

O MR-8 de Caratinga surge com uma formação que viria a ser orientada pelas linhas políticas aprovadas no congresso de 1979 e se desenvolveria na década de 80 sob a orientação estratégica do congresso aprovado em 1982.

Portanto, vemos a necessidade de uma análise do conteúdo desses documentos nesse capítulo 2, com o objetivo de entender como a organização MR-8 se orientava para as questões políticas do país e do município de Caratinga. O estudo desses documentos nos fornecerá informações para a análise dos discursos e práticas do MR-8 de Caratinga, assunto do próximo capítulo.

---

[168] POMPERMAYER, Malari José. *Movimentos Sociais em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1987, p. 41.
[169] OZAÍ, Antônio da Silva. *História das tendências no Brasil*, São Paulo: Proposta, 1987, p. 164.

2.2 REVOLUÇÃO SOCIALISTA E REVOLUÇÃO NACIONAL DEMOCRÁTICA

Antes de dedicarmos ao MR-8 de Caratinga, é essencial fazermos uma abordagem sobre os documentos, do II Congresso, de 1979, e do III Congresso, de 1982. O documento é a "leis" da organização e é "[...] sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente [...].[170] Para Ciro Flamarion, a história é sempre discurso que precisa ser decifrado para a realização da pesquisa: "A história é sempre texto, ou mais amplamente, discurso, seja ele escrito, iconográfico, gestual [...]." [171]

O texto do documento, portador de um discurso, tem a ver com a ideologia, pelo fato de ser fruto de uma construção dos valores sociais da sociedade.

> A ideologia é antes uma questão de "discurso" que de "linguagem", mais uma questão de certos efeitos discursivos concretos que de significação como tal. Representa os pontos em que o poder tem impacto sobre certas enunciações e inscreve-se tacitamente dentro delas [...] Antes, o conceito de ideologia tem como objetivo revelar algo da relação entre uma enunciação e suas condições materiais de possibilidade, quando essas condições de possibilidades são vistas à luz de certas lutas de poder centrais para a reprodução (ou, para alguns teorias, a contestação) de todo uma forma de vida social.[172]

Quando falamos de discurso do MR8, inferimos dois aspectos. O primeiro se refere às ações práticas políticas empregadas no campo de embate relativo às forças que buscam a legitimação do poder latente nas lutas de classes. O segundo, por sua vez, refere-se à as ações e práticas. O que nos faz dar muita importância aos documentos é o fato de a organização ter uma estrutura que é a sua viga de sustentação: o *centralismo democrático*, modelo que balizaria a vida do "Oito."

"Isso nos dá a segurança de que estamos avançando no caminho certo, o caminho da unidade construído através da luta política honesta e profunda, organizada na base do único método sério e conseqüente, o método do centralismo democrático."[173]

---

[170] CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 377.
[171] Idem, ibidem, p. 377.
[172] EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: Unesp/ Boitempo,1997, p. 195.
[173] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1979, p 17.

Esse modelo tem como objetivo regular e uniformizar a organização, garantindo que ela funcione, analogamente ao corpo humano, como a cabeça no centro de comando das outras partes.

Dessa forma, o Comitê Central, localizado no Estado de São Paulo, era o responsável por formular a linha política e leva - lá à prática através de "organismos inferiores". O centralismo democrático tem a capacidade de apresentar a organização como um grupo coeso que maximiza sua restrita existência através de algo maior e mais forte, conduzindo os seus membros à experiência de pertencerem a um grupo unido e seguro, com os mesmos objetivos. Desta forma, o aparelho do MR-8 de Caratinga, bem como os de outras cidades onde o "Oito" estava presente, era regido sobre as orientações do Comitê Central. Todas as decisões políticas levantadas pelos comitês municipais estavam submetidas a apreciações dos "organismos superiores." No seu depoimento, o ex-secretário regional e municipal do MR-8, o prof. Cláudio Leitão, relata um momento importante da política do município de Caratinga, o qual foi por ele levado ao conhecimento dos organismos superiores:

> Na verdade existia uma organização atrás e essa organização era o MR-8. E que veio até a sucessão do Fabinho, quando nós tivemos uma participação muito grande, com o conflito que houve para não permitisse a sucessão que o Fabinho queria fazer com o sô Dário. Então a 1º vez de sô Dário foi em 88. O MR-8 teve uma participação para desestabilizar essa estratégia do Fabinho. Essa discussão foi para BH, pouca gente sabe disso, a gente discutia só, e vinha pra poder fazer. Então era uma intervenção organizada de um partido de esquerda, que estava agindo na cidade.[174]

Em outubro de 1979, pouco após a anistia, a organização realizou o seu segundo congresso, o qual, basicamente, referendava política defendida no congresso anterior. No congresso, foi definida de forma mais precisa a linha política elegendo-se o MDB como o "partido popular" que conduziria à revolução socialista no país, segundo a visão da organização para aquele momento político do país; e no plano internacional, reconhecia a União Soviética (URSS) como liderança dos países socialistas e dos povos que lutavam para se libertar do julgo imperialista dos países capitalistas.

> Propomos que nossas organizações assumam explicitamente o caráter socialista das relações de produção dos países do chamado campo socialista, que vem se desenvolvendo, com acertos e erros como é inevitável, no sentido do comunismo. Propomos também a autocrítica das posições

[174] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/072007, por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo. Caratinga: Digitado, 2007, p. 04.

> assumidas em nossos congressos anteriores, quando afirmamos que o Partido Comunista da URSS é um partido revisionista. Esta foi uma decisão precipitada, pois os dados existentes, analisados objetivamente, não permitem chegar a essa conclusão. Pelo contrário, URSS, dirigida pela PCUS, tem sido um dos mais constantes e poderosos apoios à luta pela democracia pela independência nacional, pela paz e pelo socialismo em todas as partes do mundo.[175]

O ideário sedutor que movia os comunistas a se entregarem de forma descomunal à suas causas, é a revolução.[176] O MR-8, enquanto organização comunista viveu este ideário.

> Para o marxismo-leninismo, a revolução é sempre figurado como algo imanente ao processo histórico, não passa de um desdobramento orgânico do regime capitalista. A revolução era um destino e daí decorria uma expectativa sempre otimista. Era um ser natural.[177]

No período de 1979 a 1982, o MR-8 teve significativo crescimento. De uma organização situada no Rio de Janeiro, estendeu-se a todos os estados do país e incorporou pequenas organizações comunistas, como a Fração Operária Comunista (FOC), dissidência da Ação Popular Marxista-Leninista (APML) e, em Pernambuco, o Partido Comunista Revolucionário (PCR).[178]

Paralelamente ao crescimento interno, o MR-8 coloca a sua estratégia em prática através de uma participação ativa na reconstrução de massas representativas dos diversos setores da sociedade brasileira, pois eram eles que conduziriam ao fim da ditadura e dariam início à revolução comunista, segundo a perspectiva da organização.

Portanto, a formação dos movimentos de massa era a forma de organizar as classes oprimidas pelo imperialismo norte-americano para construir o bloco que lutaria pela liberdade, pela independência nacional e movimentar a roda da história em direção ao socialismo. No documento do II Congresso de 1979,[179] a organização aponta os

---

[175] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8.* São Paulo: Quilombo, 1980, p 17 e 18.
[176] A doutrinas do marxismo revolucionário sublinha que a revolução é a locomotiva da história: apressa a queda da velha ordem social e favorece o advento da nova, permite a passagem do poder das mãos de uma classe às de outras, até chegar à mãos do proletariado. BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. São Paulo: (EDUNB) Editora Universidade de Brasília, 5º Edição, 2004. vol. I e II, p. 1125.
[177] FILHO, Daniel A. Reis. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo-SP: Brasiliense, 1990, p. 107-8.
[178] FILHO, Daniel A. Reis. CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Revolução e Democracia (1964 - ...)*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2007, p.141.
[179] RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8. São Paulo: Quilombo, 1980.

modos de produção capitalista como o entrave dos interesses da maioria da população, os quais seriam eliminadas somente com a socialização da propriedade privada.

> A contradição fundamental que existe em nosso país é aquela que opõe as imensas possibilidades de desenvolvimentos das forças produtivas no modo de produção capitalista que os entrava, e que os opõe o caráter cada vez mais social de produção ao caráter privado da propriedade sobre os meios de produção. Somente resolvendo essa contradição, ou seja, eliminando a propriedade privada dos meios de produção através de sua socialização, será possível libertar o desenvolvimento das forças produtivas, promover o progresso do país e elevar o bem-estar do povo.[180]

Ficaram ainda definidas no II Congresso de 1979, as medidas iniciais para a construção de uma sociedade com o proletariado se constituindo a si próprio como classe dominante, através da ditadura do proletariado. Dentre as medidas que constituem o Programa Socialista da Revolução Brasileira, destacamos algumas.

> Destruição de todos os órgãos de poder da burguesia e substituir pelo órgãos de poder do proletariado, cujas formas serão difundidas severamente pela classe operária e o povo, com o amadurecimento de sua luta revolucionária. Fim das forças armadas e da polícia burguesa, com a instituição e organização do Exército popular e das milícias populares, diretamente controlada pelos trabalhadores. Estatização de todos os grandes indústrias e monopólios estrangeiros e nacionais. Estatização de todos as grandes empresas comerciais, de armazéns, de transportes, de comunicação e de serviços em geral. Controle operário sobre o conjunto das empresas estrangeiras. Planificação do conjunto da economia, utilizando o ator estatal como base para o desenvolvimento da indústria socialista. Suspensão da dívida externa.[181]

O diagnóstico sobre a realidade política do país, em 1979, para avançar o socialismo apresentava a ditadura militar como o primeiro grande inimigo a ser vencido. Portanto, todas as forças deveriam ser somadas para derrubar a ditadura e conquistar um governo popular, que seria representado pelo MDB, partido legal que iria ser transformado em um partido da luta popular no país.

Reza o documento do II Congresso que após a vitória do MDB, ter-se-ia o momento de transição para o socialismo, período em que a estrutura do sistema capitalista seria destruída e as transformações socialistas seriam contempladas pelo governo popular do mesmo MDB.

---

[180] Idem, ibidem, p.38.
[181] Idem, ibidem, p.41 e 42.

> O governo popular não é, entretanto, uma forma de transição obrigatória para a ditadura do proletariado. Não é possível, embora seja bem pouco provável, que a burguesia continue majoritariamente apoiando a política da ditadura militar e que consiga resistir ao movimento de massas criada durante um tempo considerável. Nestas condições, não é impossível que o movimento de massa acumule forças debaixo mesmo da ditadura militar suficientes para passar, sem um governo de transição, diretamente da ditadura militar para a democracia proletária.[182]

A partir do seu III Congresso, em 1982, o MR-8, ainda na clandestinidade formula a concepção de que existe uma contradição no Brasil entre "nação e imperialismo e não entre capital e trabalho, o que implicaria uma aliança com a burguesia nacional, vai praticar uma política muito semelhante à do PCB à época acima citada.[183]

A orientação política do MR-8 tem uma nova direção, projetando-se em torno de alianças com determinados grupos políticos que no passado eram vistos como inimigos. A luta de classes se diluía para dar lugar à concepção de dependência como entrave nas relações de produção no país. "O principal entrave ao desenvolvimento das forças produtivas do Brasil de hoje não é o caráter capitalista das nossas relações de produção, é o caráter dependente dessas relações. "[184]

A aliança com setores do capitalismo que mantinham contradições com o imperialismo, direcionamento político semelhante à política do PCB dos anos 40, quando Prestes prestou apoio a Getúlio Vargas.

> O PCB dos anos 40, regido pela cultura que julgava deter a clarividência sobre o devir da história defendia, ao contrário da política de "classe contra classe" dos "obreiristas" em 30, uma aliança com a burguesia nacional que, segundo ele, mantinha contradições com o imperialismo ianque. Mais uma vez, os comunistas, como demiurgos do fluir do tempo, consideram que havia que se vivenciar uma etapa mediana que antecedesse o socialismo e liquidasse as "estruturas feudais", promovendo o progresso e a industrialização nacional, tendo a burguesia aliada.[185]

[182] Idem, ibidem, p. 53.
[183] SALGADO, Gilberto. *Cultura e Instituições sociais*. Juiz de Fora: UFJF, 2006, p.186.
[184] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO III CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982, p.11.
[185] SALGADO, Gilberto. *Cultura e Instituições sociais*. Juiz de Fora: UFJF, 2006, p.186.

Nos meandros da década de 80, o PCB apoiaria também alianças com a chamada "burguesia nacional," [186] apoiando os candidatos do PMDB, como Orestes Quércia, na política de 1986.[187]

Com a realização do III Congresso, em agosto de 1982, foi aprovado o projeto democrático, que buscava atrair militares e empresários para a luta democrática. Esta nova orientação tornou-se o objetivo para fortalecer à frente contra a ditadura.

O caráter da Revolução brasileira nacional e democrática, implicava que o principal inimigo era o imperialismo norte-americano e significou atrair a burguesia nacional[188] e parte dos militares[189] do alto comando descontentes para o campo desta revolução.

A convite do MR-8 de Caratinga, o General Andrade Serpa esteve naquela cidade no ano de 1983, para fazer uma palestra na semana da pátria.

> Aí teve um lance muito engraçado, só pra gente perceber. Foi na semana da pátria, em 83. Tava no final da ditadura, mas ainda tinha tensões. E aí tinha um quadro do exército brasileiro, que estava fazendo um confronto aberto e público com o regime militar, ultranacionalista, o general Andrade Serpa. Aí nós começamos levar o Serpa para todos os lugares, porque ele tinha um discurso nacionalista. Ele vinha de extrema direita. Naquele momento você tinha uma visão, isso é importante você ler o congresso (resoluções do partido) porque ele fala como os nacionalistas são fundamentais para seguir a luta antiimperialista. Então, os nacionalistas, mesmo de direita, poderiam hoje estar contribuindo para avançar a luta pela soberania nacional. [190]

Essas alianças provocaram cisão na organização, uma parcela contrária à nova direção sai após o III Congresso e ingressa no PCB. Saíram importantes nomes da organização, dentre eles os membros do Comitê Central Franklim Martins e Carlos Alberto Muniz, sendo apoiados pelos comitês regionais dos Estados do Paraná, Distrito

[186] O que estava na ordem do dia não era mais a revolução proletária (...) Fala-se agora numa democracia liberal, numa aliança com a burguesia, em luta pela industrialização que provocaria a reforma agrária. Achavam que a Revolução Democrática Burguesa tinha de ser feita pela burguesia e com ela deveria ser feita nossa aliança. BASBAUM, Leôncio. *Uma via em seis*. Tempos. São Paulo: Alfa Ômega, 1978.

[187] SILVA, Antônio Ozaí. *História das tendências no Brasil*. São Paulo-SP: Proposta, 1987.p.158.

[188] À época isto se revelou um ineditismo do MR-8 se contrapor a uma sigla que não figura no jargão da oposição. As páginas do jornal passaram a estampar matérias com empresários como Antônio Ermírio de Morais, Albano Franco, Abílio Diniz, Afif Domingues ou entidades empresarias como a FIRJAM, quando são explicitados críticas à política econômica do governo. CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) Os "Melhores filhos do povo." *Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado)* Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 255.

[189] Também militares como o Gal. Andrade Serpa, os ministros, os ministros da Aeronáutica e Marinha Brigadeiro Décio Jardim e Almirante Maximiliano Fonseca, aparecem nas páginas do jornal tecendo críticas às exigências dos Estados Unidos e falando de autodeterminação nacional. Idem, ibidem, p. 255.

[190] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/07/2007,por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo. Caratinga: Digitado, 2007, p. 8.

federal, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Piauí e Pará.[191] Permaneceram no "Oito," Cláudio Campos[192] e Antônio Carlos Carvalho, o Tônico,[193] apoiados pelas regionais de São Paulo, Minas Gerais e Rio grande do Sul.[194]

Segundo Antônio Ozaí, os dissidentes acusaram as alianças dos "Oito" de se submeterem aos interesses da burguesia nacional:

> Os dissidentes que saíram da organização acusaram o Comitê Central de funcionar de forma voluntarista, a qual teria se materiazado "numa linha que rebaixa o papel da classe operária, subordinando - à burguesia monopolista brasileira, difunde a ilusão de que o regime atual está a ponto de transitar para o campo democrático e nacional e adota uma via golpista para revolução, através do alto comando das forças armadas. [195]

Podemos observar no documento da Polícia Federal, Superintendência Regional do Rio de Janeiro, que o ano de 1982 ainda continuava "perigoso" para atuação do MR-8. A distribuição da Resolução do III Congresso em uma cidade do interior do Rio de Janeiro foi alvo de investigação. Diz o documento:

> O folheto sob título MR-8 – Movimento Revolucionário Oito de Outubro, Teses para o III Congresso (impressão de março de 82), cuja cópia seguida anexa, estaria sendo distribuída entre seus militantes na cidade de Nova Iguaçu.
> Estão sendo desenvolvidos investigações, objetivando colher maiores dados sobre o assunto.[196]

O MR-8 enfatiza no seu III Congresso à necessidade de extirpar os laços do Brasil com os Estados Unidos para proteger e desenvolver a economia nacional. É na burguesia do país que o "Oito" percebe um forte aliado para romper com o imperialismo norte-americano. No seu Programa Econômico de Salvação Nacional, todos os itens apontados apresentam o imperialismo como o "grande vilão" da economia nacional.

---

[191] SILVA, Antônio Ozaí. *História das tendências no Brasil*. São Paulo-SP: Proposta, 1987.p. 165.
[192] Daniel era o nome de guerra de Cláudio campos, Secretário Geral da Organização a partir de 1982.
[193] Ex-vereador e ex-deputado do Estado do Rio de Janeiro pelo PMDB. Disponível em: http:// www.cecac.org.br/MATERIAS/Homenagem_Tonico _Acesso em 18 de janeiro de 2008.
[194] SILVA, Antônio Ozaí. *História das tendências no Brasil*. São Paulo-SP: Proposta, 1987.p. 165.
[195] Idem, ibidem, p. 165.
[196] *BRASIL. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL*. Superintendência Regional do Estado do Rio de Janeiro. Serviço de Informações. Informe nº 493/82 – SI/ SR/ DPF / RJ. 06/ 05/ 1982. Teses para o III Congresso do "MR – 8" – Movimento Revolucionário Oito de Outubro. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, nº 146.

No primeiro item, sobre o fim do desemprego e do arrocho salarial - diz o texto: "É hora de impedir que nossos recursos sejam depositados na especulação ou remetidos para o exterior [...]." [197]

No segundo item congelamento da dívida externa, o texto diz "Nenhum país tem visto o produto do seu trabalho e suas riquezas naturais serem drenadas para o exterior tão lesiva e violentamente quanto o Brasil."[198]

Veremos, no próximo capítulo deste trabalho, que este item foi uma das bandeiras mais defendidas pela organização. Mesmo longe dos grandes centros e sob os holofotes da imprensa aconteceram manifestações em Caratinga organizadas pelo MR-8.

A reorientação das atividades econômicas, terceiro item, anuncia a importância de haver um rompimento com a dependência "em relação à máquinas, equipamentos e tecnologia estrangeira".[199]

O "fim do favorecimento estatal aos monopólios quase invariavelmente multinacionais ou associados que sufocam o desenvolvimento da nossa economia,"[200] liquidação das práticas monopolistas, é o quarto item do Programa. Diz mais o texto em relação ao capital estrangeiro no país: "É urgente lançar na produção os vultosos capitais imobilizados e depilados na especulação, orientando-se os segundo as reais prioridades nacionais."[201]

Quanto aos bancos, o quinto item fala sobre a urgência de "lançar na produção os vultosos capitais imobilizados [...]

A reforma agrária, sexto item, critica o apoio estatal e liberação de crédito a favor da exploração do mercado interno do país, e, por último, o item sobre reforma Fiscal e Tributária orienta a progressividade dos impostos segundo as reais prioridades nacionais.

"Para implementar tal programa haveria de se conquistar a democracia política, pela frente popular;"[202] "instrumento político chave indispensável à renovação da ditadura militar[203]. Neste sentido, são apresentadas as seguintes medidas democráticas:

---

[197] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982, p.29.
[198] Idem, ibidem, p. 29.
[199] Idem, ibidem, p.29.
[200] Idem, ibidem, p. 29.
[201] Idem, ibidem, p. 30.
[202] O aspecto principal da construção da Frente Popular em nosso país, hoje, encontrava-se na luta pela transformação do PMDB num partido popular, ou seja, na luta para que os setores populares ampliem o seu peso político, conquistem a hegemonia dentro do MDB e transformem a qualidade de sua atuação. *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982. p. 51.
[203] Idem, ibidem, p.32.

> 1. Revogação da Lei de segurança Nacional (LSN) e de toda legislação autoritária. 2- Liberdade de organização para todos os partidos políticos. 2.- Eleições livres, limpas e diretas em todos os níveis, para analfabetos, cabos, soldados e marinheiros. 3. Liberdade e autonomia sindical, pleno reconhecimento do direto de greve, negociação direta entre patrões e empregados. 4. Convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte. 5. Anistia ampla, geral e irrestrita, política e sindical, com retorno às suas funções e direitos de todos funcionários civis e militares. 6. Denúncia de todos os pactos internacionais agressivos e defesa intransigente da autodeterminação das graves e da paz mundial. [204]

A revolução nacional decorreria do cunho antiimperialista e democrático, porque garantia a mais ampla liberdade possível, favorecendo a participação popular[205] na formação de movimentos de massas, a ponto de acumular forças para fazer a revolução socialista. Definir a revolução no Brasil como nacional e democrática – equivalia libertar o Brasil da dependência, ou seja, da dominação imperialista, que era o entrave ao desenvolvimento do país, sendo a independência a condição de seu progresso.

Segundo nossa perspectiva, podemos sugerir que existe uma mudança na política do MR-8 na mediada em que comparamos os congressos de 1979 e 1982 no que se refere, principalmente, às alianças. No II Congresso o "Oito" deixa clara a sua oposição: a aliança com a burguesia nacional, que no III seria vista como importante aliada em razão das contradições com o imperialismo.

> A direção burguesa do movimento contra a ditadura é inevitavelmente uma direção de acordos e conciliações com o regime, o que à burguesia não interessa o completo desmantelamento do aparelho de repressão antipovo. E nada é mais perigoso para o povo hoje do que uma política de conciliação. Por isso significa, à medida em que o povo avance, atacar interesses cada vez mais importantes da ditadura e de suas bases sociais, sem se preparar política, ideológica e militarmente para a reação que ela inevitavelmente oporá.[206]

---

[204]Idem, ibidem, p. 31.

[205] "É igualmente usada para designar uma variada série de atividades: o ato do voto, a militância, o partido político, a participação em manifestações, a contribuição para certa agremiação política, a discussão de acontecimentos políticos, a participação em comício ou reunião seção, o apoio a um determinado candidato no decorrer da campanha eleitoral, a pressão exercida sobre um dirigente político, a difusão de informações políticas e por aí além. É fácil de ver que um tal uso da expressão reflete praxes, orientações e processos típicos de democracias ocidentais." BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. São Paulo: (EDUNB) Editora Universidade de Brasília, 5º Edição, 2004. vol. I e II, p 888

[206] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO III CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982. p.35.

Entendemos que essa mudança fazia parte da análise da conjuntura política. "Na verdade esta característica de ataques duríssimos e reconciliações pertence ao mundo da política em geral, não se caracterizando uma singularidade do MR-8."[207] É dentro dessa estratégia de Revolução Nacional e Democrática que o MR-8 atuaria na década de 80, elegendo o PMDB como "Frente" política contra o regime militar e que avançaria a Revolução Nacional Democrática.[208]

2.3 PMDB: A FRENTE DEMOCRÁTICA

Entre meados da década de 70 e meados da década de 80, o MR-8 enveredou num processo político denominado luta democrática, a qual foi empreendida por vários setores da sociedade brasileira, com uma forte atuação da esquerda.

Quando a luta democrática foi levantada, tínhamos como contexto o arrefecimento da ditadura militar no país e a reorganização das esquerdas brasileiras.

> Temos, então, na década de 70, uma conjuntura e um processo de luta política fortemente marcado por estes dois pólos: de um lado, o projeto de abertura do governo; de outro, a atuação de um movimento político de oposição, reunindo amplas setores da sociedade e com forte presença dos partidos e organizações de esquerda, que procurava alargar, e implodir os limites do projeto de abertura do governo. Esta conjuntura pode, então,ser definida como uma queda de braço entre o regime e o movimento de oposição.[209]

Na concepção do MR-8 o MDB partido de oposição a ditadura seria o partido que criaria condições de representar "a frente popular"[210] rumo as liberdades democráticas.[211]

---

[207] CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) *Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado*) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 273.

[208] A Frente Nacional democrática e Popular, instância que uniu os mais diferentes setores atingidos pelo imperialismo. Ela simboliza a materialização da unidade que poderia garantir a derrota do "poderoso inimigo'. Idem, Ibidem, p.230.

[209] FILHO, Daniel A. Reis. RIDENTE, Marcelo. *O golpe e a ditadura militar. 40 anos depois (1964-2004*). Bauru-SP: EDUSC, 2004, p. 162.

[210] É no interior do MDB que se encontra a máxima dos políticos populares ou seja , dos elementos que ao longo destes anos de ditadura militar conseguiram estabelecer, com as massas, vínculos concretos em cima da luta política. E é necessário não esquecer também que desde a cúpula, até as bases do MDB existem milhares de companheiros que vê radicalizando dias após dia (...). *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982, p. 51.

[211] O princípio destes fins ou valores, adotados para distinguir não mais apenas formalmente, mas também conteudísticamente um regime democrático de um regime não democrático, é a igualdade, não a igualdade jurídica introduzido nas constituições liberais mesmo quando estas não eram formalmente

O discurso do MR-8 nos últimos anos da década de 70 era a unidade, apregoando que aquele momento não era para se dividir, mas unir e somar forças na Frente – MDB para conseguir a derrocada da ditadura militar. Enquanto no final da década de 70 o país assistia às sucessivas vitórias nas urnas do MDB, em Caratinga esse partido de oposição à ditadura não passava dos 400 votos nas eleições municipais de 1976,[212] assunto que trabalharemos no próximo capítulo.

Desta forma, no 2º congresso o MR-8 deixa transparente a sua tática de se unir ao MDB para, através de uma luta interna, transformá-lo em um partido popular, no qual a frente popular[213] radicalizaria e aprofundaria "as conquistas econômicas, políticas, e sociais da classe operária e do povo; no sentido do socialismo."[214]

Em 1979, o governo militar aprovou o projeto de Lei de nº37, permitindo o retorno do pluripartidarismo ao país, uma estratégia que visava dividir a oposição, uma vez que nela se estavam aglutinando tendências que se oporiam quando organizadas em partidos legais. Para o MR-8, a extinção do MDB pela ditadura tinha o propósito de dividir e enfraquecer a oposição. Segundo Marcelo Ayres Camurça Lima, a organização demonstrou alto grau de previsibilidade:

> Na sua imprensa, o "Oito" avaliava as intenções da ditadura com uma medida: " O governo prepara um golpe mortal contra o MDB... Pretende fracionar a oposição.... Transformar a oposição em ilhas isoladas porque fica mais fácil achar as eleições de 80, implementar o voto distrital, consagrar os biônicos e se manter no poder. (panfleto do vereador Antônio Carlos 19/10/1979).[215]

Nas resoluções políticas do II Congresso, o MR-8 preconizava, ainda no calor da luta, a necessidade de defender a existência do MDB. "Interessa, pois, defender o direito do MDB de existir e combater a sua cassação... Caso a ditadura consiga cassar o registro do MDB, devemos mesmo assim lutar para mantê-lo organizado, ainda que com outro nome, o mais próximo possível." [216]

democráticas mas a igualdade social e econômica. BOBBIO, Norberto. *Estado, Governo e Sociedade. Para uma teoria geral da Política*. Tradução: Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 11º edição, 1985, p.157.

[212] Consta na nota informativa: "O município de Caratinga – MG, um dos mais importantes do Vale do Rio Doce – ofereceu à Arena segundo seu presidente regional Carlos Cota, talvez a mais importante vitória do partido em todo o país: Seus dois candidatos tiveram 35 mil votos contra apenas 382 dados ao concorrente do MDB." *O GLOBO*. O Município de Caratinga. Rio de Janeiro, 23 / 11 / 1976.

[213] Os mais diversos setores do povo, isto é, dos explorados e dos oprimidos, basicamente os operários, os trabalhadores do campo, a pequena burguesia urbana e rural. [...]. *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982, p.50.

[214] Idem, ibidem.

[215] CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) *Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado*) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 254.

[216] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982, p.4.

Esta avaliação anterior o MR-8 capitalizava o acerto de sua resolução de 1979, à antiga sigla foi acrescentada apenas o "P." O PMDB foi criado no dia 15 janeiro de 1980[217], menos de dois meses depois de aprovado a Lei que extinguiu o MDB e autorizou o pluripartidarismo no Brasil.

> Coroando todo esse processo, a principal frente democrática e principal expressão oposicionista do país, o PMDB, reforça-se a olhos vistos, política e organicamente, atraindo as mais diferentes correntes de opinião, e elevando-se a posições democráticas cada vez mais avançadas e de maior conteúdo popular.[218]

Com o retorno do pluripartidarismo, o discurso de unir ou manter-se na Frente – PMDB, entrou em choque com o Partido dos Trabalhadores (PT), o qual era tachado não só pelo MR-8, mas também pelo PC do B e PCB, de "divisionista."[219]

O MR-8 chamava o PT de "agremiação visceralmente pequeno-burguesa, tanto por sua política e ideologia quanto por sua composição e base social."[220] O confronto aberto, declarado pela organização, seria visto na prática em muitos acontecimentos do movimento sindical ao longo da década de 80.[221]

Observamos no documento da Polícia Federal, da Superintendência Regional do Rio de Janeiro, que a militância do MR-8 e de outras organizações clandestinas eram alvos de investigações, quando se organizavam no interior do PMDB, início da década de 80. Diz o documento:

> Carlos Eugênio Sarmento Coelho da Paz- " Sarmento", ex-militante da organização subversiva " ALN- Aliança Libertadora Nacional", foi visto no último dia 07-maio- 82, por volta das 13:00 horas, ingressando no Diretório Municipal do PMDB – Partido do movimento Democrático Brasileiro, em Nova Iguaçu –RJ.

---

[217] FILHO, Daniel A. Reis. RIDENTE, Marcelo. *O golpe e a ditadura militar. 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru-SP: EDUSC, 2004, p.209.

[218] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO III CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982.

[219] SILVA, Antônio Ozaí. *História das tendências no Brasil.* São Paulo-SP: Proposta, 1987.p. 155.

[220] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982. p.32

[221] No enredo da ' flauta mágica' encenado pelo MR-8 a oposição entre o bem apresentando o mal com o mal travestido de bem se dá em torno do PMDB x PT ou CONCLAT –CGT x PT ou Conclat – CHT x CUT, em que se repete a polarização da unidade contra a divisão. Outra revelação que o "oito" faz, é mostrar que apenas na aparência o PT é o partido dos trabalhadores. Aliás na sua imprensa, o HP (Hora do Povo), ele é tratado como "PT" (aspeado) em como " o mal denominado ' Partido dos Trabalhadores'. Na essência, o PMDB é o partido dos interesses populares, e o MR-8 procura revelar a crescente preferência por ele na classe operária. Como na matéria do HP em que registram a filiação de mais de 150 sindicalistas no partido, entre eles, joaquinzão (HP Nº 4220 27/06/1980. CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) *Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado*) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.234.

> Existem rumores de que o mesmo estaria visitando aquele diretório com certa freqüência, para contatos com Antônio Ivo de Carvalho, estruturado no MR-8 - Movimento Revolucionário Oito de Outubro, o qual é candidato ao cargo de prefeito do município.[222]

Em 1985, enquanto os partidos comunistas que apoiavam o PMDB se legalizaram, o MR-8 saía da clandestinidade e se registrava como entidade civil, devido a análise política que defendia em continuar lutando para unir a FRENTE – PMDB

Marcelo Ayres Camurça cita trechos de jornais que falam sobre esta opção da organização:

> "Entende o MR-8 que vai legalizar –se como entidade de cunho social mas vai pedir registro no Tribunal Superior Eleitoral porque o PMDB não esgotou sua principal tarefa de buscar alternativas para a recessão econômica para a crise que assola o país e o endividamento externo" (Zero Hora – 09 / 10/ 85)." "O MR-8 não via se constituir em um pequeno gueto no canto, a margem do centro da revolução Nacional e Democrática conduzido pelo PMDB. Nós somos partes do PMDB. (HP Nº167)."Nós optamos por não ser um partido político porque nós nos consideramos parte integrante do PMDB (estado de SP 09/10)"[223]

2.4 "GUIAR O PMDB"

> "O MR-8 é a consciência crítica do PMDB (Deputado João Cunha, no comício das diretas no Vale do Anhangabaú – São Paulo)"[224]

O PMDB, segundo o MR-8, como expressão da Frente política para realizar as transformações e promover a " revolução" no país, teria necessariamente de ser dirigido pela organização. No entanto, por questões estratégicas e para não parecerem pretensiosos diante dos políticos peemedebistas, o MR-8 não assume esta pretensão.

---

[222] BRASIL. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL. Superintendência Regional do Estado do Rio de Janeiro. Serviço de Informações. Informe nº 536/82/ - SI / SR/DPF/RJ. 17 / 05/ 1982. Carlos Eugênio Sarmento Coelho da Paz – Ex- ALN. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, nº149.

[223] Idem, ibidem, p.110.

[224] FOLHA DE SÃO PAULO. *Partidos legais e entidades tiveram seus oradores e faixas*. São Paulo. 27/06/1984.

Era, portanto, um discurso interno da organização, rejeitando em atitude pública[225] a estratégia de dirigir o PMDB.

Mas, para cumprir seu papel de amálgama desta frente, haveria de conquistar espaços e influência no interior do PMDB**.** Na eleição de 1986 o PMDB chegou ao poder vencendo em 21 Estados, preenchendo os cargos de direção dos governos, sem colocar nenhum militante do MR-8 em cargos importantes. Ainda no momento político pelo qual o Brasil passava, era o caso de seguir adiante rumo à "Revolução Nacional Democrática", com o novo governo conquistado pelo partido da frente (PMDB).

> Não é do estilo do MR-8 ficar choramingando um cargo não recebido. Sob o argumento de que todas as condições de se imprimir uma " direção" estavam dados com a vitória do PMDB e que se devia concentrar nesta tarefa política, se sublimava a falta de consideração do partido – frente para com o grupo.[226]

A fidelidade do MR-8 ao PMDB é semelhante ao altruísmo do PCB dos anos 40 e 50. Este trecho do livro de Paulo Cavalcanti sobre o PCB ilustra de forma pertinente a situação dos militantes do MR-8 na década de 80.

> Aferrados a compromissos, pagando o preço alto pela ajuda a certos candidatos, atraindo contra si ,nas campanhas, quase sempre, a ira da polícia política, da capangagem dos latifundiários, batendo com os costados na cadeia perdendo o emprego, mas levando adiante... o empenho em favor do ... dos postulantes a cargos eletivos fora de suas fileiras, em face de pactos firmados em torno de programas e idéias. Conheci velhos e abnegados militantes comunistas que tudo deram no curso destas jornadas eleitorais, na coalizão com forças alheias à esquerda, voltar ao ramerrão do dia-a dia, reintegrados na rotina de uma vida curtida e na exploração. Muitos governadores, prefeitos, senadores, deputados federais, deputados estaduais cimentaram sua vitória com o suor e o sangue desses humildes lutadores... que continuaram ... depois das festas de posse e das investiduras em bem aquinhoadas mandatos[227]

O MR-8, ao afirmar as potencialidades da Frente e de seus líderes Ulysses Guimarães, Orestes Quércia, Tancredo Neves, Newton Cardoso, reconhece que na atual

---

[225] O indigitado parlamentar (Jarbas Passarinho) resolveu acusar... o Dr Ulisses Guimarães de ser influenciado por aquela conceituada organização marxista (o MR-8)... O desastrado parlamentar manifesta a ridícula pretensão de insinuar que o experimentado Ulysses não tem idéia e discernimento próprios ... Incidindo no mesmo abstruso diapasão, o Sr. Abreu Sodré´, afirmou..... que o MR-8 dirige o PMDB.... Como sabem todos os brasileiros, o PMDB é dirigido pela sua brilhante Executiva Nacional." CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) *Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado*) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.274.

[226] Idem, ibidem, p. 275.

[227] CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto como o caso foi*. São Paulo: Alfa ômega, 1992. p. 133-134 .

fase da revolução brasileira serão estes os "protagonistas da história, cabendo ao "Oito" ser o animador deles. "[228]

"O pensamento era eleger o máximo de governadores do PMDB, eleger o máximo possível de deputados federais do PMDB, colocar os deputados ligados ao MR-8 para levantar a bandeira na constituinte." [229]

2.5 MR-8 NO PLURIPARTIDARISMO

De uma organização que num primeiro momento tinha como grande inimiga a opressão política implantada pela ditadura militar, direcionou a sua luta no início da década de 80, mais precisamente em 1982, após aprovar as resoluções do III Congresso, contra o imperialismo norte-americano (escravidão econômica e política dos países pobres e em desenvolvimento, inclusive o nosso), posicionamento que levou o MR-8 a defender com todas as suas forças a unidade[230] política. A divisão naquele momento do país representaria o fortalecimento da ditadura, segundo o MR-8.

> Pode-se sentir nesse período uma marca das transformações na configuração da organização que, de organização carbonaria passava gradativamente ao modelo de um partido comunista. Isso significava o aumento da competição com os dois partidos comunistas consolidados no país. O Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Comunista do Brasil (PC do B), ao lado de uma luta sem tréguas contra os grupos esquerdistas, egressos da esquerda armada, de onde o MR-8 surgira, para afirmar a justa posição no seio dão movimento de massas.[231]

A concepção "etapista" brasileira, segundo a qual a "Revolução Nacional Democrática" seria a primeira etapa, aproximou o PC do B e PCB ao MR-8 em torno de alianças com o PMDB e a burguesia nacional, "com o objetivo de garantirem a

---

[228] CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) *Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado*) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.274.

[229] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/07/2007,por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo. Caratinga: Digitado, 2007, p.13.

[230] [...] O oposto, a divisão é representada por setores que julgam estar combatendo o "poderoso inimigo" mas que na verdade fazem o "jogo" deste ao tentar dividir a unidade e em nome de um pretenso caminho mais curto [...]. CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) *Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado)* Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 230.

[231] FILHO, Daniel A. Reis. CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Revolução e Democracia (1964 - ...)*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2007, p. 139.

transição democrática, a libertação nacional e o desenvolvimento do capitalismo brasileiro."[232] Embora mantivessem divergências teóricas e ideológicas, o que aconteceu na prática foi união dessas três correntes de esquerda em muitos acontecimentos e movimentos sindicais.

Entendemos que a aproximação[233] dessa esquerda, que perdurou até 1985, quando o PCB e PC do B se legalizaram, teve curto êxito em razão da estratégia de unidade para aquele momento político do país, ou seja, a ditadura já havia sido sepultada.

Percebemos que após 1986, período em que o PMDB assegurou uma vitória expressiva nos quatro cantos do país, indicando que a ditadura estava sem força para uma reação naquele momento, essa "união se fragmentaria ao ser manifestas as análises "científicas" das "leis da história", "que os comunistas julgavam possuir". A intolerância que os partidos que se proclamavam comunistas mantêm entre si, imputando sobre os outros a pecha de desviantes, é explicado da seguinte forma:

> Porém, o que ocorre e que diante desta mesma perspectiva não surge uma, mas múltiplas e distintas formulações sobre a realidade, que concordam entre si apenas dois aspectos: o de que a história tem uma objetividade a ser descoberta e o de que é a sua própria formulação a única que capta corretamente estas condições objetivas, sendo que todas as outras "desvios" ou análise contaminadas pela ideologia burguesa.[234]

Quanto ao PT, o MR-8 iria manter nos anos 80 uma relação conturbada: os embates se dariam especialmente nos sindicatos. O princípio de unicidade defendida com todo o ardor pelo MR-8 não postulava o pluralismo sindical defendido pelo PT.

A primeira forte discussão se deu no I Congresso da Classe Trabalhadora, Conclat, em agosto de 1983, que teve mais de 5000 delegados e que fundou a Central Única dos Trabalhadores – CUT. Com a criação da CUT, o PT foi criticado e acusado de promover a divisão e o enfraquecimento do instrumento de luta que é o sindicato. As concepções diferentes formadas no interior dos movimentos operários em vários momentos nas campanhas salariais e eleições sindicais terminaram em violência.

---

[232] SILVA, Antônio Ozaí. *História das tendências no Brasil*. São Paulo-SP: Proposta, 1987, p. 155.

[233] Essa aproximação do PC do B com o PCB e o MR-8 não significa, no entanto, ação conjunta em todos os acontecimentos. Essa ação depende muito da análise da conjuntura do momento político em si, e dos interesses em jogo. Assim, por exemplo, vemos certos momentos os militantes do PC do B comporem chapas para concorrer as eleições sindicais em conjunto com o PCB e o MR-8, contra os chamados "autênticos", e em outros momentos o que vemos é o PC do B formar chapas contra o PCB ou até compor com os autênticos. Outro exemplo é o caso da greve geral em junho de 1983, quando o PC do B apoiou e trabalhou para realiza-lo, enquanto o PCB teve uma posição ambígua: apoiou a greve na capital paulista e foi contra praticamente no resto do país. Idem, ibidem, p. 156.

[234] SALGADO, Gilberto. *Cultura e Instituições sociais*. Juiz de Fora: UFJF, 2006, p.184.

"Isso acarretou ao MR-8 a forma de grupo truculento, stalinista, formado por brigadas adestradas para o enfrentamento físico, difundido nos jornais da grande imprensa e nos veículos da esquerda alternativa." [235]

Durante as campanhas das "diretas já", quando as oposições se voltavam para derrotar a ditadura e remover os resquícios autoritários (legislações remanescentes, decretos e atos), o "Oito" centrava suas preocupações na elaboração do "Plano de Salvação Nacional,"[236] "impondo menos a forma de governo que operaria essas mudanças estratégicas da revolução nacional."[237]

Desta forma, a transição pela via indireta do colégio eleitoral, tendo Tancredo Neves e José Sarney e a adesão do grande empresariado nacional e de próprios militares na Frente – PMDB contemplava naquele momento um passo para a radicalização das bandeiras populares:

> Em 1984, em meio ao debate pela derrota das diretas já, era comum ouvir, na direção do "Oito", que importava menos a forma com a transição política seria feita se por eleição direta , insurreição popular ou pelo colégio eleitoral – o fundamental é que as transformações estruturais e a Revolução Nacional e Democrática fossem realizadas. Isto, sem dúvida, nos faz recordar a lógica jacobina da Revolução Francesa, quando Robespierre dizia: La Republique? La Monarchie? Je ne Connais que la question Sociale.[238]

2.6 CAMARADA STÁLIN

Na década de 50, os partidos comunistas do mundo inteiro e no Brasil, recebem com perplexidade as denúncias feitas por Nikita Kruschev no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética – PCUS em 1956, realizado em Moscou, apontando os crimes de Stalin.

Com as denúncias o Partido Comunista Brasileiro é dividido internamente em duas correntes: os revisionistas, que "colocavam a URSS e o PCUS acima de qualquer denúncia; e os que podemos chamar de Stalinistas, que não renunciavam à política de

---

[235] SILVA, Antônio Ozaí. História das tendências no Brasil. São Paulo-SP: Proposta, 1987, p.214

[236] A partir das contradições que apontamos no atual modelo, propomos o seguinte Programa Econômico de Salvação Nacional: 1) fim do desemprego e do arrocho salarial 2) Congelamento da dívida externa 3) reorientação das atividades econômicas 4) liquidação das práticas monopolistas 5) nacionalização dos bancos 6) reforma agrária 7 Reforma Fiscal e tributária. *Resoluções políticas do III Congresso do* MR – 8. São Paulo: Quilombo, 1982, p.29.

[237] FILHO, Daniel A. Reis. CAMURÇA, Marcelo Ayres. Revolução e Democracia (1964 - ...). Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2007, p.144.

[238] CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 60.

Stálin, nem ao seu nome, vendo–o como continuador da tradição revolucionária de Karl Marx".[239] Os revisionistas venceram a disputa interna, e importantes nomes do partido foram expulsos, entre eles Diógenes de Arruda Cândido e João Amazonas, que mais tarde, juntamente com Pedro Pomar e Maurício Graboio, criaram o Partido Comunista do Brasil – PC do B.

> O XX Congresso do partido comunista da União Soviética, realizado em 1956, provocou um terremoto no mundo socialista. A vigorosa e minuciosa denúncia das arbitrariedades, crimes, violência, culto à personalidade vigentes durante o reinado de Stálin no governo da União Soviética e na direção do partido, feita por Nikita Kruschev, o novo primeiro ministro e chefe do PCUS, provocou de início a sensação de pasmo e hesitação, logo seguido pela ânsia de ter que debater e questionar, até então incomum dentro dos partidos comunistas. No Brasil não foi diferente, salvo pelo fato de que o período de hesitação foi muito longo.[240]

Desde então, a imagem de Josef Stálin passou a ser associada aos períodos mais conturbados da história do século XX. A figura de Stálin é posta ao lado de Hitler como a de homens responsáveis pelas maiores atrocidades[241] do século passado.

Para o MR-8, existe um erro histórico no julgamento de Josef Stalin, que foi usado com o objetivo ideológico de associar o modelo comunista da URSS à prática de perseguição política e genocídios em massa. Em defesa do Stalinismo como inspiração e modelo para ordenação da organização, citamos o depoimento do secretário–geral, Cláudio Campos ao jornal *Estado de São Paulo*, em que ele justifica os motivos que levaram a essa decisão:

> Nosso partido se debruçou muito tempo de forma minuciosa sobre o estudo deste período. Por cerca de 10 anos nós o estudamos. Entramos inclusive em detalhes jurídicos, em detalhes policiais, pesquisamos as atas desses processos de 37,38, 39. Não concordamos com as avaliações feitas no XX Congresso do PCUS. Stálin foi um dos mais destacados revolucionários, umas das mais elevadas figuras humanas de todo a história.[242]

---

[239] Idem, ibidem, p.80

[240] *HISTÓRIA VIVA*. O Terremoto que veio de Moscou. São Paulo: Ediouro, 2006, p.47.

[241] (...) O número de vítimas diretas e indiretas deve medir-se mais na casa dos oito algarismo. Nessas circunstâncias, não importa muito se optarmos por uma estimativa "conservadora" mais próxima de 10 do que de 20 milhões, ou de um número maior: nada poder ser outra coisa que não vergonhoso e além de qualquer paliativo, quanto mais justificado. Acrescento, sem comentário, que a população total da URSS em 1937 era tida como de 164 milhões, ou 16 milhões menos que as previsões demográficas do segundo Plano Qüinqüenal. HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2001, p.383.

[242] *O ESTADO DE SÃO PAULO. A extrema esquerda – MR-8* (Uma série de Marcos Foermam). São Paulo, 07/06/83.

O devir histórico do movimento dialético como explicação da visão comunista do MR-8 para a revolução socialista, tem o período Staliniano[243] a "materialização da etapa mais avançada da civilização, o socialismo científico no seu ápice." [244]

Eric Hobsbawn aponta como início do desmoronamento do bloco soviético a morte de Stálin e o relatório do XX Congresso do PCUS, sobre o qual disparou ataques "oficiais à era stalinista em geral e, mais cautelosamente, ao próprio Stálin."[245] O mesmo foi defendido no 2º e 3º Congressos do "Oito."[246]

Nos documentos do 2º e 3º Congressos, os textos trazem a defesa oficial da organização a Stálin e critica as acusações feitas no XX Congresso Comunista. Diz o texto:

> Para pôr-se coerente com essa conduta, tanto a nível externo quanto interno, foram levantados uma série de acusações precipitadas e não devidamente provadas contra a direção comunista anterior, o que causou uma formidável confusão no movimento comunista e provocou indisfarçável júbilo no campo da reação. A partir de 1964, quando Kruschev foi destituído de suas funções e o "subjetivismo no trabalho foi substituído do partido" foi criticado, muitos dos posicionamentos incorretos do PCUS foram corrigidos.[247]

A figura de Stalin e seu período a frente do bloco soviético passaram a ser o foco central identitário do MR-8, até mesmo mais em "relação aos períodos de Marx e Lênin".[248] Stálin era o referencial de combate e realização, enquanto os outros eram considerados teóricos.

No documento Congressos de 79 e 82, a organização destacou a importância da liderança com que Stálin conduzia a União Soviética contra o nazismo alemão da Segunda Grande Guerra Mundial.

> Nesta guerra, os povos soviéticos deixaram claro até que ponto haviam se comprometido com a sua sociedade socialista e até que ponto estavam

[243] O período Staliniano dos anos 30 a 50.
[244] CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) *Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8*. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.69.
[245] " O desmoronamento político do bloco soviético começou com a morte de Stálin, em 1953, mas sobretudo com os ataques oficiais à era Stalinista em geral e, mais cautelosamente ao próprio Stalin, no XX Congresso do PCUS, em 1956". HOBSBAWN, Eric. A era dos extremos. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2001, p.387.
[246] Com a morte de Stalin, em 1953, o movimento comunista internacional passa a enfrentar uma grave crise. *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1979, p. 28.
[247] Idem, ibidem. p 29.
[248] SALGADO, Gilberto. *Cultura e Instituições sociais*. Juiz de Fora: UFJF, 2006, p. 201.

> dispostos a defendê-lo, bem como toda a humanidade ameaçada pela besta hitlerista. Em meio a sacrifícios indescritíveis, seja na frente militar, seja na retaguarda, vinte milhões de seus melhores filhos não exitaram em dar a vida para garantir a liberdade, a soberania e o futuro de seu país e da humanidade. Apenas povos que fossem donos de seus futuros, como os povos soviéticos, poderiam responder dessa forma. Terminando o conflito mundial, os povos de mais de uma dezena de países realizaram revoluções na Europa e conquistaram a independência nacional nos países coloniais, sob a direção dos comunistas. A luta contra a barbárie nazi-facista não só derrotou o monstro, como abriu caminho para que a chama do socialismo e da liberdade propagasse rapidamente.[249]

Acreditamos que o MR-8 vivia o desejo romântico da revolução de Outubro da Rússia, a qual serviu de modelo para vários países no pós - guerra que alcançaram a sua independência em relação aos países imperialistas.

2.7 SITUAÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL

A análise da conjuntura político–econômica nacional e internacional é uma prática que está intimamente ligada às resoluções políticas das esquerdas, sob o enfoque político-social da perspectiva conceitual marxista.

Como fruto dessa análise da conjuntura, o MR-8, nos seus dois principais congressos, 1979 e 1982, apresentou programas distintos em relação à revolução. Entretanto, a crítica sobre os laços de dependência ao imperialismo balizou a sua política ao longo da década de 80.

Os problemas políticos e sociais são decorrentes, segundo os documentos, do processo de dominação que o setor econômico internacional impôs sobre o país. Trata-se de um fundamento marxista, o qual apresenta a infra–estrutura da sociedade atuando sobre a superestrutura[250]. O texto do II Congresso diz:

> A dominação imperialista rapidamente empurrou o capitalismo no Brasil para as condições de produção característico da fase monopolista. Graças à concentração de capitais e a sua enorme superioridade técnica, o imperialismo impôs um precoce processo de monopolização, do qual foi o principal beneficiário. As medias e pequena empresas passaram a ser crescentemente eliminadas, absorvidas e controladas. Um punhado de trustes, intimamente associado com os capitais externos, adquiriu o controle

[249] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1979, p.28.
[250] A indústria e o comércio, a produção e a troca dos meios de subsistência condicionaram a distribuição, a estrutura das deferentes classes sociais, para serem por sua vez condicionadas por estas em se modo de funcionamento. MARX, Karl e Friedrich Engels. *A Ideologia Alemã*. São Paulo –SP: Martins Fontes. 1998, p.44.

> decisivo do conjunto da economia, detendo as rédeas de todas os setores fundamentais e ditando o preço do monopólio.[251]

Segundo Gorender fazia parte da concepção marxista caracterizar o Brasil como país dependente. "A teoria da dependência absolutizou a causalidade do sistema imperialista mundial e levou à subestimação ou à omissão da causalidade interna do país." [252]

Algumas obras produzidas na década de 70 "fizeram a cabeça" da esquerda brasileira em relação à dependência do país em relação aos países ricos. Como parte dessa influência sob a esquerda brasileira ele cita obras de Cáio Prado Júnior, *A revolução brasileira*, Octavio Ianni, *O colapso do populismo no Brasil* e o Celso Furtado, *Dialética do desenvolvimento* e a obra *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina.*

Essas produções das ciências sociais inspiradas na teoria da dependência, "prestigiadas nos meios acadêmicos franceses e norte-americanos"[253] foram amplamente difundidas no meio universitário do país.

Portanto, Gorender aponta a inclinação da esquerda brasileira para o conceito de dependência:

> O exame dos documentos programáticos de algumas das organizações da esquerda brasileira – Var- Palmares, VPR, MR-8, PRT, POC – revela que integração e dependências são os conceitos – chave mais repetidos na caracterização sócio-econômico do Brasil. Derivação comum da teoria da dependência demasiada flagrante.[254]

O diagnóstico apresentado no II Congresso mostrava a revolução socialista como a única forma de se libertar dos problemas que afetam o "nosso país, bem como a situação de opressão, de exploração e de miséria em que vive o povo brasileiro (...)[255] decorrente do sistema capitalista. A luta de classes[256] serve de modelo para explicar a

---

[251] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982, p. 31
[252] GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990, p.75.
[253] Idem, ibidem. p.76.
[254] Idem, ibidem. p.76.
[255] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982, p. 38.
[256] De um lado, o bloco dos parasitas e exploradores, hegemonizado pela grande burguesia, intimamente associada ao imperialismo – o bloco dos banqueiros, dos grandes industriais e comerciantes, dos latifundiários, e seus executivos, burocratas e generais, o bloco da minoria que se coloca contra o progresso social, que defende a sociedade explorada atual e que tenta deter a marcha da história continuar na p.39.

divisão no interior da sociedade brasileira, o qual está sob o controle do bloco dominante.

Após assumir o caráter da Revolução Nacional Democrática, no seu III Congresso, a organização aprofunda a crítica ao imperialismo, imperativo que se materializou e deu forma ao seu maior inimigo: a política externa dos Estados Unidos.

O caráter nacional se dava na contradição dos interesses do país com o imperialismo, o que levou a organização a formar as alianças que já discutimos anteriormente. A década de 80 foi o período em que o país deveria avançar através de um governo que fosse formado por uma coalizão nacional contra a dependência.[257] "O que interessa hoje, do ponto de vista legal, aos que combatem a ditadura, é unirem-se firmemente numa legenda democrática e anti-imperialista".[258]

Em relação à situação internacional, tornou-se "regra" abordar em seus documentos, as lutas vencidas pelos movimentos revolucionários comunistas após a II Grande Guerra. "As vitórias das revoluções cubana e argelina, a guerra travada pelo Vietnã contra os Estados Unidos e a Revolução Cultural Chinesa impressionaram tremendamente a juventude politizada dos anos 60."[259]

Na análise do "Oito" a esquerda brasileira e a do exterior deveriam não se intimidar com o sistema capitalista, evidenciando todas as formas de luta pacífica ou armada, caso fosse necessária.

> Não nos permitindo fazer o jogo da provocação, é necessário entretanto disputar com o opressor cada palmo de terreno, utilizando para isso todas as formas necessárias. Inclusive a luta armada que, particularmente nas condições da América Latina de hoje, como demonstrou mais uma vez a revolução nicaragüense, seguindo a experiência de absolutamente todas as revoluções vitoriosas levadas a cabo no mundo – é o ajuste de contas final a que invariavelmente a bestialidade da repressão e do desespero reacionário tem obrigado o proletariado e o povo em todo mundo.[260]

Em consonância com a sua estratégia de fortalecimento dos movimentos populares na Frente – PMDB, o MR-8 no III Congresso via na questão internacional o recrudescimento dos trabalhadores e "dos povos de todo o mundo", ao tornarem

---

[257] Num discurso vazado por uma linguagem econômica, que lembra os escritos de Vargas, principal economicista da URSS nos anos 30, os textos MR-8 se concentrarão na resolução da problemática da dependência, " principal contra lição da etapa da Revolução Nacional", através de programas e planos que se sucederão ao longo dos anos 80, que se resumirão na principal palavra de ordem da organização: moratória da dívida externa. SALGADO, Gilberto. *Cultura e Instituições sociais*. Juiz de Fora: UFJF, 2006, p.188.

[258] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO III CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982, p.32.

[259] GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990, p.76

[260] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO III CONGRESSO DO MR* – 8. São Paulo: Quilombo, 1982, p.19.

firmemente contra o sistema capitalista. As décadas de 70 e 80, no plano internacional, são assim descritas:

> O Movimento sindical nos países europeus, no Japão e nos EUA fortalece-se e ganha combatividade. Multiplicaram–se as greves e o número de grevistas. Calcula-se que eles cresceram 33% na última década, perfazendo o número de 250milhões durante esse período. A unidade sindical robusteceu-se, com as massas isolando as centrais sindicais divisionistas e obrigando-as à ação comum. Grandes manifestações contra o desemprego, contra o corte gastos sociais dos Estados e por melhores salários, vem sendo organizados, como a que se viu recentemente em Washington, que reuniu mais de 200 mil trabalhadores: como a jornada de luta de outubro na Itália que levou centenas de milhares de grevistas às ruas das principais cidades do país, e a outras semelhantes.[261]

"Contudo, em fins do século XX as massas retornaram à cena mais em papéis principais que coadjuvantes." [262] É a definição de Eric Hobsbawn para essa fase romântica que os comunistas do MR-8 vislumbravam para promover a revolução.

2.8 QUE FAZER

Trazemos este último tópico do capítulo com o objetivo de explicarmos a parte central da nossa pesquisa, que é o *modus operandis* do MR-8. Neste momento, ateremo-nos nas ações e práticas de intervenção que o "8" perpetrava no meio social. Num segundo momento, que se dará no próximo capítulo, buscaremos mostrar como estas ações intervencionistas foram aplicadas em Caratinga pela organização local, ou seja, analisaremos como que esse processo de luta do MR-8 no âmbito nacional, articula com uma organização inserida em uma política local, onde inexistia qualquer forma de partido ou mesmo grupos ligados à esquerda naquele período.

O nome do subtítulo "Que Fazer" é uma alusão a maneira que uma organização revolucionária deve se comportar no seu objetivo principal: " fazer a revolução".. Desta forma, os indivíduos dentro da organização deveriam viabilizar programas e projetos que em última análise, seria avançar as estratégias definidas nas suas resoluções políticas.

---

[261] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO III CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982, p.16.
[262] HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2001, p 445.

Conforme os princípios leninistas contidos no livro *Que Fazer*, o principal componente do processo revolucionário são os militantes engajados na luta, e não apenas simpáticos à causa.

> Para la lucha econômica contra los patronos y el gobierno no hace faltou en absoluto una organización centralizada destinada a toda rusia (que, por ello mismo, no puede formarse em el curso semejante lucha, una organización que reúna em um solo impulso comum todas las manifestaciones de oposición política, de protesto y de indgnación, una organización formada por revolucionários professionales y dirigida por verdaderos jefes políticos de todo el pueblo.[263]

O MR-8 parte para atuar em um contexto nacional na década de 80, marcado pelo surgimento em ritmos e modalidades distintos, de variados modelos de aglutinação de interesses e ações coletivas nos diversos setores da população: os chamados movimentos populares.

Depois de 1964, a maioria dos movimentos sofreram drástica repressão em todo país, ressurgindo a partir da segunda metade da década de 70.[264]

O MR-8 teve uma presença forte em alguns movimentos sociais. Acreditavam que é "organizando, mais decididamente do que qualquer outra corrente, um amplo movimento de massas contra a ditadura, que estaremos de fato na vanguarda do movimento social e cumpriremos as tarefas centrais, em nível de massas, da luta pelo socialismo hoje." [265]

É no interior de movimentos de massas, portanto, que o "Oito" iria procurar reproduzir aquilo que eles desejavam: o crescimento e fortalecimento da Frente-Popular. Teve participação ativa na reconstrução das entidades de massa representativas dos diversos setores da sociedade brasileira, o que significava para a organização avançar na luta revolucionária.

> Participou das direções da União Nacional dos estudantes (UNE) e da União Brasileira dos estudantes Secundaristas (UBES), em aliança com o PC do B; da Confederação Nacional de Associações de Moradores (Conam), através da liderança de Irineu Guimarães, presidente da Federação de Favelas do Estado do Rio de Janeiro, então dirigente do MR-8, e também da Confederação das Classes Trabalhadoras (CONCLAT, organismo que buscava conciliar as forças emergentes do sindicalismo da

[263] LENIN, *Que Fazer*. Buenos Aires – Argentina: Editorial Anteo, 1972, p 163.
[264] "A repressão policial – militar esteve presente em todo parte, na cidade e no campo, no cotidiano das atividades da população". POMPERMAYER, Malari José. *Movimentos Sociais em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1987, p.10.
[265] RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8. São Paulo: Quilombo, 1980, p.29.

> região do ABC paulista com as forças tradicionais do sindicalismo trabalhista de seus aliados comunistas entre os quais o MR-8.[266]

Enquanto em São Paulo, onde o PT[267] no início da década de 80 mantinha forte presença no movimento operário e sindical, em Minas Gerais o MR-8 ampliava a sua participação nesses movimentos, como aconteceu nas greves da Mannesman[268] em Belo Horizonte, que teve "presença ativa de membros do MR-8,"[269] objetivando retomar os pontos de reivindicação sobre a maior representatividade nas relações sociais de trabalho, melhoria das condições de trabalho e aumento salarial.

Os militantes do MR-8 utilizaram o jornal da organização, *Hora do Povo*, como instrumento de incitação à prática política. O jornal se distinguia dos demais jornais de esquerda pela sua maneira simples no trato das questões teóricas, ou seja, não era "doutrinário" como os demais. Com uma linguagem menos acadêmica em relação às discussões teóricas e políticas, o jornal possuía uma atitude destemida frente à ditadura:

> Toda vez que fustigava a ditadura com manchetes, dossiês e denúncias agressivas gritadas pelas suas " brigadas" de venda nos principais logradouros públicos das grandes cidades. E sofreia por isso a conseqüente repressão, " não se dobrando", e redobrando as denúncias; como resultado, sua popularidade aumentava cada vez mais entre a população.[270]

Era comum, nos grandes centros, encontrar militantes do "Oito" vendendo jornais nas praças, alardeando o conteúdo das matérias com megafones, e " com isso formando um grande número de pessoas ao redor".[271]

---

[266] POMPERMAYER, Malari José. *Movimentos Sociais em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1987, p.26.

[267] Nessa trajetória ou participação dos movimentos populares que o "Oito" deflagraria o PT como o seu grande inimigo. " primeiramente situar o conflito dentro de quadro onde o PT emergente esbarra no MR-8 em franca ascensão; conquistando entidades estudantis, de bairro, sindicais, englobando outras organizações de esquerda. Necessariamente ocorreu uma disputa pela liderança do movimento". CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) *Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8*. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 288.

[268] Companhia Siderúrgica, localizada no bairro Preto em Belo Horizonte.

[269] POMPERMAYER, Malari José. *Movimentos Sociais em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1987, p.35.

[270] CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) *Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8*. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.180.

[271] Idem, ibidem, p.181.

Outra forma de trabalhar do MR-8 era fazer agitações públicas sobre determinados assuntos políticos. Como exemplo, citamos as mobilizações populares a partir da segunda metade da década de 80 a favor da moratória da dívida externa.

Portanto, percebemos ao estudar o MR-8, que esta organização desenvolveu ao longo dos anos 80, duas "vocações" que marcaram a sua trajetória de esquerda comunista, a prática de fazer política de massas e as alianças com os diversos setores da sociedade em nome do projeto revolucionário. A argumentação era que tinha ser tudo para fortalecer a FRENTE-PMDB e conquistar o poder. Neste sentido, a organização espalhava-se por vários Estados e cidades do país e, Caratinga, uma cidade do Leste de Minas Gerais, seria o palco para os melhores filhos do Povo[272] materializar na prática política aquilo que concebiam como luta revolucionária, ou seja, avançar a Revolução Nacional Democrática.

CAPÍTULO 03

MR-8 E SUA PRÁTICA POLÍTICA EM CARATINGA

Cabe aqui informar que a pomba é reverenciada como símbolo da paz

[272] *RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1979, p.35.

(Figura – 01) Símbolo do MR – 8 adotado a partir da segunda metade da década de 1980[273]

INTRODUÇÃO

No terceiro capítulo, mostramos a experiência da organização na política e nos movimentos sociais na cidade de Caratinga – Minas Gerais, com o objetivo de trazer à luz da historiografia os acontecimentos envolvendo o MR-8 no interior do PMDB.

Ao trabalharmos o modo como o MR-8 atuou na política local, destacamos as características intrínsecas da política do município, como as rivalidades históricas entre os políticos dos extintos PSD e UDN, que perpetuaram até o início da década de 80[274], dificultando o aparecimento de partidos ou grupos de oposição, bem como as questões envolvendo o PMDB, sua "grande" vitória em 1982, colocando fim ao histórico revezamento no poder dos antigos partidos políticos incluindo nesta abordagem a difícil relação entre o prefeito Dr. Fabinho e o PMDB.

A participação de militantes da organização em disputas eleitorais para vereador e deputado estadual e federal também foram analisadas, juntamente com os aspectos que envolviam a relação dessa organização de esquerda com políticos da tradicional política da cidade

3.1 A CIDADE DE CARATINGA E SEUS ASPECTOS POLÍTICOS NAS DÉCADAS DE 70 E 80

Antes de entrarmos nas questões relacionadas à política de Caratinga, é necessária uma pequena introdução sobre o município. A sua sede está localizada na

[273] *A Semana*. MR – 8 Fim da clandestinidade. Caratinga: 12 a 18 de outubro de 1985, p. 12.
[274] O objetivo da conquista e conservação do poder sempre foi o atributo indispensável para caracterizar o partido político. BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. A UDN e o udenismo: ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p.157).

região leste de Minas Gerais, compondo uma área de 1.258.69 km. Na década de 60, era a sexta cidade mineira mais populosa. Atualmente, ocupa o 37º lugar na escala das cidades com maior população do Estado.[275]

A região do município começou a ser povoada na metade do século XIX, graças a um fator que o geógrafo do município de Caratinga Nelson Senna explica:

> Para afastar a cobiça dos estrangeiros e controlar o transporte do ouro abundante na Vila Rica, e evitar o contrabando, vários decretos reais proibiam a subida do Rio Doce à procura de novas minas. O motivo era a proximidade da capitania do Espírito Santo da região das minas, que a tornava assim, um caminho ideal para o contrabando.[276]

Emancipada em 1892, Caratinga esteve boa parte do século passado entre os maiores municípios do Estado, condição que a partir da década de 80 iria se reverter, depois do processo de emancipação de vários distritos.

Reportando-nos à questão política, que é o campo de interesse da nossa pesquisa e contexto de atuação do MR-8, torna-se necessária a análise de acontecimentos e fatos da política que trazem luz para entendermos a prática dessa organização comunista no município.

Antes do golpe militar de 1964, dois partidos de grande representação nacional, o Partido Social Democrático – PSD, e a União Democrática Nacional – UDN dominaram a política local. O PSD tinha certa prevalência no mando político, apresentando maior penetração nas comunidades rurais.

No período militar, o ato Institucional nº 2, de 1965, permitiu a existência de apenas dois partidos: Aliança Renovadora Nacional (Arena) e Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Em Caratinga, a dificuldade de aproximar ex-pessedistas e ex-udenistas resultou na formação de duas sublegendas: ARENA 1, reunindo integrantes do ex PSD ("Corta-Guela") e ARENA 2, reunindo integrantes da ex-UDN (conhecidos

---

[275] FILHO, Nelson Sena. Barros, Cláudio Soares. Arte, espaço e tempo: Numa cidade média de Minas Gerais. In: MOURA, Ana Maria S; FILHO, Nelson Sena. (Org) *Cidades: relações de poder e cultura.* Goiânia: Ed.Vieira, 2005, p. 333.

[276] AMORIM, Oswaldo Bueno. FILHO, Nelson Sena. *A morfologia das Cidades médias*. Goiânia: ed. Vieira, 2005, p. 73.

popularmente na cidade como "Fura-Nucas")[277]. Já o MDB só iria se constituir partido em 1975, lançando o seu primeiro candidato a prefeito nas eleições de 1976.[278]

O ex-PSD e a ex-UDN passaram a ser chamados de Arena 1 e Arena 2 somente após a realização da Convenção Municipal da Arena, no dia 17 de setembro de 1970, realizada no Caratinga Tênis Clube – CTC. A formação das sublegendas foi registrada pelo jornal *O Caratinga*.

O mesmo jornal noticiara no mês de junho de 1969[279] a possível união dessas duas agremiações adversárias históricas no município, fato que não acorreu em se tratando de política local, obstante, se manteriam aliadas ao governo militar, o que representava estar do lado do poder. Estar do lado do poder foi também a decisão de boa parte dos políticos que governavam naquele momento.

> Logo em seguida à instauração do AI-2, cerca de dois terços dos parlamentares e todos os 22 governadores (isto é, aqueles que viveram à primeiras cassações, preferiram constituir o partido do governo Aliança Renovadora Nacional (Arena, ao invés de participar do Movimento Democrático Brasileiro – MDB.[280]

Em Caratinga não houve mudanças importantes com a extinção do pluripartidarismo, uma vez que não existia na cidade oposição ao governo ou mesmo grupos e partidos vinculados a esquerdas e ao partido trabalhista. A Arena 1 e 2 se revezaram no poder até a década de 80 sem nenhum adversário iminente.

---

[277] Versão relatada pelo jornalista Humberto Luis, editor do *O Jornal Caratinga*. A expressão Corta-Guela utilizada pelos correligionários da ARENA 1, remetia ao poder que o grupo detinha na política da cidade. Força capaz de cortar ou degolar a oposição. Conta-se que o símbolo elefante usado pelo grupo, surgiu a partir de uma brincadeira do grupo ARENA 2 a um desenho mal feito da pedra Itaúna, montanha símbolo da cidade, usado como logomarca numa campanha institucional sob o governo da ARENA . O termo Fura-Nuca fazia alusão à forma que os fazendeiros da ARENA 2 usava para sacrificar bovinos, ou seja, para matar o animal era usado um instrumento chamado "chucho", aplicado na cabeça. O termo foi usado para intimidar a oposição. O partido usava o símbolo do jacaré como alegoria em seus comícios. Conta-se que nasceu acidentalmente quando correligionários estavam gravando um programa político na rádio. MATTOS, José Aylton. *Partidos Políticos no Município de Caratinga*. (Dissertação de mestrado). Universidade Severino Sombra – USS. Vassouras – RJ, 2008, p. 74.

[278] Como se dizia na época, o "partido do sim" governo. RIDENTI, Marcelo. *Política pra que?*. São Paulo: Atual, 1992. p.18.

[279] A situação política no município de Caratinga, em verdade, se nos afigura de modo confuso, visto que, ao contrário do que se previa, não foi possível a união de antigos adversários em torno do novo esquema preconizado pelos dirigentes da Arena Estadual. Quando tudo fazia crer na possibilidade da conciliação de interesses entre os dois grupos políticos de, reconhecida, expressão eleitoral em todo o município, a coisa, por contingências naturais, deixou de funcionar como se esperava, registrado-se uma dissidência. Matéria: *Crise interna divide ARENA no município. O Jornal de Caratinga. Crise interna divide ARENA no município*. Caratinga Ano 2, nº31, 27 de julho de 69.

[280]SCOTT Mainwarinf, RACHEL Meneguella, TIMOTHY Power. *Partidos Conservadores no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p.24.

A forte presença da Arena e a tímida participação do MDB na segunda metade da década de 70 rendeu à cidade de Caratinga, na mídia nacional, o destaque de cidade mais arenista do país. Nas eleições de 1976, a Arena obteve 35.000 votos. O MDB obteve 382 votos. Essa vitória da Arena foi destacada no jornal do Rio de Janeiro O Globo.[281]

Em relação à formação social dos grupos que compunham a Arena 1 ou a Arena 2, não havia muita diferença, conforme constatou José Ailton de Mattos em sua pesquisa sobre essas sublegendas:

> Do ponto de vista do perfil social, não havia muita diferença entre os grupos dessas duas sublegendas; como já foi dito, tiveram origem no PSD e na UDN os dois partidos que dominaram a política local. Ambos reuniram em suas fileiras profissionais liberais, comerciantes, fazendeiros e sitiantes; entretanto, o grupo componente do PSD demonstrava ter maior poder financeiro e maior poder político, por manter vínculos com os setores estadual e federal. [282]

Entendemos que o domínio da Arena em Caratinga pode ser explicado através de dois aspectos. O primeiro está relacionado à própria formação dos partidos, estruturados sobre uma base, a qual grupos dominantes ou no dito popular, "famílias tradicionais" operavam na política ao gosto de suas conveniências. Este aspecto não era apenas restrito a Caratinga, mas a cidades onde a "Arena variava inversamente à urbanização"[283]; portanto, um dos indicadores, dos lugares onde a Arena possuía mais domínio era justamente o eleitorado, que se encontrava numericamente mais expressivo nos distritos. Ao analisarmos os resultados das eleições para prefeito de Caratinga de 1976[284], verificamos que a maior parte do eleitorado se encontrava nas áreas rurais do município. Ao contrário da oposição emedebista, que tinha o seu melhor desempenho eleitoral no sul e no sudeste, a Arena predominava em regiões onde os indicadores de desenvolvimento eram mais baixos. "Quais as razões do domínio da Arena no interior e nos pequenos municípios? Essas são as áreas onde o nível de informação política é

---

[281] Consta na nota informativa: "O município de Caratinga – MG um dos mais importantes do Vale do Rio Doce – ofereceu à ARENA segundo seu presidente regional Carlos Cota, talvez a mais importante vitória do partido em todo o país: seus dois candidatos tiveram 35.000 votos contra apenas 382 dados ao concorrente do MDB". O Globo. 23/11/ 76).

[282] MATTOS, José Aylton de. PINTO. *Partidos Políticos no Município de Caratinga*. (Dissertação de mestrado). Universidade Severino Sombra – USS. Vassouras – RJ, 2008, p.82

[283] Scott Mainwarinf, Rachel Meneguella, Timothy Power. *Partidos Conservadores no Brasil Contemporâneo.* São Paulo: Paz e Terra, 2000, p.25.

[284] Fonte: Cartório Eleitoral de Caratinga, publicado em: *O Jornal de Caratinga*. Resultado das eleições para Deputado Federal e Senador do Município de Caratinga 1974 – 1978. 20/11/1976.

baixo e a dependência dos recursos federais é alta, favorecendo a patronagem e o clientelismo rural"[285].

O outro aspecto diz respeito à política de Minas Gerais e pode ser reconhecido em Caratinga na medida em que percebemos que os políticos que se revezavam no poder vinham de famílias que possuíam influências econômicas na sociedade; também, não é apenas uma característica própria, capaz de distinguir Caratinga das outras cidades do estado ou mesmo do país, mas carrega um mundo imaginário capaz de explicar o contexto social da época.

O livro O Senhor das Gerais, de Heloísa Maria Murgel Staling[286], logrou mostrar como se formou no imaginário um conjunto de atributos e qualidades que caracterizam o que é ser mineiro.

Ela usou o conceito de mineiridade para explicar o papel ideológico dos grupos dominantes, representado pelos "interesses" das classes menos favorecidas economicamente.

> Por conseguinte, a mineiridade corresponde à construção de um mundo imaginário descolado do mundo real, de onde a sociedade mineira extrai os símbolos capazes de explicar sua origem e de definir sua identidade. Por essa razão, o espelho da mineiridade não reflete jamais a face antagônica da sociedade mineira, e sim as diferentes dimensões de uma harmoniosa auto-imagem, por intermédio da qual a sociedade pode representar-se e si mesma e, ao mesmo tempo, expressar sua identidade frente ao corpo da nação. Como decorrência, a mineiridade transformou-se em uma concepção comum às elites mineiras, tornando-se o código que os une, que aproxima seus membro, definindo sua identidade e seus critérios.[287]

A precariedade ou inexistência de documentos sobre a Arena nos obrigou a centrar esta análise nas matérias publicadas no jornal *O Caratinga*, semanário publicado desde 1968 pelo editor e jornalista Humberto Luiz Salustiano Costa. Percebemos que as matérias tinham, nitidamente, o interesse de divulgar matérias favoráveis ao grupo que ocupava o poder na cidade.

É comum encontrarmos no jornal daquele período palavras que enalteciam o golpe militar, escritas pelo seu editor e por políticos ligados à arena do município, como do vereador Sebastião Teodoro dos Reis:

> Considerando que a revolução de 31 de março de 1964, completa este mês 7 nos de existência profícua, tendo proporcionado frutos os mais sadios em todos os setores da vida da nação e que o povo brasileiro e o governo se

[285] SCOTT Mainwarinf, RACHEL Meneguella, TIMOTHY Power. *Partidos Conservadores no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p.25.
[286] STARLING, Heloísa Maria Murgel. *Os senhores das Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1986.
[287] Idem, Ibidem. p.148.

> irmanam na luta contra o terror e a corrupção de costumes, propiciando assim, um clima de paz e concórdia, meta prioritária para se conseguir o desenvolvimento do Brasil como nação independente e forte. A Câmara Municipal de Caratinga concede o título honorífico de cidadãos caratinguense aos senhores: General Emílio Garrastazu Médice, presidente da República, Sr Rondom Pacheco, Governador do estado de Minas Gerais, e ao Coronel Mário Andreazza, Ministro de Transporte e Comunicações, num agradecimento de Caratinga a estas insignes figuras.[288]

Baseando-nos nas pesquisas do professor José Ailton de Mattos sobre os partidos políticos de Caratinga, constatamos que o MDB, partido de oposição à ditadura até o ano de 1975, não possuía um diretório legalmente instituído na cidade. José Ailton de Mattos registrou que desde 1969[289] havia um movimento para a criação do partido a partir de figuras políticas descontentes com a Arena.

Criado legalmente para disputar as eleições em 1975, o MDB de Caratinga surgiu tardiamente no município em decorrência dos seguintes motivos apontados pelo professor José Ailton de Mattos.

> Primeiro porque não havia esse interesse da parte de nenhum grupo caratinguense, todos dominados e sob a influência dos fiéis e tradicionais políticos ligados aos dois partidos atuantes no município, ou seja, a ex-UDN e o ex-PSD, os quais inibiam no município qualquer movimento que conduzisse a outra direção; segundo, porque por mais que se tentasse, era difícil encontrar pessoas com alguma representatividade social e política dispostas a se juntarem num grupo oposionista que se posicionasse contrária aos governos estadual e federal, pois muitas dessas pessoas, em algum momento da vida, foram beneficiadas com algum tipo de favor, como era comum acontecer; terceiro, em função do comportamento adesista das pessoas aos programas implementados pelos governos militares. Ninguém, em face da situação gerada pelo golpe militar se sentia à vontade em estar do lado oposto ao do poder, em alguns casos até por medo de alguma retaliação.[290]

Se em Caratinga o MDB começou tardiamente a ser organizado para disputar uma eleição, no plano nacional o partido demoraria entrar a efetivamente numa atuação oposicionista. "Verdadeiro engajamento ao nível da política formal, uma lição que se aprofundaria nas eleições de 1974, 1976, 1978 e 1982". [291] "No final de 1973 a oposição

---

[288] *O Jornal Caratinga,* 04/4/ 1971, p.11.

[289] Quando tudo fazia crer que o Movimento Democrático Brasileiro não encontraria condições mínimas a formação de seu diretório nessa cidade, eis que o vereador Izá de Souza Lucas se dispõe a envidar o melhor dos seus esforços nesse sentido, dando feições definidas a chamada força. MATTOS, José Aylton *Partidos Políticos no Município de Caratinga*. (Dissertação de mestrado). Universidade Severino Sombra – USS. Vassouras – RJ, 2008.

[290] Idem, ibidem, p. 130

aprenderia a utilizar os canais formais de participação para atuar mais eficazmente ao nível da política formal".[292]

A eleição de 1974 foi marcada pela vitória do partido de oposição à ditadura. No senado,[293] a vitória foi expressiva, e para Câmara dos deputados, as cadeiras foram substancialmente aumentadas. [294]

Em Caratinga, nenhum candidato a deputado federal e estadual do MDB recebeu votação expressiva. Foram somados apenas 1.060 votos para deputado federal e 474 para deputado estadual, números pífios quando comparados aos votos obtidos pela Arena. Já para o Senado, o MDB recebeu 12.956 votos contra 13.381 da Arena. Nas eleições de 1978, quando as vitórias do MDB se confirmariam no país, percebemos que houve em Caratinga forte crescimento da oposição, de 381% para deputado federal e 748 % para deputado estadual, conforme podemos observar nos dados abaixo.

	Deputado Estadual			Deputado Federal			Senador		
Partido	1974	1978	Cresc.%	1974	1978	Cresc.%	1974	1978	Cresc.%
ARENA	11.042	16.622		11.538	13.503		13.381	14.361	
ARENA	9.282	6.678		8.736	5.530			5.119	
MDB	1.060	5.099	381	477	3.598			10.889	19,96

Apesar do aparecimento do partido de oposição na segunda metade da década de 70, Caratinga não perderia a características de possuir uma política fortemente disputada apenas em torno dos antigos grupos políticos, o que impedia a maioria da população de ter acesso às discussões e participação nas políticas públicas do município.

Na cidade, a política era realizada com base nos favores pessoais, tornando aquilo que era atributo da função pública em atos de "bondades políticas", ou seja, a

[291]ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Bauru – São Paulo: Edusc, 2005, p 219.
[292] Idem, Ibidem, p 220.
[293] A maior vitória do MDB deu-se no Senado, onde recebeu 4 milhões de votos a mais que a Arena. Idem, Ibidem, p.227.
[294] A representação do MDB no Congresso Nacional foi sobremaneira aumentada. Em 1970 obtivera 87 cadeiras na Câmara dos deputados, contra 233 da Arena. Idem, Ibidem, p.228.

estrutura da prefeitura e a rede de influência em torno dela contribuía para a formação de um eleitorado fiel.

Conquistar o poder, prefeitura e a Câmara Municipal, significava manter relações de proximidade com deputados e governadores, facilitando o trâmite para angariação de recursos estaduais e federal, nomeações de parentes e "companheiros do grupo político" para ocupar cargos políticos importantes na cidade; além de gerenciar os recursos financeiros da prefeitura, ou seja, os "companheiros políticos" que eram comerciantes e empresários se beneficiavam economicamente por serem os fornecedores de mercadorias, bens e serviços para instituições públicas. Tais práticas que favoreciam a patronagem e o clientelismo[295] dificultavam a alternância do poder político da cidade ou mesmo a formação de grupos de oposição.

> Reconhecido o líder rural, José Augusto dele se aproximava e, em troca de alguns favores mais tarde o tinha atrelado ao seu projeto político. Em alguns casos, ele se aproximava de um líder rural considerado seu adversário político. Após algumas trocas de palavras, muitas vezes " de pé de ouvido! Se o interlocutor não se tomava um aliado político seu, pelo menos, passava a tratá-lo sem hostilidade. Se o líder rural já fosse um aliado, passava a ter domínio sobre ele e a contar com os votos de que dispunha. E era votos "contados". Na cidade, a política também era feita com base em favores pessoais.[296]

É neste contexto político que o MR-8 de Caratinga surge em 1979, organizado pelo professor Cláudio Leitão, que também fazia parte do secretariado estadual da organização em Minas Gerais.

A organização de Caratinga tem a peculiaridade de ser o primeiro grupo de esquerda formado na cidade a participar da política partidária. O Partido Comunista Brasileiro e as demais organizações de esquerda nacional, não tinham sido organizados na cidade. Em 1979, o MR-8 de Caratinga articulou a criação do PMDB, Partido do Movimento Democrático Brasileiro, que na eleição municipal de 1982 obteve a maioria do eleitorado. Naquele pleito, sua vitória representou um importante marco para a

---

[295] Conforme definiu Sourf (1961, p.309, apud Mainwanring, 2001, p.255) " a melhor maneira de conceber a patronagem é como um sistema de incentivos – uma moeda política para comprar iniciativas e ações políticos. Quanto ao termo " clientelismo, segundo a definição da maioria dos cientistas políticos que estudaram o assunto, entendo o " clientalismo" como restritos relações patrão –cliente que se caracterizam por quatros aspectos: desigualdades, reciprocidade assimétrica, natureza não institucionalizada e relação face a face (Scot 1972; Archer 1990; Graziano 1975, apud MAINWRING, 2001, p.226).

[296] MATTOS, José Aylton. *Partidos Políticos no Município de Caratinga*. (Dissertação de mestrado). Universidade Severino Sombra – USS. Vassouras – RJ, 2008, p..57

política local, assunto que trabalharemos mais adiante num tópico deste capítulo, por se tratar de um acontecimento que culminou pela primeira vez na história de Caratinga com a derrota dos grupos políticos ligados ao PSD e à UDN.

O MR-8 de Caratinga, organizado em 1979, obedecia a um conjunto de orientações contidas nos documentos aprovados nos seus congressos, assuntos que já trabalhados anteriormente. Portanto, ao analisarmos o escopo teórico, que os membros do grupo de Caratinga se movimentavam e adquiriam consciência de seu posicionamento quanto à luta política travada nas esferas municipal e federal, estamos querendo dizer a ideologia, não no sentido de um sistema de idéias, mas a capacidade de instigar atitudes concretas e orientar para a ação.

> O conceito de ideologia tem como objetivo revelar algo da relação entre uma enunciação e suas condições materiais de possibilidade, quando essas condições de possibilidades são vistas à luz de certas lutas de poder centrais para a reprodução (ou, para algumas teorias, a contestação de toda uma forma da vida social. [297]

Percebemos isso no depoimento do professor Cláudio Leitão, quando a comparamos com os documentos da organização. Vejamos, por exemplo, em seu relato sobre o início do grupo em Caratinga:

> A gente começa essa prática aqui e começamos intervindo na juventude, nas escolas, nos bairros, nos sindicatos. Criamos aqui a oposição sindical no sindicato dos trabalhadores rurais [...] Mas nessa época a gente já estava caminhando muito mais para uma atividade de ação, no sentido de organizar uma formação.[298]

Nesse sentido, a organização de Caratinga esteve presente na vida político - partidária e nos movimentos organizados, buscando no interior do PMDB reproduzir a sua ideologia.

Devido ao fato de as pessoas que formavam a organização serem identificadas como "subversivas" ou mesmo comunistas, classificações que no imaginário coletivo estavam associados à desordem e ao terrorismo, nas décadas de 60, 70, 80, os membros do "8" ocultavam a sua participação na organização: "Claro que eu não podia falar, clandestino, é clandestino, então não podia falar que era do MR-8, não podia atrair esse

[297] EAGLETON, Terry. *Ideologia.* São Paulo: Boitempo editorial, 1997. p. 195.
[298] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/072007, por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. *Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo*. Caratinga: Digitado, 2007, p.6.

jogo, eu tinha que dar uma explicação"[299]. Relato de Cláudio Leitão sobre um fato acontecido em 1983, com o então prefeito Fábio Anselmo Bonifácio.

A falta de oposição em se tratando de política local se estendeu, de fato, até a eleição de 1976 para prefeito. Lembramos que o MDB fazia uma fraca oposição, sem apresentar "riscos" aos grupos políticos que dominavam a política local naquele ano. Nesse sentido, o poder como manifestação de forças que agem nos embates políticos fez de Caratinga um campo infértil para grupos de contestação. Dessa forma, o eleitorado pertencia ao grupo dos "Corta-Guelas" ou "Fura – Nucas."

Em 1979, ano da reestruturação da oposição em Caratinga, o MDB já tinha conquistado a maior parte da sociedade civil do país. Diante do crescimento da oposição, a solução encontrada pelos militares foi, como mostramos no capítulo primeiro, permitir o retorno do pluripartidarismo, com o objetivo de enfraquecer a oposição, dividindo-a em vários partidos.[300]

Paralelamente à reestruturação do MDB, no mesmo ano o Movimento Revolucionário 8 de Outubro começava a se organizar na cidade, através do secretário regional da organização em Belo Horizonte – Minas Gerais, o professor Cláudio de Almeida Azevedo Leitão.

O Professor Cláudio Leitão, como era chamado, também era militante ativo do PMDB, sendo um dos organizadores do diretório do partido do 28º Zonal Eleitoral de Belo Horizonte, e um dos organizadores do PMDB em Caratinga antes da incorporação do Partido Popular –PP.[301]

Em razão do arbítrio da ditadura, a organização foi formada na clandestinidade, permanecendo nas hostes do PMDB, partido que o Oito acreditava ser o condutor capaz de avançar o processo revolucionário no país. Para que isto ocorresse, era necessário que os militantes, estivessem ocupando "espaço" dentro do PMDB; por isso, entendemos que a presença do professor Cláudio Leitão, como organizador do partido, visava estabelecer em Caratinga uma agremiação política que estivesse em consonância

[299] Idem, Ibidem, p.8

[300] A nova lei orgânica dos Partidos, de 1979, aprovado pelo Congresso Nacional sob intenso protestos do MDB, deve ser vista, assim, como parte do "plano mestre" que se referiu Golbery em sua conferência da ESG. Os dispositivos da lei redefiniam o cenário da política formal e deixavam bem claro o principal objetivo do Estado garantir o controle governamental sobre a oposição sem sacrificar as vantagens legitimadoras de "eleições livres". ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e Oposição no Brasil (1964-1984). Bauru – São Paulo: Edusc, 2005, p. 323.

[301] O Partido Popular de Caratinga teve a peculiaridade de receber a maioria de seus políticos oriundos da Arena, em contramão a formação do partido Nacional, que foi fundado por Emedebistas.

com as orientações da organização clandestina. Nesse sentido, o MR-8 denominou o PMDB de "Frente" política, por ser o partido que lideraria a revolução do país.

3.2 PMDB: A FRENTE CRESCE EM CARATINGA

Os antigos membros da Arena, não querendo ser identificados com os políticos impopulares[302] do Estado, formaram imediatamente o Partido Democrático Social (PDS). Os membros do MDB, ao contrário, queriam ser identificados com essa sigla, identidade formada por manter oposição à ditadura militar. Por isso, limitou-se a acrescentar a palavra partido ao seu nome antigo, tornando –se o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

Em Caratinga, como era de se esperar, em Caratinga a antiga rivalidade entre membros da Arena 1 (ex-PSD) e Arena 2 (ex-UDN), formou uma sublegenda no PDS, como noticiou o Jornal Caratinga:

> Ainda na convenção do PDS ficou estabelecido que o ex-PSD, por ser maioria no Diretório Municipal ficaria com a sublegenda 1 e a ex-UDN com a sublegenda 2, tudo igualzinho à época em que a briga em Caratinga era tratada em nome da Arena.[303]

A expressiva participação do PSD e da UDN[304] na vida política do município até a década de 60, quando foram extintos pelo governo militar, continuaram exercendo sua influência política nos dois primeiros anos da década de 80, através da força construída por seus líderes. Tal expressividade dessas siglas não foi anulada pelos nomes recebidos após sua extinção, como observamos nos jornais local. Constatamos a presença constante de expressões como ex – pessedistas e ex-udenistas, alusivas aos membros das antigas siglas. Citamos como exemplo, o título de uma matéria, veiculada no dia 02/08/1980: "PP já tem seus candidatos com apoio de ex-udenistas de Caratinga".[305] O título exemplifica o que afirmamos sobre a política de Caratinga, sobre ser polarizada nas duas tradicionais forças e dificultando o aparecimento de partidos oposicionistas.

---

[302] Idem, ibidem, p. 324.
[303] *O Jornal O Caratinga*. PDS Vai de Cortes e de Zé Pessoa para Prefeito. Caratinga: 14/081982, p. 01.
[304] "Uma vez nascido, o partido político torna-se um organismo vivo que tem sua existência própria e proporciona a si mesmo os meios de durar." (REMOND, 2003 p.69) Apud. BESNSTEIN, Serge. Histoire du partido radical. Paris: 1982; v.2.
[305] *O Jornal de Caratinga*. PP já tem seus candidatos com apoio de ex-udenistas, de Caratinga: 02/08/1980, p.3.

O retorno ao pluripartidarismo marcou uma nova etapa na política local, perda da hegemonia dos partidos tradicionais na cidade. Temos, a partir da década de 80, uma nova configuração política no município, que historicamente fora regido pelos Fura-Nucas e Corta-Guelas.

Entendemos que o surgimento dos novos partidos na política de Caratinga é resultado do "desencanto" de líderes políticos com os antigos partidos ou mesmo pela falta de harmonia gerada internamente no partido.

Elementos políticos que se encontravam na extinta ARENA 1 e ARENA 2 e ex-membros do MDB migraram para outros partidos. O Partido Popular (PP) exemplifica o que dissemos. Lideranças como Moacyr de Matos[306] e o ex-presidente do MDB Dr. Eduardo Daladier se abrigaram nessa nova sigla. A criação do PP, em 1980, por políticos oriundos da ARENA (principalmente da ARENA 2), certamente marca o declínio desta política na cidade, o que também foi previsto pelo Jornal Caratinga na época.

> Em entrevista que concedeu ao Sistema Caratinga de Comunicação, o empresário José Pereira Pessoa, abriu o jogo: entre outras coisas, disse ser realmente sua intenção candidatar-se, pelo Partido Popular, à prefeitura de Caratinga, nas próximas eleições. E disse mais: o senhor Moacyr de Mattos, ex-prefeito, deverá ser companheiro de chapa, concorrendo ao cargo de vice-prefeito. O sr. José Pereira Pessoa apontou também o nome de Dr. Eduardo Daladier Pereira como candidato a deputado estadual pelo PP de Caratinga. Pelo que se pode vislumbrar no panorama político de Caratinguense e também da opinião do empresário José Pereira Pessoa, a grande totalidade dos partidários da ex-UDN de Caratinga irá se filiar ao Partido Popular, o que celaria o esvaziamento do PDS-2, movimento que se articular também, mesmo que discretamente, em Caratinga. A julgar pelas últimas adesões, parece que a comissão provisória do PP de Caratinga já está se definida. Deverão formá-lo: José Pereira Pessoa, Moacyr de Mattos, Dr Eduardo Daladier Pereira, Dr Anselmo Bonifácio, Dr. José Moisés Nacif Júnior, Dr. Thomas Antônio da Silva Araújo, dentre outros.[307]

[306] Ex-prefeito eleito pela ARENA 2 (UDN) na eleição de 1972.
[307] *O Jornal de Caratinga*. PP enfraquece o PDS em Caratinga. Caratinga: 15/12/1980, p. 04.

A apresentação das reformas eleitorais[308] pelo presidente Figueiredo, no dia 25 de novembro de 1981, daria fim à curta vida do PP. Em essência, as reformas eleitorais forçaram a incorporação do PP ao PMDB, partidos que eram, "individualmente, as duas maiores oposições". A incorporação aconteceu em Caratinga no dia 02 de maio de 1982. Como resultado, Dr. Eduardo Daladier Pereira e José Pessoa foram para o PDS, e uma parte do PMDB saiu para fundar o PT na cidade. Com Exceção dos políticos que formaram o PT, entendemos que os demais procuravam nos partidos políticos um lugar para a acomodação de interesses particulares e de grupos políticos; por isso, não podemos dizer que existia uma sintonia "ideológica" entre esses elementos e o partido ao qual estavam agregados. Mudava-se de acordo com as conveniências daquele momento.

O PT surgiu em 1982 na cidade, organizado por Joaquim Baião Lima, conhecido popularmente na cidade por Liminha, ex-líder do PMDB e que mantinha relações próximas com o MR-8, tendo participado de algumas reuniões. " Era um quadro mais radical, tinha pertencido a um grupo clandestino".[309]

Liminha teria saído do PMDB por não concordar com a incorporação do PP ao PMDB. A presença de Tancredo Neves, Hélio Garcia e do empresariado que pertencia ao PP seria o motivo pelo qual Liminha precipitaria a sua saída. Pelo que constatamos através de entrevistas e análises de jornais, a decisão de sair do PMDB se deve mais a uma reflexão sobre a política no âmbito nacional do qual implicações envolvendo as coligações em Caratinga.

De fato, o PP era um partido cuja base era formada de políticos que representavam o empresariado nacional.

---

[308] As reformas incluíam 1 – Proibição de coalizões para escolha de candidatos aos governos dos Estados. Um dispositivo exigia que cada partido apresentasse candidatos a todos os cargos em disputa em cada município. Caso não o conseguisse, o partido não teria seu nome inscrito na célula para qualquer dos cargos naquele município. Este dispositivo forçou os partidos de oposição que já iam adiantados em suas negociações para formar coalizões na disputa pelos governos dos Estados e a apresentar candidatos diferentes competindo entre si. 2- Um sistema pelo qual o eleitor seria forçado a escolher candidatos do mesmo partido para todos e cada um dos níveis de representação de vereador e governador. Se o eleitor votasse em partidos diferentes, seu voto seria considerado nulo. Este dispositivo do voto vinculado contribuiu para acentar ainda mais a divisão da oposição em diferentes partidos. 3- Uma norma segunda a qual qualquer candidato só poderia reiniciar à sua candidatura se seu partido se retirasse das eleições. Impedia-se , assim, que candidatos de oposição desistissem pouco antes das eleições para apoiar outros candidatos de oposição. ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Bauru – São Paulo: Edusc, 2005, p. 336.

[309]Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/072007, por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. *Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo*. Caratinga: Digitado, 2007, p.2.

> O Partido Popular (PP) foi organizado por membros conservadores do antigo MDB que acreditavam em sua própria potencialidade como governo de transição no contexto da política de liberalização controlada da "abertura". Integrado basicamente por capitalistas e representantes dos setores financeiros, o PP contava com considerável apoio econômico e suficiente cacife político para impor negociações e a partilha do poder. Também este partido conseguira, em outubro de 1980, estabelecer influência e cumprir as exigências legais para sua organização em onze Estados.[310]

O PMDB nasce no ano de 1980, constituído de remanescentes políticos do MDB e de políticos da extinta Arena1 e Arena 2. Em razão da inexistência de documentos, baseamos nos depoimentos do professor Cláudio Leitão, um dos organizadores do partido em Caratinga.

> Então o MR-8 ficou no PMDB, e foi um dos grupos organizadores do PMDB porque acreditava que só deveríamos dividir, sair dessa frente depois de uma constituinte. Eu organizei com algumas pessoas, entre elas o Chico Sacota, Liminha e pessoas da juventude que eu tinha organizado, enquanto uma discussão política mais aprofundada. E as pessoas não entendiam muito o que a gente estava fazendo junto com todas aquelas pessoas de direita, da cultura tradicional.[311]

Para o MR-8, o PMDB seria o partido que conduziria a Revolução Nacional Democrática. Fazer parte do PMDB, seria, portanto, aceitar alianças com segmentos da sociedade que outrora representavam o governo militar.[312]

"A revolução que se aproxima é tanto do ponto de vista político quanto econômico...Uma revolução nacional democrática e popular e de nenhuma maneira uma revolução socialista."[313]

O posicionamento do MR-8 quanto à participação no interior do PMDB fazia parte de uma estratégia política tratada internamente na organização. O PMDB, seria a expressão da Frente política para operar as transformações e "fazer a revolução" no país, sendo necessariamente de ser dirigida pelo MR-8, qual o "Vietnam de Ho Cho Mim "dirigiu" a Frente Patriótica."[314]Isto não era explicito ou conhecido por parte da

---

[310] ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e Oposição no Brasil (1964-1984). Bauru – São Paulo: Edusc, 2005, p. 329.

[311] Entrevista concedida pelo professor Cláudio Leitão a Daniel Gustavo da Silva e Souza registrado em Transcrição de Entrevistas. Caratinga.

[312] A este respeito, o documento de Daniel Terra, Secretário Geral do MR-8 no III Congresso, é enfático na definição da Revolução como de caráter Nacional e Democrática e na necessidade da aliança com a burguesia nacional. Documento(Unir a Nação e derrotar o imperialismo – Daniel Terra, julho 1982 p.4

[313] Idem, ibidem, p.4

[314]

[1] CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) *Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8.* (Tese de Doutorado) Rio de

maioria dos políticos do PMDB. "Por questões de polidez e de relações políticas, para não parecer pretensiosos diante dos dirigentes peemedebistas, o MR-8 não assume esta característica que faz parte da tradição comunista, ou seja, dar direção à frente." [315] Tal intento era desconhecido pela maioria dos políticos do PMDB. Em Caratinga não era diferente, os políticos do PMDB conheciam os militantes do "Oito," mas não desconfiavam de suas intenções.

3.3 1982 – O ANO DA VIRADA POLÍTICA

A primeira eleição municipal depois do retorno do pluripartidarismo, realizada em 1982, foi marcada pelo rompimento da hegemonia das tradicionais forças políticas que até então tinham "dirigido" Caratinga. A vitória do PMDB pôs fim a um ciclo de vitória que durava há mais de quatro décadas.

A disputa política em Caratinga nos chama atenção para o fato dos embates eleitorais extrapolarem o âmbito da política partidária, atingindo outros setores da sociedade, como o sindicato dos trabalhadores rurais, o Centro Estudantil, as diretorias de escolas estaduais, que teoricamente não seriam palco de confrontos de forças. Para não prolongarmos muito, ficamos, a seguir, com dois exemplos que mostram como era o ambiente de Caratinga, naquele período.

O primeiro, curiosamente, uma eleição para a formação de uma nova diretoria do Clube Recreativo América Futebol Clube, realizada através do confronto entre duas chapas, uma ligada a membros do Diretório Municipal do PMDB e a outra por grupos ligados ao PSD 2. Com o título PMDB *versus* PSD 2, no América, o jornal *O Caratinga* registrou a eleição:

> Tudo começou com a eleição do Conselho Deliberativo daquele clube, com a apresentação de duas chapas, sendo ganhadora aquela apresentada pelo Dr. Manoel Ferreira, membro do Diretório do PMDB, contra a chapa apresentada pelo então Presidente do América, Dr. Cristovam Moreira de Siqueira, do grupo do PSD 2. Após a eleição do Conselho Deliberativo, o grupo da situação tentou eleger a nova diretoria do América, sendo suplantada pela corrente do PMDB naquela agremiação, corrente esta tendo como seus principais líderes os senhores Dr. Anselmo Bonifácio, Dr José Moisés Nacif Júnior e Dr. Manoel Ferreira.[316]

Janeiro: UFRJ, 1994, p.273.
[315]Idem, Ibidem.p 274.
[316] O *Jornal O Caratinga*. PMDB X PDS 2, no América. Caratinga: 12/06/1981, p. 12.

O outro exemplo é a disputa pelo Centro Estudantil, que teve pela primeira vez a participação direta de membros do MR-8, sob a liderança do professor Cláudio Leitão. "Ganhamos o Centro dos Estudantes e começamos a interagir a partir das massas"[317].

Fazia parte da prática de ação do "Oito" conquistar o máximo possível de setores da sociedade, com o objetivo de garantir a unidade e, conseqüentemente, fortalecer o PMDB, que o MR- considerava a frente política que operaria a revolução.[318]

> A linha política do MR-8 enquanto mito está fundada em dois arquétipos. O primeiro da unidade: a união do povo, união da nação que tem expressão na grande "casa", no "bom continente", no grande "útero' para empregarmos uma expressão de Melaine Klein, que é a Frente, no caso o PMDB.[319]

A vitória da chapa composta pelos estudantes Marco Antônio Arregy Porcaro e Salatiel Ferreira Lúcio, membros do MR-8, também estava ligada à primeira vitória do PMDB no ano de 1982.

Conforme observamos, a política partidária estava em vários lugares da sociedade onde pudesse assegurar o *status quo* dos grupos políticos locais. Neste ambiente marcado fortemente pela rivalidade, temos em 1982 uma eleição para o Executivo Municipal, envolta de situações que ilustram o posicionamento do "Oito" na prática política. Conforme o estatuto do II Congresso[320], a organização formaria alianças com a pequena burguesia urbana e rural, como estratégia para fortalecer e conseguir vitórias para o PMDB. Decorre dessa estratégia a justificativa do MR-8 local para aliar-se a grupos que antes representavam a política dos que sempre estiveram no poder da cidade.

Neste contexto, o PMDB lança como candidato principal, além de duas sublegendas utilizadas pelo partido, o engenheiro agrônomo Anselmo Bonifácio, o Dr. Fabinho. O MR-8 local, atuando no interior do PMDB, articulou a candidatura do Dr. Fabinho, por perceber nele características de uma pessoa carismática e egressa do meio dominante.

---

[317]Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/07/2007, por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo. Caratinga: Digitado, 2007, p.2.

[318] *Resoluções políticas do II Congresso do* MR – 8. São Paulo: Quilombo, 1982, p. 14.

[319] CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) *Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8.* (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 270.

[320] *Resoluções políticas do II Congresso do* MR – 8. São Paulo: Quilombo, 1979, p.51.

Dr. Fabinho, como era chamado, pertencia à Arena (ex–PSD), da qual se desligou no final da década de 70 devido a manobras políticas dentro de seu partido, acusando, no *Jornal O Caratinga*, os políticos responsáveis pela sua exoneração do cargo de chefe da Agência Regional do Instituto Brasileiro do Café - IBC: o ex – senador José Augusto Ferreira e o deputado Dênio Moreira, deputado Delson Soarano, e o Senador Murilo Badaró.[321]Segundo o seu depoimento no Jornal Caratinga, o motivo de sua exoneração seriam as demissões de funcionários da instituição feitas por ele. " Coloquei para fora funcionários incompetentes que tolerei por dois anos junto de mim"[322]. A sua exoneração resultou também no seu desligamento do cargo de Presidente do Sindicato Rural Patronal de Caratinga e na desfiliação da Arena 1

Segundo consta num depoimento ao *Jornal O Caratinga*, Dr. Fabinho já demonstrara interesse em ser prefeito na cidade, na eleição de 1976. Tal intento não foi conseguido devido a sua desistência para apoiar o Candido de seu partido Arena 1, João da Costa Mafra, "João do Tino". Na entrevista publicada sob o título Dr. Anselmo denuncia: PSD de Caratinga é uma verdadeira máfia. Diz o texto:

> Seria eu o prefeito, conforme vontade do Dr. José Augusto. Só que não aceitei a imposição de ter o senhor João da Costa Mafra como meu vice, porque julguei-o incompetente para tal. E hoje ele só é prefeito porque eu não quis ser.[323]

Como podemos observar, o Dr. Fabinho já demonstrara ser prefeito, mas as suas dificuldades de relacionamento com os integrantes do seu grupo político o impossibilitaram, no entanto, o cargo de chefe do IBC da cidade, fez dele uma pessoa muita conhecida nos distritos. Lembramos que o café era a base da economia local e da região.

Para o MR-8, o Dr. Fabinho fazia parte de uma estratégia, a de vencer a eleição, o que importava naquele momento era o fortalecimento da Frente, o que justificava a aliança com políticos que representavam a política "conservadora".

> O que estava em jogo era a gente isolar esse setor tradicional. E a gente queria, era minha estratégia pessoal, posso falar aqui agora, era ir com o Fabinho, depois rachar com ele, e depois pegar as lideranças novas e formar

[321] *O Jornal de Caratinga*. Dr. Anselmo denuncia: PSD de Caratinga é uma verdadeira máfia. Caratinga: 21/07/1979. p. 7.
[322] Idem, Ibidem.p.3.
[323] Idem, ibidem.p.3.

> um PMDB mais avançado. Foi aí que eu chamei Salatiel, a própria Rita de Cássia e outras pessoas novas que estavam surgindo.[324]

Era próprio do "Oito", em consonância com a sua orientação política, atacar duramente um antigo aliado ou se reconciliar com um desafeto e tomar a fazê-lo toda vez que os personagens se distanciavam ou aproximavam da "linha política"[325].

Na ótica do MR-8, o ano de 1982 era o momento propício para a "Frente" avançar politicamente, na análise de conjuntura da organização, em todas as esferas: Câmara Federal, Senado, governos estaduais, assembléias estaduais, prefeituras e câmaras municipais.

Outro aspecto importante da campanha do PMDB em 1982 é a participação da juventude estudantil através do Centro dos Estudantis, e da organização das Mulheres, engajados dentro do projeto de luta revolucionário concebido pelo MR-8 para assegurar o avanço do PMDB, com raízes nas lutas sociais e abertos à militância do trabalhador, do estudante, do negro, da mulher e de outros setores da sociedade. O MR-8 exerceu um importante papel estratégico da campanha para prefeito. "O professor Cláudio leitão teve uma contribuição para o marketing e para a estratégia da campanha eleitoral. O MR-8 tinha uma capacidade de mobilização muito forte dentro do partido".[326]

Podemos dizer que a organização, mesmo não sendo a maioria do partido, exercia o papel de inteligência do PMDB. Um partido moderno, capaz de participar da responsabilidade histórica de avançar o processo de transformação social, com uma sociedade mais igualitária, era a perspectiva do MR-8. Desta forma, o envolvimento desses setores organizados na cidade pelo "8" estava em consonância com o documento do III Congresso da organização.

> A campanha eleitoral ora em campanha terá uma importância destacadíssima no desenvolvimento acelerado no nível de consciência e organização do povo e na derrocada do regime ditatorial. Pois ela permitirá uma elevação sem precedentes no nível de atividades políticas de massas.

---

[324] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/072007, por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. *Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo*. Caratinga: Digitado, 2007, p.3

[325] Vistos assim de fora, estas avaliações tão veementes feitas no calor da hora, podem sugerir um zigue-zague: da política do MR-8. Ao contrário, o que passa é uma extrema coerência a "linha" é uma constante e ,para se manter em consonância com ela, se elogia ou se agride os atores políticos em questão. CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) *Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8*. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

[326] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 15/06/2008, por José Carlos Cerqueira, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. *Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo*. Caratinga: Digitado, 2008, p.2

> Nós comunistas nos empenharemos para fazer da campanha eleitoral uma formidável alavanca nesse sentido, multiplicando rigorosamente nossas denúncias através da campanha, estimulando todas as lutas e organizações de massa, vinculada a luta política geral com as lutas políticas e econômicas específicas. Participar vigorosamente da campanha eleitoral significa, portanto, para os comunistas, principalmente desenvolver a consciência em todos os níveis. Seguros de que agindo dessa forma e atraindo os mais diferentes setores, civis e militares, para a política da frente democrática e popular, estaremos preparando o povo para responder à altura a toda tentativa do regime de postergar o seu fim de violência.[327]

Entrar em um partido para disputar uma eleição não era uma estratégia nova. Membros do Partido Comunista e do próprio MR-8 se candidataram pelo MDB durante o período em que o bipartidarismo estava em vigor no país. A candidatura do professor Cláudio Leitão como vice –prefeito de Isaías Machado na sublegenda 3 do PMDB, e de Salatiel Ferreira Lúcio para vereador, representando o PMDB jovem e o Centro Estudantil, que naquele período sofria influência da organização, estabelece a primeira participação do "Oito " na eleição para prefeito.

Por uma questão eleitoral, os votos de legendas ainda prevaleceram na eleição de 1982. Os votos da sublegenda eram somados. Dessa forma, como os políticos da Arena 1 e Arena 2 não se misturavam, formaram o PDS 1 e PDS 2.

A mesma estratégia foi adotada pelo PMDB, que tinha como objetivo "acomodar" as correntes divergentes, ou seja, permitiam uma convivência entre grupos diferentes no partido; por exemplo, um cabo eleitoral que não simpatizava com Dr. Fabinho, mas que não queria a continuidade dos antigos partidos, tinha a opção de escolher outro candidato do PMDB. Portanto, a sublegenda em que o MR-8 participou tinha o objetivo de receber políticos que não apoiariam as outras chapas. Cabe uma observação: em nenhum momento da campanha os candidatos se colocaram como representantes ou membros de uma organização clandestina ou utilizaram-se de métodos na campanha que fizessem alusão à esquerda comunista. "No caso eleitoral, o centro não era o "Oito", era o PMDB, era derrotar a ditadura.[328] O objetivo principal era fortalecer a Frente, sem no entanto, perder a possibilidade de emplacar os seus candidatos para "dirigir a frente".

Dentro dessa análise da campanha eleitoral, Marcelo Camurça Lima explica:

---

[327] *Resoluções do III Congresso do MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982, p.33.

[328] CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) *Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8.* (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. p. 260.

> O MR-8 respondeu a estas críticas dentro de sua matriz da unidade, afirmando que o lançamento de seus candidatos sempre foi no intuito de reforçar as candidaturas majoritárias da Frente, mesmo porque a polarização da sociedade se dava a este nível. O seu foco de análise da conjuntura eleitoral não estava na vitória ou derrota para a sociedade. E concluíam afirmando que as vezes mesmo perdendo uma eleição se pode criar um espaço na sociedade que não permita que o vencedor pratique as ações desejadas. De fato sempre foi uma marca das candidaturas eleitorais do MR-8 alcançar os candidatos majoritários do PMDB e se posicionar definitivamente na conjuntura. O próprio ato de representar candidatos não tinha apenas o conteúdo eleitoral, mas de procurar "dirigir" a frente para determinadas posições; tal foi o caso das eleições municipais de 80 ameaçadas de adiamento pela ditadura, quando o "Oito" apresenta vários candidatos para estimular outros candidaturas e com isso enfeixar uma resistência à medida arbitrária da ditadura.[329]

Temos em 1982 a primeira eleição em Caratinga com a participação direta de candidatos de esquerda, organizados clandestinamente, intervindo no interior do PMDB local. Como afirmamos, não era de se estranhar a "linha" do MR-8 no que se refere às alianças formadas com políticos que antes representavam a oposição. O MR-8 também participou da campanha de 1982 para o Legislativo, lançando como candidato o militante Salatiel Ferreira Lúcio, que tinha conquistado influência no meio da juventude através do Centro dos Estudantes. Respaldado pelo Centro dos Estudantes e com o apoio do MR-8, construiu uma aproximação da juventude de Caratinga.

> Na verdade esse movimento que a gente fez com a candidatura para o Centro de Estudantis, é o que projetou a nossa imagem. Para isso, o MR-8 tinha uma visão muito apurada. Me disseram que eu deveria ser candidato, pois eu elegeria, devido à minha imagem junto à juventude. E aí nos organizamos. Eu fui a Belo Horizonte e tirei uma foto com Tancredo Neves.[330]

A disputa política, como era esperado, manteve o mesmo clima de tensão das campanhas disputadas nas eleições passadas. Não faltaram confusões e brigas durantes os comícios, conforme constatamos nos jornais. Até as pesquisas foram alvos de retaliações entre os políticos:

> Deu mesmo o que falar nos meios políticos a pesquisa da Rede Bandeirantes de televisão, em Caratinga. O pessoal do PDS não gostou nada dos

[329] CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) *Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8.* (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. 260.

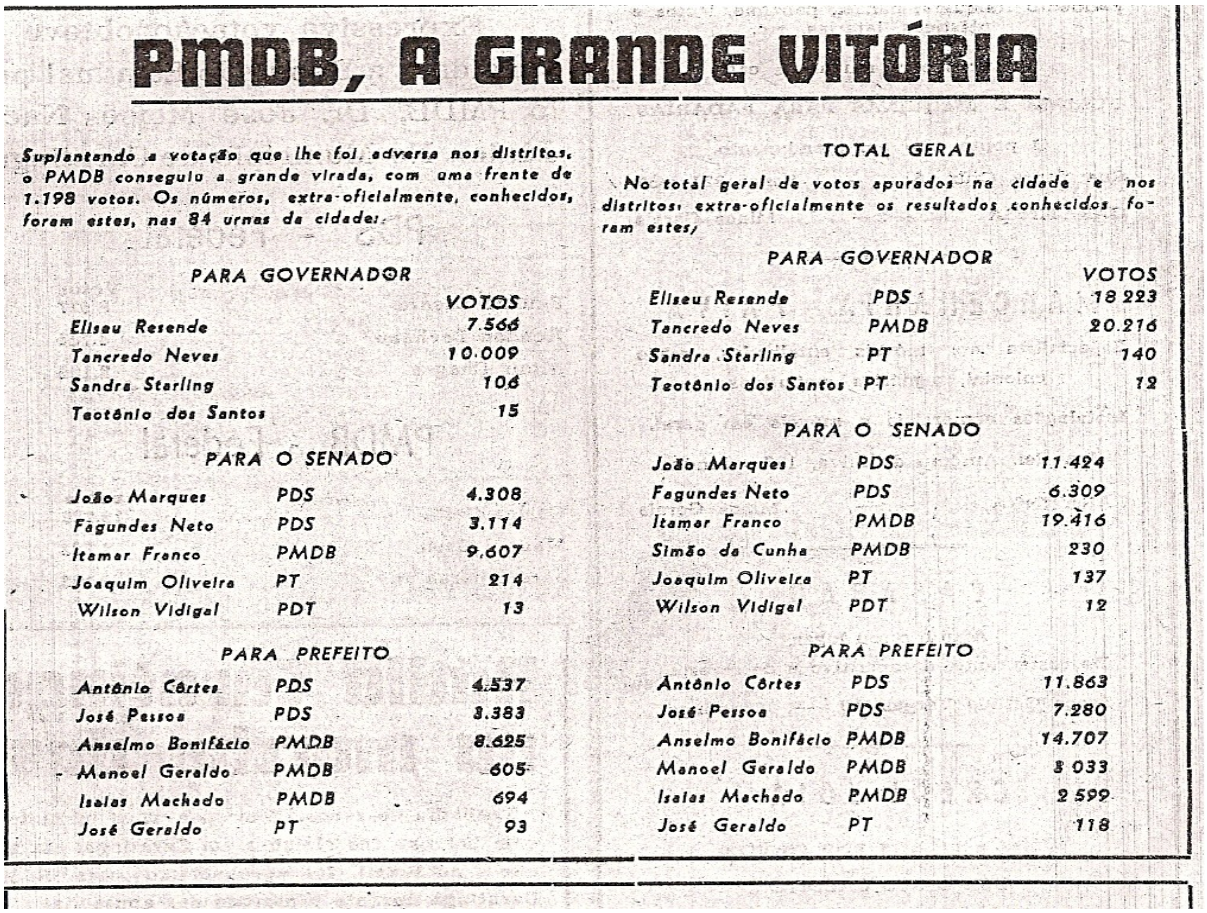
[330]

> resultados da pesquisa, mostrando o PMDB despontando na frente. Os pessedistas alegaram que esta pesquisa foi feita sob encomenda.[331]

Numa campanha surpreendente, o PMDB de Caratinga teve êxito, vencendo as eleições, dando fim ao revezamento ao poder entre os partidos históricos municipais e marcando o início de um processo político que culminou com a fragmentação do município em várias cidades circunvizinhas na década de 90, como veremos mais adiante.

A eleição daquele ano, 1982, foi vencida pelo Dr. Fabinho, do PMDB com 14.307 votos, enquanto o segundo colocado foi Antônio Côrtes do PSD 1, com 11.863 votos, em terceiro o candidato José Pessoa, do PSD 2 com 7.280 votos, em quarto, o candidato Manoel Geraldo do PMDB 2, com 3.033 votos, em quinto o candidato Isaías Machado, também do PMDB 3, com 2.599 votos; e por último, o candidato do PT, com 118 votos.[332]

[331] *O Jornal O Caratinga.* Pesquisa. Caratinga. 08/07/1982, p.5
[332] *O Jornal O Caratinga.* PMDB A grande vitória. 23 novembro de 1982.



PMDB, A GRANDE VITÓRIA

Suplantando a votação que lhe foi adversa nos distritos, o PMDB conseguiu a grande virada, com uma frente de 1.198 votos. Os números, extra-oficialmente, conhecidos, foram estes, nas 84 urnas da cidade:

PARA GOVERNADOR

	VOTOS
Eliseu Resende	7.566
Tancredo Neves	10.009
Sandra Starling	106
Teotônio dos Santos	15

PARA O SENADO

João Marques	PDS	4.308
Fagundes Neto	PDS	3.114
Itamar Franco	PMDB	9.607
Joaquim Oliveira	PT	214
Wilson Vidigal	PDT	13

PARA PREFEITO

Antônio Côrtes	PDS	4.537
José Pessoa	PDS	3.383
Anselmo Bonifácio	PMDB	8.625
Manoel Geraldo	PMDB	605
Isaias Machado	PMDB	694
José Geraldo	PT	93

TOTAL GERAL

No total geral de votos apurados na cidade e nos distritos, extra-oficialmente os resultados conhecidos foram estes:

PARA GOVERNADOR

		VOTOS
Eliseu Resende	PDS	18 223
Tancredo Neves	PMDB	20.216
Sandra Starling	PT	140
Teotônio dos Santos	PT	12

PARA O SENADO

João Marques	PDS	11.424
Fagundes Neto	PDS	6.309
Itamar Franco	PMDB	19.416
Simão da Cunha	PMDB	230
Joaquim Oliveira	PT	137
Wilson Vidigal	PDT	12

PARA PREFEITO

Antônio Côrtes	PDS	11.863
José Pessoa	PDS	7.280
Anselmo Bonifácio	PMDB	14.707
Manoel Geraldo	PMDB	3 033
Isaias Machado	PMDB	2 599
José Geraldo	PT	118

(Figura 02) O Resultado das eleições de 1982[333]

Para vereador, o candidato do PMDB, primeiro candidato do "8", conquistou 903 votos, ficando como suplente, mas assumiu a função de diretor de urbanismo, na administração de Dr. Fabinho.

3.4 GOVERNO DO PMDB OU GOVERNO DO FABINHO

Na primeira metade da década de 80, a realidade política continuava tensa. Embora tivessem extinguido os atos institucionais e decretado a anistia, o país estava sob a hegemonia dos militares. Nesse novo ordenamento político, o PMDB se tornara o maior partido do país, liderando a oposição ao regime militar.

Propomos nesta etapa do trabalho analisar o posicionamento deste partido em Caratinga, face aos acontecimentos políticos durante o período de 1983-1988, que traz luz à participação da figura folclórica do prefeito Dr. Fabinho, bem como a sua relação com o MR-8 no interior do PMDB.

[333] Idem, ibidem, p. 02.

Oriundo da ARENA 1 (ex-PSD), o Dr. Fabinho, engenheiro agrônomo, converteu-se em uma das pessoas mais folclóricas da cidade. Foi apelidado durante a campanha pelos seus adversários de "Zeca Diabo", numa alusão ao personagem da novela "Roque Santeiro" da Rede Globo. Dizem que vestia-se de preto nos dias em que se encontrava de mau–humor e de roupa branca nos outros dias. Político que tinha bom trâmite junto ao eleitorado do campo era também de sua peculiaridade usar alguns bordões para se comunicar com as pessoas, como o "ô meu povo!", expressão usada para saudação em entrevistas aos veículos de comunicação ou mesmo nos cumprimentos nas ruas; e " ô meu povo!", também utilizada para fazer saudação.

"Zeca Diabo"[334]

"Fabinho"[335]

Logo após vencer a eleição, Dr. Fabinho fez um pronunciamento à imprensa. Trechos foram publicados pelo *Jornal O Caratinga*, nos fornecendo um pouco de informações a seu respeito. Algumas partes da entrevista:

> SOBRE ACUSAÇÕES
> Falaram que eu ia construir a Igreja do Diabo, e que ia dispensar professoras, perseguir professoras, perseguir o pessoal da prefeitura etc. Eu não podia responder nada antes, pois qualquer coisa que eu dissesse iria

[334] Imagem do coronel "Zeca Diabo" interpretado pelo ator Lima Duarte em "O bem Amado"da Rede Globo de Televisão, exibida em janeiro de 1984. Extraído do site: http://www.google.com.br . Acesso em 05/06/2008.

[335] Fotografia do Prefeito de Caratinga Fábio Anselmo Bonifácio (Dr. Fabinho), apelidado pela oposição de "Zeca Diabo" em razão de suas semelhanças físicas com o personagem da novela da Rede Globo.

> parecer demagogia...eu vou, no dia da minha posse distribuir 60 mil impressos contendo meu programa de governo. Será um programa feito por uma equipe, em comum acordo com o governador e com os deputados mais votados.
> SOBRE RELIGIOSIDADE
> Vou ter um maior contato com todos os religiosos porque um dos meus principais objetivos é combater a grande criminalidade que existe no município. Queria unir com a justiça e com as religiões, pois acredito que com uma bíblia debaixo do braço ninguém vai assaltar nem roubará
> SOBRE FILOFIA POLÍTICA
> O povo de Caratinga sabe o que eu fiz. Por exemplo, a campanha da Catedral, cada pé de café que o sujeito tem plantado em sua propriedade lembra o Fabinho, e o povo reconheceu isso pelo voto. Foi recompensa, reconhecimentos.
> O povo quer mão na cabeça e pé no traseiro: é a filosofia política do ex-senador Zé Augusto. O povo quer mão na cabeça, mas não quer pé no traseiro. Filosofia certa igual à de Nero, apesar de ser louco: o povo quer pau, pão e circo, ou seja, justiça, barriga e diversão.
> SOBRE SER LOUCO
> O Sânzio Theodoro me disse o seguinte e que achei certo: Fabinho, metade da população é doida, a outra metade tem vergonha de dizer que é doida. A verdade é que todos nós temos um pouquinho de loucura, dependendo da circunstância. Minha loucura e´e pelo trabalho.
> SOBRE APURAÇÃO
> Se eu não tenho uma tropa de choque violenta lá dentro a fraude ia comer solta. A tendência era a ilegalidade. Pra começar todos os 10 presidentes de mesas eram contra mim. Meu pessoal tinha ordem de fazer o que fosse preciso. Achei até prudente o juiz não me deixar entrar armado. Porque nessas horas costumo ficar violento, mas foi o que eu disse pro povo: garantam a eleição até o dia 15, que a partir do dia 16 é por minha conta. Então eu estava ali pro lado de fora ali pronto pra morrer a qualquer momento em defesa do voto do eleitor[336].

Ao assumir a prefeitura, Dr. Fabinho reestruturou os serviços municipais e criou secretarias, como forma de descentralizar os serviços administrativos. Inovou ao criar no primeiro ano de seu governo os "líderes comunitários" nos bairros e distritos, função que era exercida pelos vereadores. As uniões comunitárias, como foram chamadas, estavam entre as principais realizações de seu governo, porque reorganizou as lideranças dos distritos, possibilitando o seu desenvolvimento, e, conseqüentemente, criando condições posteriormente para emancipação dos distritos maiores da cidade.

Vemos a formação dos movimentos comunitários na administração pública como uma forma de possibilitar uma participação mais democrática e decisiva nas questões do município.

Foi criada em 1983 uma Secretaria de Ação Comunitária, coordenada pela professora Nice Helena, com o objetivo de fazer "funcionar" as "Uniões Comunitárias.

---

[336] *JORNAL O CARATINGA*. Morrer pelo voto do povo. Caratinga: 22/12/82, p. 05.

Em uma entrevista concedida ao jornal *A Semana*, em 1986, Dr. Fabinho destacou a administração comunitária como principal marco de seus três anos de administração.

> Eu não esperava que em três anos uma coisa que não existia em Caratinga, que é a liderança comunitária, despontasse assim de uma maneira deslumbrante. Conseguir desses 260 líderes comunitários uma participação atraente, ajudando os vereadores que realmente trabalhavam sozinhos, mostrando os problemas, pedindo soluções. Às vezes não é possível solucionar a todos, mas só de saber que existe o problema, já é importante para se poder dar a atenção devida. E nenhum prefeito de Caratinga, de agora para a frente, vai conseguir administrar Caratinga sem a participação dos líderes comunitários.[337]

A União Comunitária foi criada para ser uma instituição independente do Executivo, tendo como objetivo participar diretamente das decisões do poder público. No entanto, o responsável pela sua criação, o professor Cláudio Leitão, declarou no seu depoimento que houve um desvio do objetivo de aproximar as comunidades da prefeitura da forma que fora idealizado.

> Quer dizer, aí então, em vez de liderança comunitária virou líder do Fabinho. Quer dizer, ali foi uma forma que o movimento comunitário tem que ser independente para ter força. Ele não pode ser uma coisa atrelada, uma coisa pelega, uma cooptação, né? Daquelas lideranças que eu estava, pela minha experiência em movimentos comunitários em Belo Horizonte, que era basicamente, movimento comunitário de oposição inclusive, que trabalhava em oposição ao governo estabelecido. E aí ele teve uma cooptação, botou essa secretária, criou secretária de Ação Comunitária, porque ele viu que essa era uma força.[338]

Entendemos que cooptado ou não, o movimento comunitário foi o início de um processo de emancipação[339]. Reconfigurando o território da cidade de Caratinga, a partir da década de 90, no Estado de Minas Gerais, perdeu parte considerável de seu território e diminuiu substancialmente a sua população, embora continuasse sendo pólo econômico da região, proporcionado pela proximidade ou facilidade de acesso de

---

[337] *A SEMANA*. Entrevista: Anselmo Bonifácio. Caratinga, p. 10

[338] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/072007, por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. *Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo*. Caratinga: Digitado, 2007, p.4.

[339] Deve-se ressaltar que a queda da população de 1991 teve como causa as emancipações (1992: n 10.704 de abril –1955. Lei n 12.030 de 21 de novembro) quando foram emancipados Santa Bárbara do Leste, Santa Rita de Minas, Piedade de Caratinga, Imbé de minas, Ipaba, Vargem Alegre, Entre Folhas e Ubaporanga. MOURA, Ana Maria S; FILHO, Nelson Sena. *Cidades: relações de poder e cultura.* Goiânia: Ed.Vieira, 2005, p. 90.

alguns municípios, com efeito, as cidades de Santa Rita de Minas, Vargem Alegre, Entre Folhas, Ubaporanga, dentre outras, que possuem notável influência de equipamentos presentes em Caratinga, estando entre os mais próximos e com rodovias em boas condições de circulação.[340]

> Na medida em que o prefeito passou a ter uma ligação maior através dos líderes comunitários com as comunidades ascendeu na própria comunidade o desejo de emancipar. Quase todo distrito alcançou certo poder. Percebo que houve um grau de participação na época sos líderes comunitários para provocar a emancipação. Um caso a considerar é que o líder comunitário passou a ter interesse porque vislumbrava uma possibilidade de se tornar muito mais que um líder; ele passaria a interesse de ser prefeito daquela comunidade. Ele tendo apoiado a emancipação, obviamente passaria a postular outras funções naquela distrito que emanciparia.[341]

Se por um lado o Dr. Fabinho "conquistava" o povo através de festas que promovia e inaugurações de sucessivas obras, por outro lado os atritos com alguns membros do diretório não demoraram a surgir.

Ainda em 1983, O *Jornal O Caratinga* publicou uma entrevista, cujo título era Beliscões do prefeito provocam dissidência. A entrevista realizada com o presidente da banda de música, era alusiva a pessoas do PMDB que estavam decepcionadas com algumas atitudes do prefeito em promover "relacionamentos amistosos" com políticos da oposição.

A partir de 1983, o PMDB passou a ser um palco de disputa interna entre o prefeito e os membros do diretório que não concordavam com a sua postura político-administrativa adotada pelo Dr. Fabinho.

Entendemos que a composição do governo do Dr. Fabinho, a partir de elementos egressos de diversos setores da cidade, unidos em razão de uma virada política em 1982, ao se instalarem no poder não demorou se manifestar as contradições. Encontramos de um lado o MR-8 atuando dentro de uma importante pasta do governo, e de outros elementos que também constituíam a administração, oriundos das da política conservadora de Caratinga.

---

[340] Idem, ibidem, p.100.

[341] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 14/05/2008, por José Ailton Mattos, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo. Caratinga: Digitado, 2008, p.1

Como observamos anteriormente, o PMDB de Caratinga agregava diversas correntes políticas. Era uma "acomodação" de políticos descontentes oriundos da Arena 1 e Arena 2 e organizados por militantes de esquerda, pertencentes ao MR-8.

No depoimento do assessor político do governo Fabinho, José Carlos Cerqueira, podemos inferir sobre a difícil relação entre o MR-8 e o governo.

> O grupo do MR-8 liderado pelo professor Cláudio Leitão começou a postular uma presença mais destacada, uma posição ideológica mais definida. Isto começou a gerar ciúmes nos outros setores que também constituíam a Frente, e que era a maioria,era o grupo mais conservador do governo Fabinho. Esses grupos mais conservadores passaram a sentir mais incomodados com a postura mais clara, eficaz e ideológica do MR-8, e passou a pressionar e cobrar do Dr. Fabinho para tomar algumas atitudes, não demorando muito para ocorrer a ruptura. A Secretaria de educação onde estava instalada o grupo que era liderado pelo professor Cláudio Leitão começou a sofrer algumas restrições. E o prefeito por mais que tivesse admiração e até reconhecimento pelo papel do grupo do MR-8 na sua eleição, acabou cedendo a sua formação tradicional e influência desses grupos mais tradicionais.[342]

Com o título Fabinho e PMDB unidos,[343] O *Jornal O Caratinga* trouxe uma matéria em 1984, que mostrava os problemas de relacionamento entre o prefeito e o partido. A matéria não explica os motivos que causaram o desgaste entre o Executivo e o seu partido, apresentando apenas os depoimentos favoráveis ao prefeito, como era característico de um jornal atrelado ao governo, funcionando como seu porta-voz.

A crise entre o prefeito se acentuou em 1985, a partir da decisão do prefeito de desligar o secretário professor Cláudio Leitão da pasta de Educação, Esportes, Saúde, Cultura e Turismo. Sem aprofundar nesta questão, os jornais da cidade (*Jornal O Caratinga* e Jornal A Semana) deram o seguinte destaque ao acontecimento. (Justificativa do professor Cláudio Leitão publicada no *Jornal O Caratinga*):

> Não partiu de mim a decisão de sair mas sim dele, o prefeito. A desculpa talvez seria a idéia de realizar uma junção da secretaria de Educação e saúde com a Secretaria de Ação Social. Certo, muito correto, inclusive foi minha idéia. Agora, me colocar à margem da administração, à margem das decisões, é outra coisa. Mesmo porque, o cargo ao qual o senhor prefeito se referiu e que eu ocuparia, não existe. Só chego a uma conclusão: o prefeito queria que eu saísse por questões políticas. É uma decisão política. Como secretário do Diretório do PMDB de Caratinga tenho a impressão de que

[342] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 15/062008, por José Carlos Cerqueira, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo. Caratinga: Digitado, 2008, p.2.
[343] *O Jornal de Caratinga*. Fabinho e o PMDB unidos. Caratinga: 02 de junho de 1984.

> tudo é resultado da briga do prefeito com o partido: Fabinho quer se afastar cada vez mais do PMDB, deixando-nos fora das decisões[344].

Com o desligamento do professor Cláudio Leitão da secretaria, assumiu o cago Nice Helena de Resende, que também era secretária de Ação Comunitária. No Jornal *A Semana*, Cláudio Leitão se defende, remetendo a sua saída a uma questão política. Ele diz:

> Nestes dois anos de governo, Fabinho tem alijado as lideranças do PMDB na cidade. Nós temos cartas ao público em que ele afirma que não tem compromisso com o partido. O PMDB não mais influi na administração municipal.[345]

A partir deste acontecimento, o embate no interior do PMDB se agravou, a luta política passou a ser travada pela disputa da direção do partido. Embora o Dr. Fabinho negasse a crise com o seu partido: "sou do PMDB, sou prefeito pelo PMDB e vou terminar meu mandato no PMDB. Não há nada disso, está entendendo".[346] Afirmara em entrevista ao jornal *A Semana*. Porém, fica evidente que a crise estava instalada no partido, fato que o documento " Manifesto do PMDB ao povo de Caratinga" comprova a existência de um clima nenhum pouco amistoso entre o prefeito e o PMDB.

Transcrevemos a seguir, na íntegra, a carta mencionada:

> MANIFESTO DO PMDB AO POVO DE CARATINGA
>
> O PMDB de Caratinga, através de seu Diretório Municipal, por decisão unânime de seus membros, mais uma vez solidário com à vontade e o sentimento do povo caratinguense, resolve, através deste manifesto, levar ao conhecimento público a sua posição de total firmeza e independência para repudiar com veemência o desastroso comportamento político e administrativo do senhor Anselmo Bonifácio, chefe de executivo municipal, e deixa claro que:
>
> 1 – Repudia o estado de abandono a que ficou relegada a nossa querida Caratinga limpeza pública, rede de esgotos, buracos e calçamentos danificados no centro, nos bairros, nas sedes dos distritos e povoados;
>
> 2- E contra o total abandono a que ficou condenado o homem do campo, que reclama por estradas e pontes, sem jamais ser atendido;
>
> 3- Repudia a aplicação do dinheiro público em " OPEN" e outras operações financeiras quaisquer, enquanto funcionários ficam sem receber, obras por fazer e contas a pagar;
>
> 4- É Contra o aumento abusivo de impostos, principalmente quando se sabe do constante aumento da arrecadação, mas pouco se vê o fruto da sua aplicação;
>
> 5- Concorda plenamente que o sr. Anselmo Bonifácio conseguiu equiparar os seus dois anos de ditadura e desgoverno aos 40 anos de desmandos das administrações passadas, das quais foi ele membro atuante;

[344]Idem, ibidem. O Caso Cláudio Leitão. Caratinga: 23/02/85, p. 01.
[345] *A Semana*. Fabinho pede saída de Cláudio de secretaria. Caratinga. 09 a 15/02 85. p.1.
[346] Idem, ibidem. Entrevista: Dr. Anselmo Bonifácio. Caratinga: 18/01/1986, p. 02.

6- Repudia, com toda firmeza, as demissões de pais de família, que nem sequer recebeu 50 por cento do que têm direito, enquanto cresce o empreguismo familiar;
7- 7- Lamenta, profundamente, a falta de interesse na conservação de obras importantes e necessárias, como a avenida Anna Penna de Faria e outras.
8- Repudia a forma demagógica, oportunista e autoritária como vem se utilizando dos mutirões comunitários e da participação popular que foram transformados em verdadeiros trabalhos forçados, quando deveriam ser voluntários e dados de boa vontade (pagamento de óleo, contribuição de dinheiro, etc);
9- Repudia o suo abusivo de publicidade, principalmente da imprensa falada, visando somente a sua promoção pessoal;
10- Não aceita de forma alguma a falta de matadouro público na cidade, colocando em risco a saúde da população, apesar de se continuar cobrando a taxa de abate (não obstante ser a reforma deste a primeira obra de sua extensa lista de inaugurações);
11- Repudia a administração concentrada nas mãos de adversários forasteiros e de probidade duvidosa;
12- Repudia a covardia daquele que se esconde entre quatro paredes, evitando o contato direto com o povo, e principalmente com aqueles que o elegeram;
13- É totalmente contra o jogo, o apoio ilegal ao "JOGO DO BICHO" e à PROSTITUIÇÃO, que afronta a família caratinguense;[347]

Mesmo após a divulgação da carta, Dr. Fabinho ainda insistiu em afirmar que não havia divisão interna no partido.[348]

O tempo ia passando e a disputa interna continuou sem chegar a um consenso, contrariando as previsões do deputado federal majoritário do PMDB, Carlos Alberto Cotta[349] que acreditava em reconciliação do prefeito e do diretório para as eleições de 1986 para o governo do Estado, e 1988 para prefeito, ao ser entrevistado pelo jornal *A Semana*.

O MR-8 teve um papel importante na convenção de 1988. Naquele momento, o MR-8 não mantinha mais relações com o prefeito, como analisamos, e era também de interesse do professor Cláudio Leitão sair candidato na convenção do partido.[350] No entanto, a sua desistência às vésperas da convenção, concedendo o seu apoio à chapa

[347] *O Jornal de Caratinga*. Manifesto do PMDB ao povo de Caratinga. Caratinga: 30/03/1935, p. 06.
[348] Não considero que o PMDB em Caratinga está dividido, volto a dizer que tenho apoio de toda a Câmara, estou com o deputado majoritário Carlos Cotta. Não estamos divididos, o partido está mais coeso do que nunca, e este diretório é uma insignificante maioria que tenta fazer as coisas do modo errado. E você não consegue satisfazer a todos em política, sempre existem os eternos insatisfeitos. Em política você só consegue satisfazer a oposição, porque ela está derrotada e não cria problemas. Quanto aos companheiros do partido a coisa é diferente, porque muito deles querem se aproveitar da situação para fazerem coisas erradas e o prefeito não pode acompanhar. *A Semana*. Entrevista com o Dr Anselmo Bonifácio. Caratinga. 06 a 12/ 04/ 1985.p 1.
[349] Era também secretário de Estado e Coordenação Política do governo Hélio Garcia.
[350] *A Semana*. Ferreirinha é o candidato do PMDB. Caratinga 30/07/1985. p.7

formada pelo vice-prefeito da época, Manoel Ferreira Filho, o Ferreirinha, e Rita de Cássia Barbosa e Silva, para vice, foi decisiva para esta sua chapa sair vitoriosa da convenção. No dia da convenção, era dado como certo o empate: 29 para cada chapa. Os cinco votos do professor Cláudio foram transferido para Ferreirinha.

O apoio do MR-8, também poderia ser visto através do PMDB- Jovem, militância jovem do partido que tinha como seu presidente , um dos membros da organização, ´Lyzias de Almeida Leitão. Como podemos perceber na matéria divulgada no jornal *A Semana*: "O presidente do PMDB Jovem de Caratinga, Lyzias de Alemeida Leitão, usando a palavra, convidou a todos para que permanecessem em torno da candidatura de Ferreira."[351]

A campanha política de Ferreinha sem o apoio do prefeito Dr. Fabinho levava a população a crer em uma desarmonia no partido de situação. As eleições daquele ano, 1989, ocorrida sem maiores problemas, apresentou a vitória do candidato da oposição, Dr. Eduardo Daladier Pereira (PFL) com 23.753 votos, ficando em segundo lugar o candidato do PMDB, apoiado pelo MR-8, Manoel Ferreira, com 18.152 votos. O candidato do PT, Marcelo Abdala da Silva conquistou 2.764 votos, e Paulo de Araújo Magalhães do PDC, obteve 2.413 votos.[352]

Analisando as eleições das últimas décadas no país, constata-se que uma das grandes características do nosso sistema eleitoral foi a "extraordinária volatilidade eleitoral que refletiu a incapacidade dos partidos para conquistar um eleitorado estável e fiel".[353]

O mesmo autor analisou o fato de que os partidos do governo estavam fadados a fracassos eleitorais, o que ficou evidente na eleição municipal de 1988, quando o PMDB foi derrotado nas urnas.

3.5 O MR-8 E A MILITÂNCIA

O MR-8 de Caratinga, organizado em 1979 pelo professor Cláudio Leitão, secretário estadual da organização em Minas Gerais, tem a peculiaridade de ser o primeiro grupo de esquerda que participou ativamente da política local até 1990, quando

[351] *Idem, Jovens apóiam os candidatos de Ferreira e Rita de Cássia,* 07/08/1988.
[352] Idem, Dr. Eduardo é eleito prefeito de Caratinga, 22/11/88, p. 04.
[353] MAINWARING, Scott P. *Sistemas partidários em novas democracias – O caso do Brasil*. Tradução de Vera Pereira. Porto Alegre: Mercado Aberto; Rio de Janeiro – RJ: FGV, 2001. p.127.

disputou sua última campanha eleitoral, marcando o fim da atuação da organização na cidade

Em face da forte influência exercida pelos antigos partidos da cidade (conforme já estudamos nas páginas anteriores) vimos em Caratinga**,** a partir da formação do "Oito", como início da atuação de um grupo de efetiva oposição. Antes do "Oito" ser organizado na cidade, algumas pessoas da cidade militaram em grupos clandestinos ou travaram discussões contra o governo militar, como Inês Etienne, Hélio Amaral, Jesse Jane, Ziraldo e Miriam Leitão[354].

Até a formação do MR-8 em Caratinga, não existiu nenhum outro grupo, partido ou mesmo sindicato ligado à esquerda e à classe trabalhadora. No entanto, não podemos deixar de fazer menção ao grupo de estudantes da cidade que foram investigados, alguns presos, por se reunirem para estudar clássicos da filosofia e da política. Grande parte dos integrantes desse grupo, ao sair da cidade para estudar na Universidade Federal de Brasília – UNB, continuaram sendo investigados pelo exército.

Um documento do Ministério do Exército, datado de 1973, foi citado em uma matéria especial, feita pelo historiador Nelson Sena ao Jornal Toque Cultural, no qual se lê:

> Considerando os primeiros depoimentos tomados e a documentação apreendida, o CODI/ EMP – 11º prosseguiu na operação com o objetivo de, aproveitando as ações da polícia federal, desencadear a operação sobre o GRUPO CARATINGA, tendo em vista esclarecer as atitudes suspeitas de alguns estudantes, particularmente os citados nos depoimentos de Sebastião Damião Alves Sena " Tão" e José Lourenço Cunha, presos em setembro de 1972 em Coronel Fabriciano –MG. Foram então presos os seguintes elementos, moradores da SQW-312, bloco I, apto 309: Romário César Schetino, Valtair Antônio de Almeida, Mirian Macedo, Maria das Graças Sena e Carlos Marcos Batista. [355]

A militância do MR-8 em Caratinga, composta por cerca de 30 a 40 pessoas, que militaram regularmente das reuniões e atividades da organização, diferenciavam-se dos membros do Comitê Nacional e Regional por não serem profissionais[356], ou seja,

[354] Inês Etienne Romeu pertenceu a VAR –Palmares; Helio Amaral, ex-padre, foi preso pelo governo militar, ficando isolado na mesma cadeia que Frei Beto; Jesse Jane Vieira de Souza foi militante da ALN, atualmente é professora de História da UFRJ; Ziraldo Alves Pinto, cartunista, escritor e jornalista; Miriam Azevedo de Almeida Leitão é jornalista.

[355] *TOQUE CULTURAL*. O grupo Caratinga.: 24/06/1998, p7.

[356] É o que no jargão comunista se chamou de "luta ideológica", na qual o indivíduo se submete à crítica do coletivo e submetendo seus desejos pessoais em prol das necessidades maiores do partido. CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) *Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8*. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 119.

militantes que se dedicavam, exclusivamente, à elaboração e execução de tarefas da organização. Muito embora, o professor Cláudio Leitão e Salatiel Ferreira Lúcio se dedicaram maior parte de seus tempo na prática política, trabalhando na elaboração e venda do jornal Hora do Povo e participando ativamente de atividades da organização. Quando moravam em Belo Horizonte.[357]

(Figura - 05) Secretário Regional do MR – 8 e Presidente do PMDB Jovem de Caratinga, Prof. Cláudio de Almeida Leitão[358].

A arregimentação de membros em Caratinga aconteceu principalmente entre os jovens O secretário regional, responsável pela organização na cidade, identificava pessoas que tinham o "perfil" ou " potencial" para ser militantes da organização[359]. O apelo para pertencer a um grupo incomum, uma organização secreta, distinta da sociedade estabelecida, é sempre algo que exerce fascino: no caso do MR-8, era a única organização clandestina do final dos anos 60 e início dos 70 que sobreviveu à fase guerrilheira. Não poderia ser diferente que a entrada de um elemento para a organização fosse marcada de "medos" e " questões de segurança". Como vimos no documento da Polícia Federal, citado no capítulo anterior, no início da década de 80 os militantes ainda eram alvos de investigações e perseguições. Não poderia ser a reação

[357] " Eu comecei a trabalhar com o Cláudio Leitão e a gente mexia com artesanatos" Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 2/062008, por Salatiel Ferreira, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. *Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo*. Caratinga: Digitado, 2008, p1.

[358] *A Semana.* Entrevista com Cláudio Leitão. Caratinga: 19 a 25 de janeiro de 1985.

[359] CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) *Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8*. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.95

de medo certa cautela para entrar ou organizar reuniões do MR-8. Os cuidados com a segurança da militância era uma condição que continuaria até a legalização em 1985.

O grau de dificuldade torna-se mais forte quando esse imaginário depreciativo formado sobre os comunistas está muito presente em uma cidade não acostumada com grupos políticos de oposição e contestação ao sistema.

As reuniões do "Oito" de Caratinga, realizadas sempre que houvesse necessidades de tratar de algum assunto de interesse da organização, eram feitas em sítios, casas e na faculdade Sociedade Presbiteriana de Educação e Pesquisa – SPEP. O professor Cláudio Leitão explicou como eram as reuniões. "Tinha várias lugares que a gente fazia, era clandestina. Era feita em minha casa e às vezes a gente fazia na faculdade. Mas ninguém sabia, parecia que estava acontecendo uma reunião normal de política."[360]

O Comitê Municipal de Caratinga se diferenciava também quanto à estrutura dos comitês regionais e Nacional. Em Caratinga, o militante alcançava ascensão quando era destacado para disputar uma função ou cargo na política partidária e nos setores da sociedade civil organizada, que na visão do "Oito" seria estratégico para atingir os objetivos maiores.

Portanto, a estrutura do Comitê Municipal era centralizada na pessoa do professor Cláudio Leitão, responsável pela atuação da organização na cidade, ao passo que os militantes eram como "obreiros", ajudando a executar as tarefas.

Enquanto no Comitê Regional e Nacional, o militante que se destacava, assumia posições dentro da hierarquia, no Comitê Municipal os membros de destaque eram indicados para disputar algumas funções, como liderança do movimento estudantil e dos trabalhadores, bem como o mando de vereador. Não era, no entanto, diferente a forma para alcançar o destaque dentro do Oito:

> O "estar bem" não era apenas uma questão de domínio teórico da linha, era compreensão integral, no discurso e na prática, nos enfrentamentos com o "inimigo externo", na capacidade de "quebrar pau", de não se "intimidar", no enfrentamento com as dificuldades internas, de obter uma liderança no coletivo a ponto de fazê-lo eficaz: nas finanças, na política de massas, na propaganda e no jornal etc; implicava também num grau de segurança e firmeza e, de certo modo, em algum momento, a capacidade de intervenção

[360] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/07/2007, por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. *Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo*. Caratinga: Digitado, 2007, p.6.

> vitoriosa numa frente de massa, de fazer finanças ou de vender o HP, ou de fazer com que seu coletivo o fizesse.[361]

Através do depoimento de professor Cláudio Leitão, temos a idéia de como os quadros[362] eram formados em Caratinga:

> Essas pessoas vêm sendo destacados no movimento de massas, mostrando que eram pessoas mais firmes, interessadas, que tinham um amadurecimento, você começava a chamar para a reunião do próprio partido. Nem todo mundo que estava participando era do partido. Nós tínhamos quadros mesmo, que chamávamos de quadro e tinha aquela formação de quadro.[363]

"Ganhar" o Centro estudantil e o Sindicato dos trabalhadores Rurais, eleger vereadores, organizar o Movimento das Mulheres e o PMDB Jovem faz parte da questão do "Oito', que teve o exercício da política explicado pela produção e prática de uma "linha" que lograsse dirigir as forças políticas e sociais no sentido da revolução.[364]

Numa organização centralizada, como o MR-8, a produção teórica e de conteúdo doutrinário era produzida pelos comitês regional e nacional, e enviadas para os comitês municipais para ser discutidas e analisadas. As resoluções do II Congresso e III Congresso eram os documentos básicos da organização. O material mais utilizado pelo Comitê Municipal era o Jornal Hora do Povo, por ser um veículo de comunicação produzido com linguagem e temática popular, o que certamente propiciou mais sucesso com os militantes, que na sua maioria não tinham uma formação mais profunda sobre os teóricos relacionados às doutrinas marxistas:

> Para o MR-8, os demais agrupamentos de esquerda não compreenderam esta máxima leninista, fazendo freqüentemente propaganda para as massas, e com isso incorrendo no doutrinarismo. Por aí se explica a iniciativa de criar um jornal que se especializasse em agitação, o Hora do Povo.[365]

---

[361] CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) *Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8.* (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.95.

[362] Se a militância era o número do partido o "quadro" representa a sua qualidade. Idem. Ibidem p.137.

[363] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/072007, por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. *Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo*. Caratinga: Digitado, 2007, p.4.

[364] CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.95.

[365] Idem, Ibidem. p. 176.

O jornal *Hora do Povo* tinha um papel "pedagógico" que era provocar ou despertar nos militantes e demais leitores[366] da organização local para uma conscientização dos problemas políticos, econômicos e sociais do país, ou seja, o jornal facilitava o entendimento quanto as análises de "conjuntura" realizada sobre o contexto nacional. Desta forma, o conteúdo do jornal serviu de orientação para o grupo local.

> Trabalhei com o jornal do MR-8 da época, que se chamava Hora do Povo, que tinha o objetivo de estar levantando para nossa discussão política um confronto com o regime militar. Então você tinha todas as formas de esquerda no Brasil. Eles eram muito teóricos, muito doutrinaristas, e esses não, como se fosse um panfleto mesmo, para você usar fazendo discussões, fazendo comícios relâmpagos. Então você tinha manchetes assim mais de confrontos, tipo assim, saiu o custo da Corrupção. Aí você colocava um susto que saiu do exército, que a gente pegou sobre todas as pessoas que tinham dinheiro na Suíça. [367]

A clandestinidade durou até 1985, momento em que o MR-8 não optou por se registrar enquanto um partido legal, preferindo permanecer nas hostes do PMDB, ao contrário do Partido Comunista do Brasil – PCB. Portanto, a organização não se reunia mais clandestinamente, prática política que vingou até o início de 1990.

3.6 NO ESSENCIAL FOI POSITIVO

Este subtítulo faz referência a um bordão que se incorporou à linguagem da organização, e tinha a pretensão de dizer que as análises da "linha política", no "essencial", se confirmavam na realidade.

> Sendo a direção do MR-8 muito zelosa de uma imagem próximo à "sobriedade bolchevique", procurando afastar tudo o que sugerisse um auto-elogio, coisa de "intelectuais pedantes", estabeleceu o "no essencial"como uma regra que circunscrevia o seu no discurso no "rigor científico" mas dispensava os elogios grandiloquentes.[368]

---

[366] O jornal era vendido nas ruas. O militante Salatiel Ferreira Lúcio foi o responsável pelas vendas do jornal em Caratinga.

[367]Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/072007, por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. *Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo*. Caratinga: Digitado, 2007, p.7.

[368] CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) *Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8.* (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.253.

Vamos analisar nesta parte do trabalho algumas atividades políticas realizadas pela organização, no momento em que ela esteve presente no governo municipal, bem como suas práticas contra a ditadura e seu posicionamento dentro dos limites impostos por uma esquerda orientada sob a perspectiva da Revolução Nacional Democrática, tendo o PMDB como o partido "revolucionário."

Dentro do MR-8, distinguiam-se dois tipos de militantes, aqueles de domínio teórico, que ficavam por conta das análises de conjuntura e formulação dos tratados teóricos, e os de "linha de massa", ou agitadores, militantes que colocavam em prática a teoria da organização. Linha de massa é descrita com a seguinte característica:

> A "linha de massa" representava uma elaboração minuciosa do partido, sobre como fazer o trabalho de "massa", como construir e gerir as entidades, precisar qual o discurso a ser feito para as massas, visando sempre combater o "doutrinarismo", o principal erro de como um revolucionário se portar perante as massas, que era " fazer pedagogia" "com as massas ao invés de atuar concretamente junto a elas. A "linha de massa" era elaborada em conferências, através de estudantis (sindicais, comissões e frações especialmente designadas para tal. Através dela indivíduos com ligações com as massas se incorporaram ao " Oito", tornando-se seus agitadores sociais, e lideranças de massas. Em vários depoimentos aparece como atrativo que fizeram estas pessoas entrar para o MR-8, "a sensibilidade, preocupação com movimento de massas, as orientações de como falar para massa, de como encaminhar uma luta, de como tirar uma "linha" para entidade.[369]

Existia ainda um outro tipo de militante, o militante mediano, que exercia tarefa de apoio, participando de entidades estudantis, sindicais e na política, sem no entanto serem "responsáveis por implementar políticas"[370], ficando subordinados a execução de tarefas propostas pela liderança da organização.

Percebemos que no Comitê de Caratinga havia dois tipos de militantes, os de massas e os medianos. O professor Cláudio Leitão nos revela o seu perfil de militante dentro da organização em Caratinga:

> Eu era um organizador de massa. Pegava os megafones dos padres em BH, e sai para as comunidades organizadas, onde tinha conflitos. Então eu era organizador de massas, eu tinha essa característica, não tinha muita característica para poder fazer teoria. Eu poderia estar ascendendo mais dentro do partido, mas eu não gostava dessa discussão, teórica, onde ali se digladiavam interesses, imposições e vaidades. Meu negócio era trabalho,

[369] CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) *Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8*. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.293.
[370] *Idem, Ibidem, p* 293.

> meu negócio era muito mais de ação do que ficar debatendo questões mais teóricas, e por isso, certamente eu não ascende tanto na estrutura do MR-8.[371]

Sob a liderança de um secretário de 'linha de massa," as intervenções na prática política, como já vimos, tiveram início no Centro estudantil, no interior do PMDB e PMDB Jovem, movimentos que mobilizaram manifestações de apoio à candidatura de Tancredo Neves e às diretas e protestos " que se resumiram na principal palavra de ordem da organização: moratória da divida externa."[372]

Em fevereiro de 1984, é anunciada, através da imprensa, uma mobilização de apoio às diretas organizada pela liderança do MR-8:

> Uma reunião para organização, em Caratinga, de Comitê pró-eleições diretas. Foi na noite desta quarta-feira e teve lugar nas dependências do colégio do Carmo contando com muitas presenças. A coordenação do trabalho estava a cargo do secretário que se encarregou de, em cumprimento a orientações superiores, convocar para o encontro representantes de classe, sindicatos e outras entidades representativas, além de autoridades e lideranças ligadas aos diversos setores da comunidade. O comparecimento foi expressivo e ao final do encontro foi proposto que o prefeito municipal, Dr. Fabinho, que se encontrava presente, assumisse a presidência do Comitê. O prefeito aceitou prazerosamente dizendo, no entanto, que esta liderança seria mais simbólica, incumbindo o professor Cláudio Leitão de representá-lo na condução do trabalho. Informou o professor Cláudio Leitão que Caratinga deverá remeter uma das maiores caravanas do interior de minas à capital para participação na manifestação política para eleições diretas no próximo dia 24.[373]

O MR-8 vivia, nos primeiros anos da década de 1980, um certo euforismo em relação à conjuntura política do país. O vislumbrar da "revolução à vista! acompanhava sempre suas análises da realidade, mesmo onde a calmaria política dava a tônica da situação." [374]

A organização procurava trazer para Caratinga mobilizações que ocorriam nos grandes centros do país contra a política do governo ditatorial, sem, no entanto, assumir que era uma prática do MR-8. Vemos, numa outra matéria, a atuação do PMDB Jovem

---

[371] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/072007, por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. *Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo*. Caratinga: Digitado, 2007, p.4.
[372] SALGADO, Gilberto. *Cultura e Instituições sociais*. Juiz de Fora: UFJF, 2006, p.188.
[373] Jornal Caratinga. Prefeito preside comitê pelas diretas. Caratinga: 18/02/1984, p.9.
[374] SALGADO, Gilberto. *Cultura e Instituições sociais*. Juiz de Fora: UFJF, 2006, p.96.

como “meio de agitação”[375] da organização. A matéria fazia menção ao apoio a Tancredo Neves três meses antes da última eleição indireta no país.

BRASIL VIVE COM TANCREDO NOVO MOMENTO POLÍTICO

presidente eleito
redo de Almeida
que tomaria posse na
ência da República
às 11h, foi acometido
pendicite, sendo
ado às 22h de sexta-

mou posse interina-
até o restabelecimen-
Tancredo Neves, o
residente eleito José

nascimento da Nova
blica, no dorso da
nha vivida por todo o
m 1984 em defesa de
s diretas para a
ncia, e sob o signo
ma das maiores
ções da política
ra, realizou-se num
e inédita tranquilida-

governo surge
de uma expectativa
parável à que Jânio
s carregava sobre a
a amarfanhada
recebeu a faixa
cial, em janeiro de
possível que haja
nça demais e
de menos, mas
os de onipotências
m ao Brasil que é
acreditar menos
soas e mais nos
s democráticos.
que o Governo
Neves é, sem
aquilo que ele
de Nova República.

O PRESIDENTE TANCREDO DE ALMEIDA NEVES

(Figura – 06) O Título desse jornal expressa o sentimento do MR – 8 diante daquele momento histórico do País.[376]

O PMDB Jovem de Caratinga se reuniu nas dependências do Cine Brasil, quinta-feira, dia 25 candidato de, para deliberar sobre a formação de um comitê em favor Tancredo Neves, que hoje está apoiado pela Aliança Democrática. Os jovens, representando a maioria das instituições organizadas da cidade, decidiram pela criação do Comitê Jovem Liberdade

[375] Expressão utilizada pelo grupo que denota manifestações políticas.
[376] *A Semana.* Brasil vive com Tancredo novo momento político, p. 19 a 25 de janeiro de 1985.

> Pró-Candidatura de Tancredo, e elaborou uma comissão para organizar um showmício, a ser realizado em data a ser estabelecida.[377]

No período de 1984 -1985, em que o jornal *A Semana* estava sob a direção de um dos membros[378] do MR-8, identificamos uma maior presença de matérias relacionadas aos militantes do grupo. Nas eleições de 1984 para a presidência da república, o jornal *A Semana* apoiou com veemência o candidato da oposição, Tancredo Neves, ao passo que atacava a ditadura militar. Nesse período, eram publicados artigos da jornalista Mirian Leitão e reportagens atacando a ditadura, deixando transparecer a linha editorial do jornal, que era gerenciados por pessoas ligadas a uma organização de esquerda. A matéria sob o título "fim da ditadura. Raiou a democracia" seria um bom exemplo disso. O texto, introduzido por imperativos ao lado da foto de Tancredo Neves, mostra o discurso da organização:

> NÃO À RECESSÃO
> NÃO ÀS ELITES
> NÃO AOS PRIVILÉGIOS
> SIM À MUDANÇA
> SIM À REALIDADE
> SIM AO DEBATE[379]

Ainda na mesma matéria foi noticiada a comemoração do PMDB Jovem da cidade.[380]

Tancredo Neves foi eleito em 15 de janeiro de 1985, com 480 votos, contra 180 votos dados a Paulo Maluf e 26 abstenções. Foi o primeiro presidente civil depois de 21 anos de ditadura militar.

Em 1985, ano em que o MR-8 saiu da clandestinidade, a organização passou a ter maior visibilidade na imprensa de Caratinga. Naquele momento, o MR-8 não tinha mais a revolução do proletário como assunto do "dia." Falava-se, numa "democracia liberal, numa aliança com a burguesia, em luta pela industrialização que provocaria a

---

[377] *A Semana*. PMDB Jovem se reúne e organiza showmício. Caratinga: 03 /10/1984, p.3.
[378] Lysias Leitão, membro do MR-8, foi editor do jornal nos anos 1984 a 1985.
[379] *A semana*. Fim da ditadura. Raiou a democracia. Caratinga: 09 a 25 /01/1985. p.1.
[380] Em Caratinga, o PMDB Jovem promoveu uma passeata pelas ruas da cidade e a noite do mesmo dia realizou uma concentração popular com presença de autoridades e da bateria da Escola de samba .Juventude Unida Americana, no coreto Ronaldinho Calazans, na praça Cesário Alvim *A Semana*. Fim da ditadura. Raiou a democracia. Caratinga: 09 a 25 /01/1985. p1.

reforma agrária. "Achamos que a Revolução Democrática Burguesa tinha de ser feita pela burguesia e com ela deveria ser feita nossa aliança." [381]

Expressões como independência e soberania nacional passaram a estar presentes no discurso dos militantes[382] e do Jornal *Hora do Povo*. A problemática da dependência foi o principal alvo de ataque, por ser considerada a contradição da etapa da Revolução Nacional Democrática. Vemos no discurso do secretário Cláudio leitão, em entrevista realizada em janeiro de 1985 ao Jornal *A Semana*:

> Alguns setores do PMDB, nos quais eu me incluo, começavam a entender que a democracia só se daria ou seria viável e estável no Brasil se conseguíssemos um nível avançado de soberania e independência, principalmente do estados Unidos. Diante dos interesses estrangeiros, a democracia foi violentada desde 1964, com a implantação do Estado de dependência, e que não se conseguiria a democracia sem se restaurar a nossa soberania.[383]

No ano de 1985, encontramos pela primeira vez na imprensa de Caratinga uma matéria sobre o MR-8. Tratava-se de um texto relacionado ao fim da clandestinidade da organização. A matéria com o título "MR-8: fim da clandestinidade" era alusiva a convenção nacional realizada abertamente em 1985 no estado de São Paulo.

A matéria, um extenso texto, ocupou a última página do jornal. Reproduzimos na íntegra algumas partes do texto, o qual certamente atingiu o público leitor da cidade, que, em sua maioria, não tinha conhecimento sobre a organização.

> O movimento, nascido sob as idéias revolucionárias de Ernesto Che Guevara, passou por momentos difíceis e decisivos na história política brasileira e teve, por diversas vezes, muitos de seus membros presos, torturados e até mortos, como foi o caso do capitão Carlos Lamarca, do estudante Stuart Angel Jones e tantos outros, durante os anos negros, conturbados, da vida brasileira. Nas fileiras do MR-8, desde sua criação em 1967, até hoje, entraram homens e mulheres que representaram os mais diversas segmentos da sociedade. São advogados, engenheiros, físicos, sapateiros, operários, professores etc. Na formação do Comitê central do partido, as classes sociais,estão representadas, dando sinal de que a luta revolucionária do MR-8 não terá sido uma luta de cúpula, mas uma luta do povo brasileiro.[384]

---

[381] BASBAW, Ieôncio. *Uma vida em seis tempos (Memórias)* São Paulo:Alfa ômega, 1978. p 165.
[382] *Resoluções políticas do III Congresso do MR – 8*. São Paulo: Quilombo, 1982.
[383] *A Semana.*Entrevista. Caratinga: 09 a 25 /01/1985. p 2.
[384] *A Semana.* MR-8: fim da clandestinidade. Caratinga 12 a 18/10/ 1985. p.1.

Fica evidenciada no texto "MR-8: fim da clandestinidade", uma possibilidade de inserção da organização na política de Caratinga. Temos que considerar que não tinha nenhum outro grupo de esquerda na cidade, apenas o Partido dos Trabalhadores, agremiação que tinha poucos membros, sem apresentar força política na cidade, tal como estava fortemente estabelecido na política de Ipatinga, região próxima de Caratinga, com grande número de trabalhadores na indústria metalúrgica USIMINAS.

Diríamos que o MR-8 teve um papel fundamental para provocar algumas discussões que, naquele momento, estavam em voga pela organização nas grandes cidades do país.

Quando a tônica do MR-8 na década de 80 era a Revolução Nacional, uma ordem em defesa de seu projeto político "anti-imperialista", propunha congregar todos os Estados e nações que possuíam posições contrárias ao imperialismo, sobretudo o Norte-Americano.

A organização saiu em defesa de países que tinham conexões com o "fundamentalismo "Islâmico, como o Iraque, a Líbia e o Irã. "A grande imprensa procurou incentivar esta associação, MR-8= países árabes, como que para estigmatizar o que representa o MR-8 no Brasil; pró Kadaf, pró-Sadam, logo obscurantista, fanático e atrasado."[385]

O ataque dos Estados Unidos à Líbia, em 1986, foi veementemente repudiado pela organização. Em Caratinga, o MR-8, através de seu secretário, expôs em entrevista a uma rádio local (transcrita pelo Jornal Caratinga), a visão dessa organização sobre o acontecimento envolvendo EUA e Líbia:

> Falo em meu nome e falo também em nome do Comitê Central do Movimento Revolucionário 8 de Outubro, o MR-8. O mundo está assistindo a mais um atentado contra a humanidade. O governo Reagan vem insistentemente tentando espalhar e difundir o terrorismo e a guerra no mundo, invadindo nações soberanas e independentes, como a invasão de Granada, como o atentado absurdo que se faz hoje contra o povo da Nicarágua, de El Salvador e de vários outros países. Exatamente no momento em que começa a se afirmar no mundo árabe, após a perda na década de 70 de seu líder maior, Nasser, no Egito, começa a se firmar a liderança do Coronel Kaddaf. Os Estados Unidos ousam mais uma vez passar por cima de todos os princípios hoje já sedimentados da paz, convivência pacífica da humanidade e incentiva mais essa guerra aberta que põe em risco justamente aquilo é mais caro pra todos nós hoje, que é a própria sobrevivência da humanidade, que é a paz entre os povos. Sobre a imagem de Kadaf, o professor Cláudio Leitão apresentou a seguinte defesa:

[385] CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.43

> Nós sabemos muito bem e isso é uma tática antiga, utilizada pelos veículos de informação a nível internacional dominados pelas agências americanas. Sempre quando está em mira algum chefe de Estado que não aceita as suas posições, que não admite ser subjugado, este chefe de Estado começa a ser visto e a ser colocado perante a opinião pública como delinqüente, como maluco, irresponsável, terrorista. Isto é uma tática para preparar exatamente a opinião pública para receber sem indignação um ato absurdo como este. Estão no meu modo de entender, por várias vezes já foi feito este tipo de denúncia que os EUA dizem , mas ninguém vê as provas e eles não mostram e a nós nunca foi cabal esta afirmação dos Estados Unidos faz. O que nós sabemos dos EUA é bem claro: é um país que vive da exploração de outros países. Isto não está isolado de nosso país. Hoje o mundo não mais aceita a dominação americana, e está contestando em todos os continentes esta dominação, como contestou na Indochina, no Vietnam, na Nicarágua, em Angola e como contesta no Brasil. Esse sentimento generalizado de todos os países que lutam hoje para manter a sua independência, nós sentimos que esse ataque à Líbia é absurdo, covarde, e vem no sentido de atemorizar as nações do mundo que luta pela independência.[386]

Fica evidente no discurso acima o fato de o com o projeto político do MR-8 estar engajado na luta contra o imperialismo dos EUA, que apresentava-se naquela conjuntura, para o MR-8, como um dos principais obstáculos à Revolução Nacional.

Com o fim da ditadura em 1984, teve início um importante momento dentro da análise de conjuntura do MR-8: a fase em que a organização deveria ter seus membros com mais influência nas decisões do PMDB, para avançar rumo à próxima etapa da Revolução Nacional democrática, ou seja, um partido democrático dirigido por uma liderança comunista.

Naquele momento em que o PMDB estava se consolidando como o partido mais forte do país, tornava-se vital, para o MR-8, travar uma disputa interna, que tornasse possível "dirigir a Frente". Entendemos que isto ocorreu em Caratinga, quando do confronto pela direção do diretório do PMDB, bem como na formação de representantes políticos para disputar as eleições. "Porém, não se pode deixar de observar que, mesmo que o objetivo fosse influir nas decisões da Frente, seria para tal possuir força política, densidade e representatividade eleitoral, sob pena de ter suas sugestões desprezadas".[387] Lembramos que a partir de 1985 o PMDB recebia a participação do MR-8 como um importante aliado, como podemos observar no depoimento do deputado federal Osvaldo Lima Filho, da Executiva Nacional do PMDB, que representou a direção nacional do partido na convenção de 1985 do MR-8.

---

[386] *O Jornal O Caratinga*.: Cláudio Leitão e o MR-8: uma voz em defesa da Líbia e de Kaddaf. Caratinga. 20/05/1986. p 6.

[387] CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) *Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8*. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.261.

> O MR-8 sempre foi um aliado, primeiro do PMDB, depois do PMDB, contra o imperialismo internacional que conduziu o Brasil, depois de 20, anos a uma situação de espoliação em que a nação foi arrasada socialmente e economicamente.[388]

É importante ressaltarmos que o partido era formado por diversas correntes da sociedade que apresentavam-se muitas vezes antagônicas, apresentando motivos de divergências internas.

O MR-8 de Caratinga, sob a orientação da "política" da organização, apresentou nas eleições 1986 e 1990 candidatos próprios, ou seja, nomes sugeridos pelo Comitê Regional.

Nesse sentido, na eleição estadual de 1986, o MR-8 apoiou o candidato Newton Cardoso para o governo do estado de Minas Gerais. Para o "Oito," naquele momento, o que interessaria não era o candidato em si, mas importava assegurar a vitória expressiva de governadores do partido, para garantir a constituinte.

"O pensamento do "Oito" era eleger o máximo dos governadores do PMDB, eleger o máximo de deputados federais do PMDB e colocar os deputados ligados ao MR-8 para levantar a bandeira da constituinte".[389]

Ainda sob orientação superior, a organização de Caratinga apoiou a candidata Raquel Scalatelli para deputada estadual. A falta de consenso entre o diretório do PMDB e o prefeito Dr. Fabinho em torno de um nome propiciou o apoio de vários candidatos do partido. O prefeito Dr. Fabinho concedeu apoio aos candidatos; Ziraldo Alves Pinto e apoiou o candidato Mauro Campos; o MR-8, por sua vez, trabalhou para a candidata Raquel Scalatelli[390]. Os candidatos do Prefeito Dr. Fabinho contavam com um forte aparato financeiro para realizar a sua campanha política, deixando a disputa ficar acirrada entre os candidatos apoiados pelo MR-8 e Ziraldo, que também tinha apoio do prefeito e de empresários na cidade.

Observamos que naquele momento o discurso do MR-8 e o de Ziraldo estava direcionados para a Constituinte que seria formada a partir dos candidatos eleitos em

---

[388] *A Semana*. MR-8 fim da clandestinidade. Caratinga 12 a 18/10/ 1985. p. 15.

[389] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/072007, por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. *Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo*. Caratinga: Digitado, 2007, p.12.

[390] Raquel Braga Scarlatelli Pimenta, residente em Juiz de Fora, pertencia ao PMDB e era membro do MR-8 naquela cidade.

1986. Após a inauguração do Comitê Ziraldo Pró – Mauro Campos, Ziraldo escreveu uma carta para a imprensa local, desmentindo o apoio a um outro candidato que utilizou o seu nome sem autorização, na imprensa. Em relação à constituinte, Ziraldo fez o seguinte comentário:

> E a constituinte, Dênio, não precisa necessariamente ser escrito pelo amigo pessoal, pelo parente ou pelo conterrâneo. Ela transcende a estes detalhes. Para que a constituição seja escrita e promulgado como a desejamos, nosso voto deve ser dado ao candidato que tenha os mesmos sonhos, os mesmos ideais políticos, a mesma cabeça parecida com a nossa. Aquis estou pois, trazendo ao povo da minha terra o nome de Mauro. O fato de ele e eu sermos amigos há muitos anos não tem significado aqui e agora. O importante é que ele e eu sempre estivemos do mesmo lado e sempre sonhamos o mesmo sonho.[391]

A campanha de Raquel Scarlatelli apoiado pelo MR-8 de Caratinga foi promovida sem grandes recursos financeiros econômicos como os candidatos apoiados pelo prefeito e pelo grupo do Ziraldo. Sabemos que nas campanhas políticas, o fator econômico é preponderante para que os candidatos consigam obter bons resultados. O poder econômico talvez seja um dos principais meio de controle para exercer influência dos partidos em lugares onde a discrepância social é mais latente. Sem ostentação p MR-8 realizou pequenos comícios e reuniões nos bairros e distritos, denominadas de " Encontros com a Comunidade"; campanha fortalecida pela ação dos militantes, que visitam escolas e para falar sobre a referida candidata, campanha que, segundo os seus organizadores, teve a resistência de certas lideranças, como podemos perceber numa carta enviada ao Jornal Caratinga, pouco dias antes da eleição, com o título " Discriminação", a qual o grupo externava sua indignação em relação a um episódio ocorrido no distrito de Entre Folhas. Trazemos na íntegra, a carta.

> Descriminação
>
> Domingo passado a candidata a deputada federal do PMDB Raquel Scarlatelli esteve na região de Caratinga para uma série de mini comícios, chamados por sua coordenação de " encontros com a comunidade visitou alguns distritos, mas sofreu discriminação em Entre Folha, terra tradicionalmente conhecida pela sua liberdade. Ali, o ex- vereador Avelino Marques de Amaral, proibiu a realização do encontro na praça, exatamente onde se encontra os atos alusivos ao " III Encontro de Entrefolhense Ausente", alegando que havia tido um entendimento prévio entre as lideranças políticas no município, no sentido de não imiscuir política naqueles merecidos festejos. A coordenação de Raquel concordou plenamente com o ponto- de- vista do líder, fazendo sem encontro em outro

[391] *Jornal O Caratinga*: Carta Desagravo. Caratinga. 19/07/1986. p.4.

> local de Entre Folhas. Mas, a surpresa de Raquel e das lideranças que a acompanhavam e principalmente da população do distrito, verificou que, à noite, durante o encerramento do "III Encontro", políticos de Caratinga e da região que nada te a ver com o município, usaram e abusaram do direito de falarem dos candidatos Mauro Campo e Jamil Junior, com atuação no Vale do Ação. Para os de fora foi permitido. Discriminação.[392]

O resultado da eleição apresentou Raquel Scarlatelli como a quarta candidata mais votada nas urnas da cidade, com 1.347 votos, ficando atrás dos candidatos Dênio Moreira que teve 3.257 votos, Otavio Elísio, com 2.666 votos e Roberto Brant, 1465 votos. Contrariando o esperado pela imprensa, Raquel obteve mais votos na cidade que Mauro Campos, candidato com 1.327 votos. Somando os votos dos distritos, Mauro Campos passou a posição de quarto mais votado com 2.399 votos, enquanto Raquel foi para quinto lugar, com 2.220 votos.[393]A candidata do MR-8 no estado de Minas Gerais Raquel Scarlatelli teve por volta de 18.500 votos, ficando como suplante. O apoio do MR-8 de Caratinga a candidata, embora não tivesse sido eleita, não deixou de ser uma surpresa para Caratinga. Em 1986, nenhum candidato do MR-8 se elegeu, mas como o centro da questão era o PMDB, e organização com o objetivo de minimizar seus revezes eleitorais e superlativar sua influência, comemorou a expressiva do PMDB. Nas eleições para a Assembléia e Constituinte de 1986 o MR-8 não conseguiu eleger nenhum de seus candidatos (na legenda do PMDB) espalhados pelo país.

> Todavia, foi no momento da mais espetacular vitória do PMDB, que fez a bancada majoritária na constituinte e eleger a quase totalidade, com exceção de um dos governadores. Foi neste momento que se deu a célebre resposta do dirigente do MR-8 (que foi repassado como parábola exemplar para a militância do partido) a um dirigente do Pc do B que lhe cobrava o fato do "Oito" não ter eleito ninguém: " Elegemos a maior bancada e a maioria dos governadores.[394]

Ainda na eleição de 1989 para presidência da República, o MR-8 participou ativamente da campanha do candidato do PMDB Ulisses Guimarães. Durante a campanha, os candidatos Luis Inácio Lula da Silva do PT e Fernando Collor de Melo do PRN eram apontados pelas pesquisas como os candidatos que iriam para o segundo

[392] Idem, ibidem, p.4
[393] *Jornal O Caratinga*. Os deputados mais votados em Caratinga. Caratinga. 25/10/1986. p.4
[394] CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.261.

turno, o MR-8 acreditava numa virada do candidato do PMDB. Após a definição do primeiro turno, com a vitória dos candidatos do PT e PRN, a organização decidiu por votar nulo, uma decisão do Comitê Nacional que os demais comitês deveriam acatar. Com a frase "Nem lula, nem Collor"[395], a organização se manifestou no período eleitoral. Em Caratinga, algumas paredes foram pichadas com essa frase de protesto contra os candidatos. "Pichamos paredes da rua Catarine Cimine"[396]. Diante da rivalidade construída pelo MR-8 e o PT, não poderia ser diferente essa decisão. Fato importante, é que a organização não seguiu as decisões do PMDB, que teve seus membros divididos entre os dois partidos.

Nas eleições de 1990 o resultado eleitoral dos candidatos do MR-8 também foram negativos, embora as avaliações gerais tivessem sido "positivas". O MR-8 de Caratinga participou da eleição de 1990 apresentando dois candidato, o professor Cláudio Leitão como candidato Estadual e Albênzio Dias de Carvalho[397], integrante do Comitê Regional de Minas Gerais do " Oito", para deputado federal.

Um fato importante da campanha eleitoral que nos chamou atenção foi um debate entre os candidatos para deputado estadual e federal, realizado pelo Diretório Acadêmico da FAFIC, Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Caratinga. Como vimos, a relação entre o MR-8 e o PT foram marcadas pela virulência, tal rivalidade pudemos perceber nesse debate entre os candidato professor Cláudio Leitão e a candidata do PT Conceição Monteiro.

Na matéria do jornal sobre o debate, diz que Conceição Monteiro acusou o MR-8, da qual o Cláudio Leitão era candidato, " de ter saído da extrema esquerda, para extrema direita"[398]. A crítica refere-se as alianças do MR-8 com políticos do PMDB que representava o capital financeiro do país, como Orestes Quércia de São Paulo e Newton Cardoso de Minas Gerais.

> Claudinho rebateu à altura, desfilando seu passado político coerente e recebendo calorosos aplausos dos estudantes presentes, que de forma alguma poderiam ser acusados de serem tendenciosos quanto ao " Oito", do

[395] Idem., Ibidem p.249.
[396] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/072007, por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. *Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo.* Caratinga: Digitado, 2007, p.14.
[397] Atualmente é o principal ideólogo da Liga Operária Camponesa (LOC).
[398] *O Jornal O Caratinga*. Debates de candidatos esquenta campanha. Caratinga. 01/07/1990. p. 4.

> modo como a platéia petista agiu, só faltou aplaudirem os espirros e pigarros da candidata.[399]

A candidatura do professor Cláudio Leitão foi uma decisão que partiu do Comitê Regional, que tinha como objetivo contribuir para a eleição de Boné. A imposição de candidaturas era característico de uma organização, criada dentro dos principio do centralismo democrático. Entendemos que a questão da forma em que o MR-8 conduziu suas candidaturas sem uma sustentação do PMDB, apenas com a ajuda de seus militantes, não foi suficientemente para conseguir eleger seus candidatos. As vitórias da Frente-PMDB raramente se estenderam ao MR-8 no país.

O resultado da eleição em Caratinga teve um dado interessante, a abstenção recorde, sinal da descrença do eleitorado. De um total de 70.814 eleitores, votaram apenas 45.096, o que corresponde a 63, 7 por cento dos votos. Destes, 15.124 (33,5% do total) votaram em branco para deputado estadual, e 6.952 (15,5% do total) tiveram seus votos anulados. Foram validados apenas 23.020 votos.[400]

Esse aspecto negativo da eleição, tinha o seu lado "positivo" para o MR-8, porque estava sendo manifestada a impaciência da população com os políticos que tinham retardado o desenvolvimento da cidade.

JORNAL A SEMANA E MR-8

A escolha desse veículo de comunicação[401]para análise deste tópico do trabalho se explica pelo fato do jornal ter pertencido ao militante do MR-8, Lysias de Almeida Leitão. Desta forma, consideramos o jornal *A Semana* como um veículo de informações, inserido na realidade política-social, para intervenção da vida social.[402]

O conteúdo do jornal *A Semana* era constituído de reportagens e entrevistas, sobre economia, política, cultura, vida social e esportes. Com distribuição gratuita, o jornal podia ser encontrado todos os sábados, dia em que saem da gráfica, nos

---

[399] *Idem, ibidem.*
[400] *Jornal O Caratinga* Caratinga não elege deputados. 13/10/1990. p.6
[401] O jornal *A Semana* permaneceu um ano (janeiro de 1985 a janeiro de 1986 sob a direção de Lysias de Almeida Leitão.
[402] As renovações no estudo da história política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder. Pinsky, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p.128.

comércios e instituições que tinham espaço publicitário. Percebe-se que o jornal *A Semana* reunia pessoas de notoriedade no meio cultural e intelectual da cidade.

Sob a direção de Lysias Leitão a partir do início do ano de 1985, a linha editorial do jornal não foi alterada ema relação aos dois primeiros anos de sua existência. Matérias contra a ditadura e a exposição de uma maneira positiva do PMDB definiam a sua tendência. O que percebemos foi uma maior publicização do PMDB e do secretário geral do partido, professor Cláudio César Leitão, irmão do editor do jornal. Neste período em que esteve sob a direção De Lysias, observamos também a vinculação de algumas matérias sobre o MR-8.

Verificamos que as matérias envolvendo diretamente o MR-8 ou em que a sigla era mencionada passou a ser veiculada a partir do mês de outubro, como a matéria "MR-8: Fim da clandestinidade."[403]

Na semana seguinte, em uma entrevista com o líder comunitário de Vargem Alegre, Sérgio Machado Leitão, irmãos dos militantes da organização, uma pergunta foi dirigida sobre a aliança do MR-8 e o PMDB. Uma pergunta[404] que a nosso ver, visava obter uma resposta positiva para fortalecer a imagem da organização, uma vez que, "estar" com o PMDB representava naquele momento histórico do país, um processo de luta contra a repressão da ditadura militar. O líder comunitário deu a seguinte resposta.

> O MR-8 é um uma ala da extrema esquerda e que após todos estes anos na clandestinidade, hoje, vê com grade euforia a possibilidade de sua legalização. Oportunamente, o PMDB que neste período revolucionário sempre foi um partido de oposição, atualmente se encontra no poder e, portanto, nada mais natural para o MR-8 que aliar-se a ele. Eu, particularmente não professo a ideologia comunista; porém, creio firmemente que nós brasileiros devemos dar um voto de confiança todos aqueles que quiserem se aliar ao PMDB, visando a reconstrução deste nosso sofrido país.[405]

Essa aliança já tinha sido formada no início da década de 70 e ratificada no seu II Congresso em 1979, com um discurso marcado por uma forte defesa da unidade em torno do MDB, como já vimos no capítulo anterior.

Após um mês desta entrevista, outra foi realizada com Roberto Brandt, presidente do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), contendo

[403] *A SEMANA*. MR-8: Fim da Clandestinidade. Caratinga: 12 a 18 de outubro de 1985.
[404] A pergunta foi elaborada da seguinte forma: "O MR-8 em sua convenção nacional posicionou-se como aliado do PMDB. Como você vê isto?"
[405] *A SEMANA*. Entrevista. Caratinga: 19 a 25 de outubro de 1985. p. 2.

informação sobre essa aliança MR-8 e PMDB. A entrevista feita pelo professor Cláudio Leitão e Marcos Pizano[406] não teve nenhuma pergunta envolvendo a organização, no entanto, em uma das respostas, Roberto Brandt faz menção ao "Oito". O entrevistado tinha conhecimento que estava sendo entrevistado por um militante da organização. O jornal obteve a resposta: "Inclusive destaco o desempenho político amadurecido do MR-8, enquanto facção do PMDB, que tem garantido o sucesso de nossas forças progressistas.

No artigo, Tancredo Neves consolida posições" do colunista Eduardo Teixeira de Rezende[407], é citada a sigla do MR-8. O texto alusivo ao embate político de Tancredo Neves e Paulo Maluf fala também a respeito da administração das tendências que estavam apoiando o partido de oposição a ditadura. O articulista poderia ter citado o PCB e PC do B (partidos que estavam na clandestinidade em 1984), no entanto, a menção ao MR-8 da o significado de publicidade a esta organização. O artigo diz: "Tancredo Neves terá que conciliar aspirações desde a Frente Liberal, passando pelas Forças Armadas e chegando até o MR-8". Vemos isto, como objeto de "vida" e representação a organização no meio político.

Um dos principais pontos elegidos pelo MR-8 no III Congresso de 1982 foi o combati ao imperialismo e a luta contra o pagamento da dívida externa. Segundo a organização, o desenvolvimento do país se daria após a superação desses "entraves" da política econômica do país. Num artigo da jornalista Miriam Leitão[408], com o título "Dívida Externa", reflete o sentimento da direção do jornal e militante da organização em consonância com a visão política da organização. No artigo a jornalista se posiciona favoravelmente ao discurso defendido pelo MR-8 para aquele momento:

> A dívida externa latina-americana de 360 bilhões de dólares é impagável. Esta é a certeza que trouxeram de Caribe os brasileiros que foram a Cuba participar da reunião dos endividados. Os brasileiros voltaram de lá impressionados com o grau de informação do povo cubano sob a dívida. O senador Carlos Gomes e o professor da Unicamp Luiz Gonzaga Bellucio estavam andando em uma rua central de Havana quando foram abordados por uma adolescente cubana. A menina reconheceu os dois pelo crachá da conferência que eles carregavam no peito. No meio da conversa os dois perceberam que a menina sabia de detalhes importantes da dívida externa brasileira. É isso que nós precisamos fazer aqui no Brasil. Ensinar a todo mundo que esta dívida não pode ser paga. Sob pena de, ao final, voltarmos a

[406] Colaborador do jornal
[407] Colaborador do jornal.
[408] Colaboradora do jornal.

> ser uma república de banana. Toda esforço que fizermos para crescer vai ser perdido pagando juros de dívida externa.[409]

O fim da censura possibilitou que a pluralidade de discurso na esfera pública e a existência de uma diversidade de abordagens de discursos ideológicos despertasse no leitor uma reflexão sobre importantes fatos políticos que antes não podia em razão da mordaça que o governo militar tinha colocado nos meios de comunicação.

3.7 O DESENCANTO

O vislumbramento da revolução foi o ideário que esteve nas análises da conjuntura da organização. Foi o enredo da revolução que balizou, podemos assim dizer, a vida de cada militante, motivando no trabalho do "Oito".

Quando Tancredo Neves se elege na última eleição indireta para presidente do país, o secretário da organização de Caratinga escreveu um texto para imprensa, postulado daquilo que emoldurava a "aura da revolução":

> 15 de janeiro
>
> Está nascendo um novo Brasil
>
> 15 nasceu forte e exuberante.
>
> Os corações brasileiros acordaram ardentes de esperanças e as mentes repletas de certeza de um Brasil melhor, livre e feliz.
>
> 15 nasceu e deixa para traz 20 anos de escuridão, sofrimentos e tristezas.
>
> 15 nasceu na vontade de todo nosso povo lutar ainda mais para a reconstrução de um novo Brasil para todos nós.
>
> Está chegando a hora derradeira de por fim à exploração sobre essa pátria e a gerência humilhante do FMI[410].

O título "Está Nascendo um novo Brasil", foi apropriado do livro do secretário geral do MR-8 Cláudio Cardoso de Campos, que fazia referência as vitórias do PMDB nas eleições de 1982. O nascer um novo Brasil, para os militantes apontava para o grande momento que estava para acontecer, na avaliação do MR-8, a Revolução Nacional Democrática.

---

[409] *A SEMANA*. Entrevista. Caratinga: 17/11/1985, p. 02.
[410] CAMPOS, Cláudio Cardoso. Por um Brasil Brasileiro. Global editora, São Paulo- SP. 1985.

O contexto político marcado pela derrocada da ditadura inaugura também, uma nova perspectiva da militância para o advir da revolução.

> Esta conjuntura que para certos grupos de esquerda foi considerado como retrocesso, ou que para outros foi visto sem muito entusiasmo, como a transição possível; para o MR-8 foi o cumprimento de uma etapa da revolução. Daí porque eles pintaram com tintas revolucionárias os personagens e situações que aos olhos da maioria não foram tão excepcionais ou para outros grupos de esquerda, até revolucionários.[411]

A questão nodal, portanto, passou a ser a expectativa de mudanças que o novo governo, com o presidente José Sarney iria colocar em prática, conforme o MR-8 gostaria. Enquanto a organização não conformaria[412] com a política econômica do presidente José Sarney, em Caratinga como vimos, a organização não lograva Êxito na política partidária.

O MR-8 a partir do início da década de 90 perde significativa força, deixando de existir em cidades do país. O período na qual o MR-8 teve envolvimento, estabelecendo-se na política partidária começou em 1979 na formação do PMDB na cidade, se estendendo até as eleições presidenciais de 1989, periodização que cobriu importante ciclo da vida política do município e do país (a fase final da luta contra a ditadura militar, a transição democrática até os primeiros eleições diretas para presidente depois do golpe de 64.

Após a disputa da eleição de 1990, o MR-8 continua se reunindo com menos freqüência, deixando de existir em 1992, quando a sua principal liderança abandona a organização.

> Quando você começa a perceber, inicio de 90, que essa estratégia do PMDB, o PMDB começa deixar essa frente, os outros partidos começam a crescer, o PMDB começa a entrar numa série de, externar umas coisas assim, termos de corrupção e tal. Então aí, eu pessoalmente deixei de acreditar nessa estratégia e a minha motivação começa abaixar. Aí vou migrando para a questão da educação, como instrumento de transformação permanente da sociedade. Eu vou fazer meu investimento de luta, passa ser a educação, do jeito que der, fazer educação popular, educação superior, ou

[411] CAMURÇA, Marcelo Ayres. Kula, Marcin (Orientador) Os "melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p.256

[412] Sarney depois do Plano Cruzado passa a ter o oposição do MR-8 a política econômica do seu governo: " ao contrário do Plano Cruzado e da mesma forma o Plano Bresser, o Plano Verão é recessivo e reduza ainda mais o salário ("Moratória", artigo de Cláudio Campos, Folha de São Paulo, 1988). Idem, Ibidem, p.256

> seja, em todos aspectos a educação como instrumento de avanço da sociedade. Por isso a 1º faculdade que eu criei aqui, a faculdade de Serviço Social.[413]

A saída do professor Cláudio Leitão mostra o seu importante papel dentro do MR-8 de Caratinga, uma característica típica das organizações ou partidos comunistas de personificar das lideranças. O seu desligamento da organização representando o fim da organização em Caratinga, foi uma atitude individual que conduziu os demais militantes a mesma ação.

Continuar sustentando a idéia de Revolução Nacional e Democrática no início da década de 90, com um contexto sendo construído por uma política econômica neoliberal, reorganizada para se enquadra no "mundo globalizado", tendo o PMDB como a Frente, não faria mais sentido.

> Uma pergunta fica: ao "morrer" o MR-8, morreu apenas uma dissidência que estava já combalida e pretendendo abandonar o projeto revolucionário? Morreu um partido " voluntarista" condenado a penar entre os vivos como um " espectro", "alma penada", sombra do que foi nos seus melhores tempos? ou morreu uma época, onde se gritava "abaixo a ditadura" e se sabia " o caminho do bem e do mal que tanta nostalgia trás e aparece nos depoimentos dos informantes para os do MR-8. As mesmas certezas, o mesmo fervor e "espírito" revolucionário, ainda os impulsiona a verterem seu sangue pátria, na defesa das estatais, nos enfrentamentos com a polícia. Heroicidade vista com indiferença ou estranhamento nestes tempos de crise dos "paradigmas.[414]

Ficou evidenciada para nós, na análise desse trabalho, a dificuldade do MR-8 para sustentar uma convicção ideológica sobre o seu projeto revolucionário. Face às dificuldades apresentadas pela política de Caratinga, somadas à " crise ideológica" na fim da década de 80 e início da década de 90, o MR-8 de Caratinga encerraria o seu processo de intervenção. Tal participação centrada na pessoa do professor Cláudio Leitão não pode ser avaliado por "erros" ou "acertos" de suas decisões, mas pela sua coerência, defendida em nome de um projeto revolucionário para o país.

---

[413] Entrevista concedida a Daniel Gustavo da Silva Souza em 12/072007, por Cláudio Leitão, registrada em: Transcrições das entrevistas de Daniel Gustavo. GUSTAVO, Daniel. *Transcrições das Entrevistas de Daniel Gustavo.* Caratinga: Digitado, 2007, p.13

[414] CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) *Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado*) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994 A esquerda e o Golpe de 64. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989, p. 222

CONCLUSÃO

Entendemos que o âmago do MR-8 durante o período que nos propusemos analisar, invariavelmente foi a convicção de caminhar certo rumo à revolução; tal intento estabeleceu um conjunto de posicionamentos, ações e práticas que obedeciam a uma coerência ditada pelo "centralismo democrático" vivido pelo organização

Esta coerência à qual nos referimos tem a ver com o seu posicionamento diante daquilo que foi discutido e aprovado internamente pela organização. Percebemos isso quando, no terceiro capítulo, analisamos a participação da organização na política da cidade de Caratinga, destacando-se em tal conteúdo uma subserviência da militância local às orientações oriundas do Comitê Regional (Minas Gerais), bem com a busca de ações políticas baseados nas diretrizes políticas do MR-8, tais como a participação do movimento estudantil da cidade através de seus militantes, disputas nos sindicatos dos trabalhadores rurais, formação do PMDB e PMDB – Jovem, organização da União Comunitária no governo Dr. Fabinho, e realizações de protestos na cidade contra a dívida externa. Naquele momento estava em voga o seu objetivo de implantar de uma sociedade ainda nos marcos burgueses, mas avançados, com maior participação dos trabalhadores na elaboração da política nacional.

Com o fim da clandestinidade, a opção de 1985 de permanecer no PMDB é fruto de sua avaliação quanto ao momento político do país. O PMDB, na visão do MR-8, era o partido que estava avançando para a tão desejada Revolução Nacional Democrática. Essa perspectiva movia a militância a uma busca de implementação de seus interesses dentro do PMDB. Depois de 1985, a disputa se daria no interior do PMDB, pois a Frente era o principal meio para avançar a revolução.

Quanto às suas alianças com políticos que representavam o oposto daquilo que muitas vezes a organização atuava, nos mostra como a "lógica" do MR-8 para alcançar o seu objetivo maior, a revolução.

Essas alianças eram formadas após a organização formular a sua análise de conjuntura política do país. Se na década de 80 a dívida externa e o interesse "imperialista" dos EUA no Brasil era uma real "ameaça" da burguesia nacional,

concluía-se então que havia uma contradição entre os interesses dos capitalistas brasileiros e o grande capital estrangeiro. Aliar-se a essa burguesia nacional, e ao mesmo tempo organizar os movimentos sociais seria a "receita" da Revolução Nacional.

No final da década de 80, quando é eleito por via direta o presidente Fernando Collor de Melo pelo PRN, o MR-8 teria novamente de adiar a revolução. O colapso do comunismo soviético solapou as aspirações do " socialismo não comunista, marxista ou qualquer outro, embora nenhum desses regimes ou governos houvesse de fato chegado a ter estabelecido economias socialistas.[415]"A queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989, marca também o fim do regime comunista no leste europeu. Diante desse contexto nacional e internacional adverso, não daria fim o MR-8, mas certamente contribuiu para seu enfraquecimento da organização no país.

O MR-8 enveredou por um certo caminho, crendo que após a redemocratização no país a revolução avançaria. Uma "ilusão" que mais tarde se revelaria. A derrocada do socialismo no Leste europeu refletiu-se significadamente no pensamento da esquerda brasileira. Nos anos de 1990, os fenômenos econômicos e políticos em escala mundial, globalização e o neoliberalismo impuseram reformas orientadas pela lógica do mercado, redesenhando a história política do país.

A conseqüência ideológica de que o socialismo fracassou e que se havia chegado "ao fim da história", culminando com a chegada de Fernando Collor ao poder, aprofundou as políticas desse novo modelo capitalista, contribuindo para a desarticulação não só do MR-8 , mas de toda a esquerda brasileira.[416]

No entanto, o fim do MR-8 em Caratinga e em várias partes do país no início da década de 90 não ofusca o seu papel contra o regime opressor suplantado pela ditadura militar e na formação e organização de movimentos de massas, nas lutas pelas diretas-já.

O MR-8 atuou e esteve presente na vida política partidária nos movimentos organizados, buscando no interior do PMDB reproduzir a sua ideologia, e embora com a crise do socialismo na década de 80, tenha-se passado a dizer que a esquerda e sua ideologia tornaram-se obsoletas, afirmação que também faz parte do jogo ideológico.

Em Caratinga, a participação do MR-8 se confunde com a própria história dos primeiros anos de existência do PMDB na cidade. Em se tratando do PMDB nacional,

---

[415] HOBSBAWN, Eric. A era dos extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.542

[416] As mudanças mais visíveis nos partidos de esquerda do Brasil culminaram em 1992: no PT, com a expulsão da tendência minoritária da Convergência Socialista e a conseqüente formação do PSTU; no PC do B, com a adoção de um novo discurso trazendo críticas (até, então inéditas ao partido) ao Stalinismo.

não podemos precisar o grau de interferência da organização nas decisões do partido, mas é inegável a sua contribuição na luta contra o regime militar, tendo sido uma força política que representasse não apenas o caminho para a revolução, mas uma possibilidade de mudança em um momento em que a democracia que estava estabelecendo apresentava-se a prática de ordem e da estabilidade social, como uma formula de encobrir a realidade nacional, envolto por desigualdade e contradições sociais.

FONTES

DEPOIMENTOS:

1º Prof.. Msc. **Cláudio Cézar de Azevedo de Almeida Leitão**. Atualmente é diretor das Faculdades Integradas de Caratinga – FIC, e da rede Dóctum de Ensino Superior. Foi ex secretário regional do MR – 8 de Caratinga.

2º Dr. **Hélio Amaral.** Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ e diretor do instituto Hélio Amaral em Caratinga. Ex padre militante de movimentos revolucionários da época da ditadura militar, atuando contra o governo, sendo companheiro de cela de frei Tito e frei Beto.

3º Prof. Msc. **Salatiel Ferreira Lúcio**. Atualmente é professor do curso de direito das Faculdades Integradas de Caratinga. Foi militante ativo da organização MR – 8 em Caratinga.

4º Prof. Msc. **José Ayltom de Matos**. Atualmente é Professor do Centro Universitário de Caratinga. Foi secretário do governo municipal de Anselmo Bonifácio.

5º **José Carlos Cerqueira**. Atualmente é diretor da Rádio Cidade do Município de Caratinga. Foi assessor de imprensa do governo de Anselmo Bonifácio.

Acervos documentais:

Instituto Hélio Amaral
Diretório do PMDB
Diretório do PFL
Câmara Municipal de Caratinga

Impressos:

FOLHA DE SÃO PAULO. *Partidos legais e entidades tiveram seus oradores e faixas*. São Paulo. 27/06/1984.

O ESTADO DE SÃO PAULO. A extrema esquerda – MR-8 (Uma série de Marcos Foermam). São Paulo, 07/06/83.

A SEMANA. Entrevista: Anselmo Bonifácio. Caratinga, p. 10

_____ Fabinho pede saída de Cláudio de secretaria. Caratinga. 09 a 15/02 85. p.1.

_____ Entrevista: Dr. Anselmo Bonifácio. Caratinga: 18/01/1986, p. 02.

O Jornal de Caratinga. Crise interna divide ARENA no município. Caratinga Ano 2, nº31, 27 de julho de 69

_____Resultado das eleições para Deputado Federal e Senador do Município de Caratinga 1974 – 1978. 20/11/1976

_____*,* 04/4/ 1971, p.11.

_____PDS Vai de Cortes e de Zé Pessoa para Prefeito. Caratinga: 14/081982, p. 01.

_____PMDB X PDS 2, no América. Caratinga: 12/06/1981, p. 12.

_____ PP já tem seus candidatos com apoio de ex-udenistas, de Caratinga: 02/08/1980, p.3.

_____ PP enfraquece o PDS em Caratinga. Caratinga: 15/12/1980, p. 04.

_____PMDB X PDS 2, no América. Caratinga: 12/06/1981, p. 12.

_____PP enfraquece o PDS em Caratinga. Caratinga: 15/12/1980, p. 04.

_____Dr. Anselmo denuncia: PSD de Caratinga é uma verdadeira máfia. Caratinga: 21/07/1979. p. 7

_____Pesquisa. Caratinga. 08/07/1982, p.5

_____PMDB A grande vitória. 23 novembro de 1982.

_____Morrer pelo voto do povo. Caratinga: 22/12/82, p. 05.

_____Fabinho e o PMDB unidos. Caratinga: 02 de junho de 1984.

_____O Caso Cláudio Leitão. Caratinga: 23/02/85, p. 01.

_____Manifesto do PMDB ao povo de Caratinga. Caratinga: 30/03/1935, p. 06.

_____Entrevista com o Dr Anselmo Bonifácio. Caratinga. 06 a 12/ 04/ 1985.p 1.

_____Ferreirinha é o candidato do PMDB. Caratinga 30/07/1985. p.7

_____PMDB Jovem se reúne e organiza showmício. Caratinga: 03 /10/1984, p.3.

_____ Fim da ditadura. Raiou a democracia. Caratinga: 09 a 25 /01/1985. p.

_____Fim da ditadura. Raiou a democracia. Caratinga: 09 a 25 /01/1985. p1

_____Entrevista. Caratinga: 09 a 25 /01/1985. p 2.

_____MR-8 fim da clandestinidade. Caratinga 12 a 18/10/ 1985. p.1.

_____Cláudio Leitão e o MR_8: uma voz em defesa da Líbia e de Kaddaf. Caratinga. 20/05/1986. p 6.

_____ MR-8 fim da clandestinidade. Caratinga 12 a 18/10/ 1985. p. 15.

_____Carta Desagravo. Caratinga. 19/07/1986. p.4

_____Os deputados mais votados em Caratinga. Caratinga. 25/10/1986. p.4

_____Debates de candidatos esquenta campanha. Caratinga. 01/07/1990. p. 4.

_____ Entrevista. Caratinga: 17/11/1985.

_____Entrevista. Caratinga: 19 a 25 de outubro de 1985.

TOQUE CULTURAL. O grupo Caratinga.: 24/06/1998, p7.

Artigos:

-CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo. Uma discussão conceitual. Disponível em: <http// www.sociologia.ufsc.br/ Mandonismo Coronelismo, Clientelismo. Uma discussão conceitual >acesso em 17/12/2005.

Outros Documentos:

RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO II CONGRESSO DO MR – 8. São Paulo: Quilombo, 1979.

RESOLUÇÕES POLÍTICAS DO III CONGRESSO DO MR – 8. São Paulo: Quilombo, 1982.

BRASIL. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL. Superintendência Regional do Estado do Rio de Janeiro. Serviço de Informações. Informe nº 536/82/ - SI /

SR/DPF/RJ. 17 / 05/ 1982. Carlos Eugênio Sarmento Coelho da Paz – Ex- ALN. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, nº149.

BRASIL. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL. Superintendência Regional do Estado do Rio de Janeiro. Serviço de Informações. Informe nº 493/82 – SI/ SR/ DPF / RJ. 06/ 05/ 1982. Teses para o III Congresso do "MR – 8" – Movimento Revolucionário Oito de Outubro. Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, nº 146.

Internet:

http://www.cecac.org.br/MATERIAS/Homenagem_Tonico _Acesso em 18 de janeiro de 2008.

http://www.google.com.br . Fotografia do Zeca Diabo. Acesso em 05/06/2008

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*. Bauru – São Paulo: Edusc, 2005.

AMORIM, Oswaldo Bueno. FILHO, Nelson Sena. *A morfologia das Cidades médias*. Goiânia: ed. Vieira, 2005.

BASBAW, Ieôncio. *Uma vida em seis tempos (Memórias)* São Paulo:Alfa ômega, 1978.

BOBBIO, Norberto. *Estado Governo Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. São Paulo: (EDUNB) Editora Universidade de Brasília, 5º Edição, 2004. vol. I e II.

BRASIL NUNCA MAIS. Petrópolis: Vozes, 1985. Vol. 1

CAMPOS, Cláudio Cardoso. *Por um Brasil Brasileiro*. Global editora, São Paulo- SP. 1985.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. KULA, Marcin (Orientador) *Os "Melhores filhos do povo." Um estudo do ritual e do simbólico numa organização comunista – O caso do MR – 8. (Tese de Doutorado*) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994 A esquerda e o Golpe de 64. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CAVALCANTI, Paulo. *O caso eu conto como o caso foi*. São Paulo: Alfa ômega, 1992.

CHIAVENATO, Júlio José. *O golpe de 64 e a ditadura militar*. São Paulo. Moderna. 1984.

DREIFUSS. René Armand. *1964: A conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1981.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: Unesp/ Boitempo,1997.

FERREIRA, Jorge e ALMEIDA, Lúcia Neves Delgado. *O Brasil Republicano, o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*, Rio de Janeiro – RJ: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Jorge e ALMEIDA, Lúcia Neves Delgado *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimento sociais em fins do século XX* Rio de Janeiro – RJ: Civilização Brasileira, 2007.

FILHO, Daniel A. Reis. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FILHO, Daniel A. Reis. *O Golpe e a Ditadura Militar: Quarenta anos depois (1964 – 2004*) São Paulo: EDUSC, 2004.

FILHO, Daniel A. Reis. SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução. Documentos políticos das organizações clandestinas dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

FILHO, Daniel A. Reis. CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Revolução e Democracia (1964 - ...)*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2007.

GABEIRA, Fernando. *O Crepúsculo do Macho: depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1982.

GABEIRA, Fernando. *O que é isso companheiro?*. Companhia das Letras – RJ, 1998.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, Elio. A *Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, ELIO. *A Ditadura Derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1990.

HIPPLITO, Lúcia *PSD: de raposas e reformistas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOBSBAWN, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

IANNI, OCTAVIO. *A formação do Estado populista na América Latina*. São Paulo: editora Ática, 1989.

KINZO, Maria D' Alva Gil. *Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB, 1976 – 1979*. São Paulo: Vértice/ IDESP, 1988.

LENIN, *Que Fazer*. Buenos Aires – Argentina: Editorial Anteo, 1972.

MAINWARING, Scott P. *Sistemas partidários em novas democracias – O caso do Brasil*. Tradução de Vera Pereira. Porto Alegre: Mercado Aberto; Rio de Janeiro – RJ: FGV, 2001.

MARX, Karl. *A ideologia alemã*, São Paulo – SP: Martins Fontes, 1998.

MATTOS, José Aylton. *Partidos Políticos no Município de Caratinga*. (Dissertação de mestrado). Universidade Severino Sombra – USS. Vassouras – RJ, 2008.

MORAES, Denis de. *A esquerda e o Golpe de 64*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

MOURA, Ana Maria S; FILHO, Nelson Sena. *Cidades: relações de poder e cultura.* Goiânia: Ed.Vieira, 2005.

OZAÍ, Antônio da Silva. História das tendências no Brasil, São Paulo: Proposta, 1987. Perfil dos atingidos (PROJETO BRASIL: NUNCA MAIS): Petrópolis: Vozes, 1988. Vol. IV.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

POMPERMAYER, Malari José. *Movimentos Sociais em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1987.

RÉMOND, René, *Por uma história política*. Rio de Janeiro – RJ: Editora FGV, 2003

SODRÉ, Nelson Werneck. *Vida e Morte da Ditadura. 20 Anos de autoritarismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileiro*. São Paulo: Unesp, 1993.

RIDENTI, Marcelo. *Política pra que?*. São Paulo: Atual, 1992.

ROSANVALLON, Pierre: *Por uma História conceitual do político*. São Paulo: Revista Brasileira de História, V-15, nº 30. 1995

SALGADO, Gilberto. *Cultura e Instituições sociais*. Juiz de Fora: UFJF, 2006,

SCOTT Mainwarinf, RACHEL Meneguella, TIMOTHY Power. *Partidos Conservadores no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SILVA, Antônio Ozaí. *História das tendências no Brasil*. São Paulo: Proposta, 1987.

STARLING, Heloísa Maria Murgel. *Os senhores das gerais*. Petrópolis: Vozes, 1986.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo